



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS - CAHL  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA, DESIGUALDADES E  
DESENVOLVIMENTO

**Lumara Cristina Martins Santos**

**“IJEXÁ NAS RUAS:  
um estudo sobre o circuito de Festividades para Oxum em Sergipe.”**

Cachoeira - BA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS - CAHL  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA, DESIGUALDADES E  
DESENVOLVIMENTO

**Lumara Cristina Martins Santos**

**“IJEXÁ NAS RUAS:  
um estudo sobre o circuito de Festividades para Oxum em Sergipe.”**

Dissertação apresentada ao Núcleo Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Liberac Cardoso  
Simões Pires

Cachoeira - BA

2014

**Lumara Cristina Martins Santos**

**“IJEXÁ NAS RUAS:  
um estudo sobre o circuito de Festividades para Oxum em Sergipe.”**

Dissertação apresentada ao Núcleo Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em:

Banca Examinadora:

---

---

---

Cachoeira - BA

2014

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha Mãe Oxum, por cuidar de mim mesmo nos momentos em que as esperanças eram mínimas; fortalecendo minhas crenças, meu orí, meu corpo, para enfrentar as dificuldades e conseguir fechar essa fase da minha vida. Nunca haverá palavras para equiparar minha gratidão e meu amor.

Ao meu pai, João Emanuel Santos, e à minha mãe, Tereza Cristina Santos Martins, por tudo que me proporcionaram. Os caminhos são tortos, mas me ensinaram a andar e a adquirir a base que carrego comigo. Obrigada pelo carinho, amor, paciência, broncas e recursos. A fruta nunca cai longe do pé.

Aos meus avós maternos, Marinalva e Adão, que sempre estiveram presentes nos cuidados e insistindo para que eu comesse até ter ficado mais “fortinha”; Sou grata por sempre reforçarem os ensinamentos de respeito ao próximo e amor pela terra.

À minha bisavó Brandina por me ensinar a comer de bolo, realmente, é mais gostoso; sua presença constante nos faz sorrir.

Aos meus avós paternos que, apesar da ausência física, sempre estão presentes.

À minha irmã, filha, amiga e companheira, Isabel Cristina, por toda a paciência em me ouvir e aconselhar. Mesmo com a distância nunca se fez distante, obrigado por ser a luz da nossa casa.

Aos meus tios, primos, primas e toda essa família extensa, por compreender minhas ausências e incentivar minha jornada.

À Comunidade Remanescente de Quilombo Pontal dos Crioulos, por ter sido o início da família materna e dos estudos antropológicos, me ensinando a lutar e a resistir.

Ao meu orientador, Antônio Liberac, pelo incentivo e dedicação dados ao trabalho e a mim.

Ao professor Luiz Gustavo Correia, por acompanhar minha trajetória, dedicando paciência para contribuir com este trabalho.

À turma de pós-graduação pelos debates, conflitos, risadas. Agradeço, principalmente, o apoio dos colegas Mônica Campos, Ana Carla Evangelista, Antônia Vieira, Hiran Souto, Wellington Pereira.

Às amigas e amigos, Yérsia Assis, Laize Santana, Alessandra Santos, Jefferson Dantas, Ruth Ribeiro, Roberto Canuto, Elizano Assis, Tia Vânia, Elaine Gomes, que estão presentes nessa trajetória acadêmica, por acreditar e apoiar a pesquisa; pelo cuidado, carinho, atenção e pelas horas dedicadas a me ouvir.

Ao amigo Saulo Matos, pelos momentos de cumplicidade, risadas e música inspiradora. Muito grata pelo acolhimento na sua casa em Cachoeira.

Aos companheiros de moradia, Cauê Rocha e Flávia Pedroso, por iluminarem nossa casa; pelos cafezinhos banhados de muita risada; pela fraternidade salvadora e curadora.

À Liliane Santana, pela companhia na pesquisa de campo, nas viagens e no dia a dia; pelas discussões enriquecedoras; pelo apoio, carinho e amor.

À Geilson Gomes, pelas contribuições na pesquisa de campo, na limpeza das gravações, nas transcrições das entrevistas; pelo companheirismo, carinho, amor, paciência que tem comigo em tudo.

Aos participantes e organizadores das festas, por me receberem, contribuírem e possibilitarem a existência desse trabalho. Agradeço, em especial, a Otávio Luiz, a Ialorixá Angélica Oliveira, a Ialorixá Bequinha e a Ialaxé Martha Sales, por dedicarem tempo para transmitir seus conhecimentos, vivências e visões de mundo; por abrirem parte de suas vidas confiando neste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como foco analisar, a partir da etnografia da Lavagem de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju e em Riachuelo, ambas, cidades localizadas no estado de Sergipe, a formação de um Circuito de Festividades para Oxum no Estado. E com isso, perceber as articulações em ascensão do debate de identidade, consequentemente, identidade afro-religiosa. Essas manifestações culturais, de caráter híbrido, combinam práticas e símbolos das religiões afro-brasileiras e do catolicismo, insurgindo através da noção de promessa, caracterizada pelo sincretismo afro-católico em que a Imaculada Conceição é correlacionada ao orixá Oxum. Nesse sentido, as festas em análise contêm aspectos em que a construção destas e a apropriação dos espaços públicos se dão via produção, reprodução e transformações do evento festivo. Essa busca pela legitimidade pode incluir ou excluir os detentores ou não de um capital religioso, firmando uma identidade local, uma identidade afro-sergipana, que emerge nas relações imersas neste universo.

**Palavras-chave:** Religiões Afro-Brasileiras, Festa, Ritual, Identidade, Conflito.

## ABSTRACT

This work focuses on hold from the ethnography *Laundering Our Lady of the Conception* in Aracaju and Riachuelo, both cities located in the state of Sergipe, analyze the formation of a circuit Festivities for Oshun in the state. And with that, realizing the joint debate on the rise of identity, consequently african-religious identity. Where these cultural manifestations of hybrid character combine practices and symbols of african-Brazilian religions and Catholicism, rising up through the notion of promise characterized by african-Catholic syncretism in which the Immaculate Conception is correlated to the orisha Oshun. Accordingly, the parties in question contain aspects in the construction of these and the appropriation of public spaces occur via production, reproduction and transformation that the festive event. Where the search for legitimacy includes and excludes holders or not a religious capital firming a local identity, an african-sergipana identity that emerges immersed in this universe conflictual relations.

**Keywords:** Afro-Brazilian Religions, Party, Ritual, Identity, Conflict.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Primeira Lavagem da Conceição em Aracaju (1982) .....	37
Foto 2: Casa de Apoio na Rua Armino Guaraniá. ....	49
Foto 5: Arrumação dos Jarros.....	53
Foto 6: Ialorixá Angélica de Oliveira. ....	54
Foto 7: Babalorixá João Santos. ....	55
Foto 8: Nossa Senhora da Conceição. ....	56
Foto 9: Representação de Oxum.....	57
Foto 10: Grupo Afro Cultural Axé Quizomba.....	58
Foto 11: Chegada na Colina. ....	58
Foto 12: Porta estandarte. ....	58
Foto 13: Grupo de Participantes Dançando.....	58
Foto 14: Panorâmica do Cortejo.....	58
Foto 15: Entrada na Praça Olímpio Campos. ....	58
Foto 16: Discurso da Ialorixá Angélica.....	58
Foto 17: Comprimento entre Padre e Ialorixá. ....	58
Foto 18: Entrada da Catedral.....	58
Foto 19: Visão da Praça.....	58
Foto 20: Xiré na Praça da Catedral.....	58
Foto 21: Espaço do Almoço. ....	58
Foto 22: Mesa de Bolos e Lembranças.....	58
Foto 23:Fala da Ialorixá Angélica no salão de festas. ....	58
Foto 24: Integrantes do Samba de Coco.....	58
Foto 25: Vereador Emmanuel Nascimento a Esquerda de Blusa Braca e Calça Jeans. .	58
Foto 26: Trabalhadores Informais. ....	58
Foto 27: Representações das Iabás em frente a Catedral.....	58
Foto 28: Ialorixá Angélica fazendo saudação a imagem de N. S. da Conceição, na Catedral.....	58
Foto 29: Ialorixá Angélica Acompanhada do Vereador Emmanuel Nascimento. ....	58
Foto 30: Roda para o Xiré. ....	58
Foto 31: Barracão do Omin Mafé.....	58
Foto 32: Arrumação da Imagem de Nossa Senhora da Conceição .....	58
Foto 33: Instrumentos de Percussão.....	108

Foto 34: Instrumentos de Percussão.....	108
Foto 35: Ogã Florival e Ex-vereadora Rosangela Santana.....	109
Foto 36: Carros Bloqueando a Rua em Riachuelo/SE.....	110
Foto 37: Participantes da Lavagem em Frente ao Terreiro Omin Mafé.....	111
Foto 38: Ialorixá Jean Carla e Ednéia.....	112
Foto 39: Filhas de Santo com Pétalas de Flores.....	112
Foto 40: Mãe Bequinha.....	113
Foto 41: Cortejo da Lavagem de Riachuelo/SE.....	114
Foto 42: Participantes Dançando.....	115
Foto 43: Final do Cortejo da Lavagem.....	115
Foto 44: Chegada na Igreja Matriz em Riachuelo/SE.....	116
Foto 45: Participantes em Frente à Igreja Matriz.....	117
Foto 46: Iyá Regiane Depositando Flores na Porta da Igreja.....	117
Foto 47: Mãe Bequinha Lavando as Escadarias da Igreja.....	118
Foto 48: Flores e Água na Escadaria.....	119
Foto 49: Roda em Frente à Igreja.....	119
Foto 50: Participantes Recolhendo Flores Deixadas na Igreja em Riachuelo.....	121

**LISTA DE ABREVIATURAS**

Cultart – Centro de Cultura e Artes

INC – Incompreensível

NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT – Partido dos Trabalhadores

SMTT – Superintendência Municipal de Trânsito e Transporte

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UNIT – Universidade Tiradentes

UPV – Universidade Politécnica de Valença

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 - O Ritual nas Ruas: Festa, Religião e Espaço Público</b> .....	24
<b>CAPÍTULO 2 - Lavagem da Conceição em Aracaju/SE</b> .....	35
2.1 – A Festa e seu Contexto Histórico .....	35
2.2 – Parabéns para Oxum: etnografia do ritual festivo .....	48
2.2.1 – As Festas Dentro da Festa .....	69
<b>CAPÍTULO 3 – Lavagem de Nossa Senhora da Conceição do Vale do Cotinguiba</b> ...	83
3.1 – Histórico - Parte 1: Do runcó à igreja ou vice-versa .....	83
3.2 – Histórico - Parte 2: Mãe Bequinha e suas histórias .....	98
3.3 – As Águas de Omin Mafé: etnografia da festividade .....	103
<b>CONCLUSÃO</b> .....	112
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	125
<b>ANEXOS</b> .....	131

## 1- Introdução

Essa dissertação se inicia com a vontade de saciar o desejo de conhecer sobre uma festa que tive contato ao adentrar na graduação. Nesse sentido, pude observar que as escolhas dos objetos de pesquisa se dão a partir de inquietudes surgidas nas interações sociais e nos conflitos existentes entre elas e a teoria. Porém, não podemos enquadrar essa decisão somente referente à tensão apontada, ou seja, as tensões são partes de um emaranhado, tal como uma bola de lã caprichadamente remexida por um gato. Assim, compreendemos que diversos fatores influenciam uma estrutura maior, a qual os aspectos apontados fazem parte.

Ao me dar conta desse tumulto relacional entre práticas sociais e teoria, que me propus estudar a Festa da Lavagem da Conceição em Aracaju/SE. Pois, a vontade de compreender como um ritual festivo, realizado por adeptos das religiões de matrizes africanas com o seu ápice nas escadarias da catedral, maior símbolo católico do Estado, estava ininterruptamente há tanto tempo existindo, encheu meu pensamento de curiosidades e questionamentos.

O fato do meu ingresso no curso de ciências sociais ter se dado quase concomitantemente com a minha inserção no que irei colocar como universo das religiões afro-brasileiras influenciou o meu interesse pelo tema. Essa inserção se deu através do curso de dança afro-brasileira. A partir daí, comecei a conhecer pessoas do movimento negro local e a dialogar com elas, assim como, também me aproximei de candomblecistas e umbandistas. Assim, a partir da dança afro me inspirei em estudar as religiões de matrizes africanas que tanto influenciam essa arte.

Com isso, foi em novembro de 2006 que presenciei e participei pela primeira vez da festa em questão. Posso descrever esse momento como de plena euforia: percorrer todo o cortejo, interagindo com os meus amigos do curso de dança, até mesmo com pessoas que eu nem conhecia, além do fato de visualizar a festa com o esplendor do estranhamente; tudo era novidade. Inclusive, o que se passava pela minha mente como recém graduanda em ciências sociais: esse fato social deveria ser estudado. E foi o que comecei a fazer na primeira oportunidade.

Tempos depois, procurei trabalhos de conclusão de curso acerca dessa festividade e não encontrei nenhum. Com a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais, fomos encorajados a pensar nas nossas propostas de pesquisa monográfica, o que me fez buscar mais informações com as professoras e professores para desenvolver o projeto. Além de constatar que não havia, ou pelo menos, não se sabia de nenhum trabalho etnográfico sobre a Lavagem.

No decorrer da pesquisa, notifiquei que a bibliografia acerca das religiões de matrizes africanas no estado sergipano também é escassa. O fato é que se fala pouco sobre essas religiões e, dentre o material sobre elas, percebemos que uma boa parcela têm os seus objetivos voltados para o estudo de festejos sincréticos com o catolicismo – assim como o trabalho que estou desenvolvendo – ressaltando aspectos do sistema católico. Mas, pretendo destacar a percepção dos atores afro-sergipanos diante de construção fato social. Assim, a exceção mais significativa e base para o desenvolvimento de vários trabalhos na temática foi a dissertação de Beatriz Gois Dantas de 1982, *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Esse, posteriormente, foi transformado em livro, obtendo grande repercussão por discutir a construção do modelo nagô como tradição legítima dos cultos afro-brasileiros.

Mas, esse fato vem mudando, pois, recentemente, a produção de dissertações vem contemplando essa área. Sobre a Festa para Oxum, isso mudou com a realização de um TCC do curso de história da Universidade Tiradentes (UNIT) e com a dissertação no curso de sociologia de Anderson dos Santos, na Universidade Federal de Sergipe (UFS). O fato de haver uma dissertação com a mesma temática e proposta etnográfica me deixou desmotivada para dar seguimento ao estudo. Porém, devemos salientar que essa semelhança se esgota nesse aspecto, pois, o arcabouço teórico, os métodos, a inserção no campo, assim como, a forma de conduzir a pesquisa, se deram diferenciadamente. Pois, cada pesquisador realiza uma interpretação das suas vivências de campo, destacando as suas nuances interpretativas.

Nesse sentido, as observações e questionamentos levaram a pretensão de analisar como segmentos das religiões afro-sergipanas estruturam as suas festas públicas e se apropriam simbolicamente dos espaços públicos e, prioritariamente, no caso dos rituais de lavagens, dos espaços demarcados pelo domínio político-religioso católico. Afinal de contas, vivemos em um país que se diz laico, mas, na prática não é –

*vide* o símbolo do catolicismo, o crucifixo, estar presente em muitas das repartições públicas (Fischaman,2009).

Por isso, a partir da festa em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, concomitantemente também eleita como uma festa em louvor a Oxum, faço os seguintes questionamentos: Quando esse ritual começou? Como se deu o início e a permanência da festa em Aracaju? Quais os atores sociais que estiveram e/ou continuam realizando o evento? E qual o significado dessa festividade para essas pessoas e para os segmentos da sociedade envolvidos?

Com isso, destacamos como festas públicas que compõem um Circuito de Festividades em Louvor a Oxum como a Lavagem em Aracaju, a Lavagem do Vale do Cotinguiba e o Afoxé Omo Oxum, que surgiram respectivamente em 1982, 2000 e 2005. A realização dessas novas festas, posteriores a Lavagem de N. S. da Conceição em Aracaju/SE, só ocorreram 18 anos depois, indicando uma possível mudança no cenário religioso e político. Isto é, algo fez com que esses atores almejassem e levassem à prática a realização de outras festas públicas afro-religiosas.

Apesar de partir de questões básicas, tal como as apresentadas acima (Onde? Quando? Por quê?), – e essa é a intenção – estamos trabalhando para entender o objeto como um todo, e, são essas indagações primárias que poderão nos levar a entender essa “teia de significados”. Além de permitir a compreensão de como festas com aspectos semelhantes surgem com a conseqüente produção dessa primeira lavagem. Assim, serão essas perguntas que nos fará conhecer a história das festas e possibilitará cruzar os marcos de cada uma na sua produção.

Torna-se essencial entender como essas festas foram sendo construídas, para assim, poder visualizar como a disposição delas elaboram um circuito dentro do cosmo afro-sergipano. Até mesmo porque, as relações existentes na produção e participação das festas formam um entroncamento, uma interseção relacional entre os adeptos dos cultos de matrizes africanas em Sergipe. Além de outras interseções que serão colocadas no decorrer do trabalho.

Ademais, podemos perceber o quanto essas relações são conflituosas, tanto intragrupal quanto – e principalmente – no intergrupar, no que se refere ao afro-católico. Pois, no campo religioso em questão, podemos verificar embates, momentos de tensões,

e negociações entre os grupos religiosos envolvidos nas festas que resultam em mudanças da sua estrutura. Conseqüentemente, existem outras transformações no cenário, como no caso da Lavagem em Riachuelo que deixa de existir tendo um dos aspectos desmotivadores os conflitos existentes, escamoteados ou não, na festa.

Apesar do anseio em realizar o estudo com as três festas, isso não foi possível. Sendo necessário optar pela retirada da pesquisa o Afoxé Omo Oxum, pois, no andamento do trabalho, a permanência das duas Lavagens da Conceição apontou-se coerentemente com o objetivo. Assim, no desenrolar da pesquisa sobre o afoxé, percebi ser fundamental o uso de conceitos não abarcados nas demais festividades, como também, questões acerca do conflito afro-católico não condizem com a realidade da festa. Nesse caso, temos um evento festivo produzido por afro-religiosos que não envolve a relação da disputa espacial<sup>1</sup> existente nas Lavagens.

Outro motivador para definir a retirada dessa festa foi a recente pesquisa desenvolvida pela antropóloga Liliane Santana (2013), onde se discute o surgimento dos afoxés no estado de Sergipe, tendo sido o Afoxé Omo Oxum o pioneiro, e um dos fenômenos abordado no trabalho. Abrindo, assim, o interesse de trabalhar essa festa em estudos futuros. Portanto, considerando esses fatores e vislumbrando o objetivo de trabalhar com as festas no contexto do espaço público, na envergadura com o limiar do espaço católico, escolhi me debruçar sobre as Festas da Lavagem da Conceição.

No entanto, este circuito não poderia ser composto somente pelos eventos elencados. Não posso, assim, limitar o fato social existente a esses três eventos. Já que, muito antes da primeira Lavagem ser arquitetada ocorria no referido dia, e ainda acontece, uma festa na praia de Atalaia para entrega de presentes para Oxum. Porém, esse ritual necessita ser pesquisado minuciosamente, pois, investigações preliminares apontam para uma releitura de uma festa para Iemanjá. Sendo assim, devido à insuficiência de trabalhos e a dificuldade para o levantamento de dados sobre o ritual festivo na praia, gerando análises dúbias, não irei trabalhá-lo como uma das festividades pertencentes ao Circuito Festivo para Oxum.

---

<sup>1</sup> A disputa espacial existente nas lavagens consiste na negociação realizada pelos atores sociais para o acontecimento das festas. Pois, elas ocorrem em territórios legitimados como pertencentes à igreja católica, no espaço onde se localizam as igrejas.

Nesse sentido, para que haja melhor compreensão do texto em que se segue, faremos uma apresentação de alguns personagens, atores sociais que colaboraram com a pesquisa e foram sujeitos ativos no meu campo. Visualizamos, com as histórias de vida desses indivíduos, pontos fundamentais para entender as histórias produzidas por estes, isto é, os rituais festivos para Oxum em Sergipe.

### **Do Breve Perfil de Alguns Personagens**

Começaremos com aquele a quem chamaram descontraidamente de “herói fundador”, o qual deu início, juntamente com outros estudantes, à primeira lavagem de escadarias em Sergipe. Otávio Luiz Cabral Ferreira, professor de artes plásticas da Universidade Federal de Sergipe, 50 anos, considera-se “mestiço”, e é natural de Aracaju. Otávio prestou vestibular para o curso que hoje leciona em 1982, e, antes mesmo de saber da sua aprovação, no mesmo ano, programou com os seus amigos a lavagem. Tendo passado no vestibular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), mudou-se para Salvador com o intuito de realizar o curso. Na mesma instituição, torna-se mestre entre os anos de 1992 e 1995. Em seguida, retorna para Sergipe, onde vai lecionar na universidade federal, chegando a dirigir o Centro de Cultura e Artes (Cultart) em 2005 e 2006. No último ano da sua direção, pede afastamento do cargo, objetivando viajar para o doutorado na Espanha. Assim, seguiu para a Universidade Politécnica de Valença (UPV), permanecendo até 2010, quando termina a pós-graduação. Mesmo estando em contato com o estado de Sergipe, e tão próximo da catedral auxiliando nas ornamentações, Otávio não esteve presente na época das festividades para Nossa Senhora da Conceição – período em que se realiza a lavagem – nos anos subsequentes à 1982. Atualmente, ele se declara espírita, tendo adentrado para a religião há mais de um ano, sendo que antes, apontava pertencer a religião familiar, catolicismo, na qual fez parte do Apostolado da Oração.

Outra pessoa importante para compreendermos a Lavagem em Aracaju/SE é a Ialorixá Angélica de Oliveira, participante e atuante na coordenação e produção da festa desde o seu segundo ano. Maria Angélica de Oliveira tem 58 anos e se insere no universo das religiões afro-brasileiras a partir do seu pai, Babalorixá José de Oliveira, de quem herda o Centro Espírita de Umbanda Paraíso dos Orixás, um dos primeiros terreiros a participar da lavagem, através do seu predecessor. Ela se considera negra e traz no debate religioso a influência do cristianismo embutido na crença e nas práticas

dos adeptos das religiões de matrizes africanas, pois, a própria, mesmo reconhecendo o seu pertencimento na umbanda, considera a sua parcela católica quando aponta ter sido batizada e ter casado na igreja católica. A atuação profissional da mãe de santo engloba as áreas cultural e educacional, já que na década de 1980, trabalhou na extinta Secretaria de Cultura do Município de Aracaju e, mais atualmente, vem trabalhando como professora na rede estadual de ensino e na coordenação da pós-graduação *lato sensu* em História da África e História da Cultura Afro-Brasileira.

Agente do fenômeno social, e estudiosa das religiões de matrizes africanas, a cientista social e ialaxé Martha Sales Costa, também contribuiu com informações para a construção desse trabalho. Estando com 48 anos de idade, há mais de 12 anos tem o candomblé como sua religião. Foi em 2003 que ela fez o seu santo, com a Ialorixá Bequinha, no terreiro Omin Mafé. Posteriormente, em 2004, ela adentra no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Sergipe (UFS), mesma instituição onde ingressa no Mestrado em Antropologia em 2012, objetivando desenvolver a pesquisa intitulada “Entre a Cruz e o Ofá: estudo dos elementos simbólicos na biografia e memória social sobre o Babalorixá Antônio Mutalambô”. A atuação de Martha, dentro da universidade, também se estende ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), instituição que contribui desde a sua entrada na UFS. Além disso, atua no movimento negro local, tendo ajudado na fundação da Sociedade Omolàiyé, organização não governamental (Ong) que desenvolve pesquisas e estudos acerca da cultura afrodescendente.

Maria José Santos Santana, Mãe Bequinha, é uma das personagens importantes para essa pesquisa, pois, organiza a Lavagem da Conceição em Riachuelo desde 1999, idealizada por seu pai de santo, Tonho Mutalambô. Ela nasceu na cidade de Laranjeiras, à 19 km de Aracaju, e tem 64 anos. Filha de trabalhador de canavial, analfabeto, Maria José também não estudou durante a sua juventude, vindo a frequentar a escola na metade da década de 1990, onde cursou até a 7ª série. A entrada no candomblé se deu em 1970, após ter passado um período muito doente. Porém, ela recebe o título de ialorixá 26 anos após seu batismo, pois, por influência do esposo, passa pelo espiritismo, antes de retornar ao candomblé. Com isso, funda o Ilê Axé Omin Mafé, terreiro da nação ketu, e é essa instituição que vinha realizando a Lavagem em Riachuelo até o ano de 2012.

## **Dos Procedimentos Metodológicos**

Diante da vastidão simbólica do meu objeto e da problemática submetida ao estudo, utilizo a pesquisa qualitativa para alcançar o entendimento dos fatos. Pois, ela me dará subsídio para perceber “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2012, p. 21) presentes nas estruturas do fenômeno. No entanto, longe de tomar a metodologia qualitativa como um meio para expor considerações emocionalmente guiadas, a aplicação dela nessa pesquisa figura-se de ordem científica, mas, não desconsidera o fator do cientista ser um ator político, um indivíduo contextualizado, que deve pensar o seu lugar na sociedade (COULON, 1995; DEMO, 2009; MINAYO, 2012) e, principalmente, no estudo em que está inserido.

As particularidades dos fenômenos só podem ser observadas na linha que está sendo proposta, com a adoção de métodos plausíveis e com uma reflexão do pesquisador diante da sua postura. Pois, a participação deste, como agente no fenômeno pesquisado, o possibilita se aproximar das particularidades produzidas pelos agentes sociais do universo em questão (COULON, 1995). Essa concepção, de ver o indivíduo como agente interpretativo que possui uma visão de mundo social contextualizado, é um referencial trabalhado por sociólogos da Escola de Chicago, que desenvolveram o interacionismo simbólico. O pensamento dessa corrente volta-se para ver as consciências dos indivíduos e as significações sociais como produto “das interações e dos processos sociais.” (Idem, p.18)

O desenvolvimento desse pensamento nos métodos, por um lado, age de forma provocativa, aguçando a criatividade, isto é, me desprendendo de seguir uma única metodologia clássica. Por outro lado, abre-se o caminho para uma prática de pesquisa onde haja mesclagem de métodos e a iniciativa de desenvolvimento de outros. A múltipla utilização deles, sem aprisionamento, nos leva sim ao alcance do critério de cientificidade discutido por Demo (2009), a discutibilidade, possuidora de características formais e políticas coexistentes.

Com isso, proponho-me em confrontar a observação participante com a entrevista, pois, terei uma troca de informações sobre o meu objeto tanto pelo aspecto das ações dos indivíduos no seu contexto de vivência com as festas, como das palavras que expressam o resultado vivenciado dos processos sociais (GASKELL, 2011). Essa

escolha de multiplicidade metodológica objetiva ampliar a interação com os indivíduos, agentes sociais do fenômeno estudado.

Por isso, estive presente nos eventos realizados por essas casas de culto (terreiros), organizadoras das festas que compõe o circuito. Já que me proponho a entender a presença deles nos espaços públicos, era necessário a minha participação nas festas que ocorrem dentro dos terreiros, nos seminários realizados para organização da Lavagem da Conceição de Aracaju, – que se configura como um recrutamento de terreiros, personalidades da sociedade sergipana, universitários e outros – exposições e premiações<sup>2</sup>, palestras promovidas pela universidade local, entre outros. Eventos em que os candomblecistas e umbandistas, se fazem presente.

A palestra a qual me refiro foi proferida pelo Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Reginaldo Prandi, sociólogo que se dedica aos estudos da Sociologia das Religiões e aos estudos afro-brasileiros. Destaco esse acontecimento pelo fato de ter me chamado a atenção a presença deles, o que me fez refletir sobre sua importância. Demonstrando, assim, que essas pessoas estão concatenadas, no sentido de estarem atentas nos acontecimentos e de participarem deles, pois, lhes interessam. Também me instigou o fato de um desses adeptos do candomblé estar lá com o livro Mitologia dos Orixás em mãos – não vi se ele chegou a pedir autógrafa ou a conversar com o palestrante –, situação representativamente simbólica para pensar quem são esses indivíduos. Eles não estão isolados em seus mundos, tão pouco nem no universo que quero analisar, as festas. Dessa forma, devo enxergá-los como sujeitos que estão tão próximos a mim, quanto eu a eles, interagindo nos diversos ambientes da sociedade, refletindo sobre si, pensando o mundo e agindo nele.

Consequentemente, a complexidade existente na pesquisa participativa mostra o seu duplo desafio, o de pesquisar e de participar. A aplicação consciente dessas facetas, para o desenvolvimento do trabalho científico, anseia para a congruência entre teoria e prática, onde os procedimentos metodológicos me concederam subsídios para

---

<sup>2</sup> Em algumas edições da Lavagem da Conceição em Aracaju foi incluído o Prêmio Babalorixá José de Oliveira. O qual consiste premiar, em forma de agradecimento, alguma personalidade que marcou a história do evento. Com isso, já foram premiados, deputadas estaduais Ana Lúcia e Conceição Vieira e a na época vereadora Rosângela Santana, ambas têm inserção no campo local das religiões afro-brasileiras; professores que de alguma forma contribuíram, a exemplo do meu pai biológico, João Emanuel Santos; a antropóloga Beatriz Goes Dantas, que não compareceu a solenidade e solicitou por intermédio de uma ex-professora que eu a representasse.

atuar como pesquisadora e como “cidadão politicamente qualitativo” (DEMO, 2009, p. 239).

A participação do pesquisador, num contexto de relativização do espaço social, provoca a importante reflexão do lugar de onde o pesquisador fala, sendo visto pelos atores sociais de diferentes maneiras, pois, eles também possuem uma posição, um lugar de fala. Por essas e outras motivações, inclui o tratamento irrisório dessa perspectiva em métodos clássicos, é mister pensar o lugar de que se fala, o seu lugar enquanto indivíduo pesquisador (ZALUAR, 1986). Assim, é nessa linha de raciocínio que me coloco como uma pesquisadora agente no processo do fenômeno social, avaliando a minha postura enquanto pessoa e enquanto pesquisadora.

Com isso, primeiramente, me debrucei no levantamento dos dados teóricos e práticos. Esse processo foi executado em três momentos: apanhado bibliográfico; observação de campo participativa e assistemática; e a realização de entrevistas. No primeiro momento, para melhor compreensão do objeto de pesquisa e uma atualização dos dados, fiz uso não somente de livros e publicações acadêmicas, mas, explorei publicações avulsas, jornais, revistas, vídeos, internet, ou seja, todo um arcabouço que me possibilitou vislumbrar os objetivos propostos.

Na segunda etapa, observação de campo, explorei a inserção que tenho no universo local das religiões de matrizes africanas. Foi através desse método de observação que consegui coletar dados imprescindíveis para a pesquisa. Mas, consciente das possíveis implicações desse recurso, que tanto contribuiu como afastou o objeto – me refiro, principalmente, ao que concerne aos atores sociais, desgastados com outras pesquisas que participaram e que não o satisfizeram. Assim, no andamento da pesquisa, realizarei nos momentos de inserção dificultosa uma observação assistemática, objetivando explorar o campo para, posteriormente, efetuar uma coleta mais precisa como é a entrevista.

Com relação aos atores sociais, interagi com eles nas observações, percebendo e buscando o entendimento das ações manifestadas. Contudo, nas entrevistas consegui coletar dados que não se apresentaram nas festas ou que se expressaram disfarçadamente nos atos. Ou seja, os dados subjetivos levantados nessa fase permitiram a compreensão de arranjos existentes, antes escamoteados. Esse recurso metodológico possibilitou abrir a discussão com os personagens de diálogo mais difícil, isto é, as

informações concedidas por outros indivíduos desenharam um cenário polifônico para a pesquisa.

Em contrapartida, a crescente quantidade de informações, surgidas a cada ida à campo, dificultou a pesquisa. Daí, a questão: como trabalhar essa multiplicidade? Analisei questões destoantes, evitando contar uma história única, pois, foi assim que o objeto se apresentou. Portanto, não é objetivo do trabalho oficializar nenhuma memória, nenhuma narrativa, sem receio de abordar narrativas controversas. Principalmente, porque elas foram encontradas em campo, a partir do esforço de cada indivíduo em transmitir aquilo que sabe.

Dessa forma, utilizando a entrevista qualitativa como método, testei as hipóteses, os conceitos, cruzei as informações passadas pelos atores sociais, constituindo, assim, uma combinação metodológica. Portanto, fiz uso de entrevista individual, buscando informações em profundidade sobre a visão de mundo de determinado indivíduo.

Concluído esse processo me detive à análise dos dados coletados. Assim, fiz da etnografia a minha ferramenta analítica, tomando como base o modelo desenvolvido por Clifford Geertz, a descrição densa. Para o autor, a etnografia é uma prática que deve ser contínua, constante. Via essa prática, poderemos compreender o objeto de estudo e seu sistema simbólico. Diante disso, o ato de etnografar é muito mais que um procedimento interpretativo, ele gera conhecimento sobre algo.

Com isso, a tentativa incessante de interpretar a cultura – as ações culturais – partindo dos questionamentos observados nos discursos dos próprios atores sociais e do comportamento de todos os indivíduos envolvidos, seja participante ou espectador. A partir daí, esmiuçar os significados, os símbolos que se destacam ao nosso olhar (GEERTZ, 2012). Esses comportamentos repletos de ações simbólicas dão significado a cultura. O significado da cultura está permeado pelas práticas que são desenvolvidas, pelas relações interpessoais, pelas transmissões orais. E este, o significado, como também a cultura são públicos.

Dessa maneira, a intenção de realizar uma etnografia densa é muito mais que uma identificação metodológica. Consiste também nas provocações em que o objeto de pesquisa coloca. Pois, a dificuldade para ganhar a confiança dos atores (agentes) sociais

se apresenta de forma enfática. Além das dificuldades em conseguir informações sobre os conflitos intragrupal, cuja a minha hipótese tem como base a relação destes com o surgimento das festas. Esse escamoteamento das relações conflituosas, as dificuldades em acessar dados que neguem ou confirmem, de forma preponderante, o pensamento hipotético dessa pesquisa, encaminharam para a escolha do recurso etnográfico.

Mas, descrever com tal intensidade essa proposta, exigiu lançar mão de meios que levassem a atingir tal ponto. Assim, a utilização de materiais visuais, em especial a fotografia, possibilitou perceber os significados culturais e interpretá-los. Essa ferramenta que durante a pesquisa de campo identifiquei como sendo de grande utilidade e de suma importância foi a fotografia. Esse recurso tem me auxiliado na elaboração da etnografia da festa. Pois, como me proponho realizar uma etnografia dos eventos nos seguimentos apontados, estes, são repletos de informações visuais e sonoras.

Com a fotografia, posso realizar o registro dos momentos e resgatar as impressões obtidas nele (ACHUTTI, 1997). Condição diferente da possibilitada pelo caderno de campo, que no percurso dos cortejos não me permitia o registro desejável. Dessa forma, as leituras, releituras e análises dessas imagens contribuíram para compor o texto etnográfico. Já que, nesse caminho metodológico a exploração minuciosa, que nos faz questionar todo o objeto e as suas explicações, visa alcançar o cerne da problemática, ou seja, analisar como segmentos das religiões afro-sergipanas estruturam as suas festas públicas e se apropriam simbolicamente dos espaços públicos e, prioritariamente, dos espaços demarcados pelo domínio político-religioso católico.

### **Da Organização da Dissertação**

Dessa forma, nos capítulos que se seguem, faço uma discussão sobre festa, religião e espaço público, categorias que embasam a presente dissertação. No segundo capítulo, trago um levantamento histórico da Lavagem da Conceição em Aracaju, contextualizando com o espaço e tempo de surgimento. Para isso, lanço mão das narrativas dos atores sociais almejando compreender a visão de mundo deles e as suas diferentes versões do mito de origem da festa. Como também, desenvolvo uma etnografia a partir da experiência da observação participante nas festas dos anos 2007, 2009, 2011 e 2012.

Ao tratar da Lavagem do Vale do Cotinguiba, no capítulo três, abordamos o surgimento e a mudança espacial da festividade. Ela se inicia no Santuário de São Roque, pertencente à Igreja Católica Brasileira, e declina para o termino – ou pausa, já que ainda não se têm decisões definitivas – na Igreja Matriz da cidade de Riachuelo<sup>3</sup> após a proibição de entrada na igreja, por parte da idealizadora do ritual. Nesse sentido, retratarei o evento com base na memória coletiva dos integrantes do terreiro que o organiza e com o trabalho de campo realizado, originando a etnografia da última festa, no ano de 2012.

Salientando que, com a pausa na produção da festa no ano de 2013, o trabalho etnográfico alicerçado na observação participante da mesma se tornou demasiadamente difícil. Nesse caso, tive a oportunidade de participar apenas uma vez do evento e, nessa ocasião, só consegui estar presente coletando os dados com a colaboração de outras pessoas.

Portanto, foi essa pequena equipe que fotografou, entrevistou os participantes e me auxiliou na minha locomoção, pois, a minha locomoção era dificultosa. Enquanto isso, eu realizava anotações no meu caderno de campo. Assim, utilizarei as narrativas dos integrantes dessa equipe, juntamente com a dos produtores da festa e outros atores, para compor esse capítulo. Além disso, trabalharei com os dados extraídos do campo em ocasiões para além da festa da lavagem, como outras festas públicas e visitas ao terreiro Omin Mafé. Já na conclusão, trarei uma análise acerca do circuito festivo, enfocando as Lavagens da Conceição e a noção de sincretismo abordada às festas.

---

<sup>3</sup> Ver mapa no anexo 1 (um).

## CAPÍTULO 1 - O Ritual nas Ruas: Festa, Religião e Espaço Público

“*Ora Iêlê Ô!*”. Essa é a saudação mais proferida no dia oito de dezembro pelo povo de santo sergipano. É assim que os adeptos dos cultos afro-brasileiros reverenciam o orixá Oxum, clamando em voz muito alta a saudação que significa “Oh Mãe Benevolente!”. Podemos presenciar esse fato em eventos organizados por esse segmento religioso no Estado de Sergipe e nas casas de culto afro-brasileiro espalhadas pelo Brasil (AUGRAS, 1983).

Segundo a mitologia do candomblé, Oxum é um orixá do rio do mesmo nome, situado na África Ocidental. Seu culto foi introduzido no Brasil pelos escravos de origem ijexá. O domínio natural de Oxum são as águas doces, domina todos os rios, riachos e mananciais, comandando toda a água que brota da terra. Sua representação é de uma sereia, mas, também é representada pelo peixe, que simboliza a fecundidade, a fartura. (LEPINE, 1978).

A presente proposta busca compreender alguns aspectos dos cultos afro-sergipanos, em particular, das festas públicas que são expressões da religiosidade local. Pois, tenho a intenção em pesquisar as festividades para o orixá Oxum nesse estado. Analisando como os rituais festivos, as Lavagens em homenagem a Oxum e a Nossa Senhora da Conceição, foram sendo construídos historicamente nas cidades em que ocorrem, e, como durante esse processo foram sendo compostos arranjos conflituosos inter e intragrupal. Ou seja, como esses arranjos foram constituídos tanto na relação afro-católica como nas relações internas dos cultos afro-sergipanos.

Como já coloquei, o interesse em estudar a Lavagem de Nossa Senhora da Conceição na capital sergipana, Aracaju, teve início com pesquisas pessoais na área de dança afro-brasileira, que aguçaram a curiosidade para conhecer as religiões descendentes de matrizes africanas e os seus ritos.

Assim, o meu primeiro contato com uma festa pública, na perspectiva religiosa, ocorreu em 2006 com a minha participação no cortejo da Lavagem, em Aracaju. Nessa ocasião, fui brincar com os meus amigos do grupo de dança. Estava a observar a beleza do cortejo e da lavagem das escadarias que para mim estava

representada nas cores das roupas, das flores, nas gesticulações, na pisada da dança ou do caminhar, no suor que escorria pelo rosto em pleno sol do meio dia.

Dessa forma, o acesso a esta Lavagem se deu por ser um rito público que excede os terreiros de candomblé e umbanda, além de compor o calendário festivo da cidade e já ter alcançado um determinado reconhecimento dos veículos midiáticos locais. Contudo, a temática abordada nessa pesquisa teve como seu delimitador um trabalho etnográfico, fruto de disciplina da graduação, que debateu enfaticamente a Antropologia da Festa.

Assim, nos primeiros contatos, comecei a observar o evento como um momento de ruptura do cotidiano, em especial, para aqueles que participam (GUARINELLO, 2001). Todavia, para o candomblé a festa é cotidiana, vivenciada no dia a dia dos terreiros. Pois, quando os terreiros não estão em festa, estão pensando, preparando, isto é, imersos na produção da festa (AMARAL, 2002). Mas, ao considerarmos as peculiaridades locais, verificamos que rituais festivos realizados em espaços públicos não acontecem com frequência. Com isso, passei a indagar: Como aquele ritual afro-religioso tomou forma no cenário aracajuano da década de 1980? E mais: Como se deu a permanência dessa festa, considerando o preconceito e a intolerância religiosa existente?

Ocorreu, no período dessas observações iniciais, o surgimento de outra festa em louvor ao mesmo orixá, o Bloco de Afoxé Omo Oxum<sup>4</sup>. Esse teve início em 2005 e é realizado pelo Abaçá São Jorge<sup>5</sup>, que atualmente encontra-se sob a direção da ialorixá Marizete Silva Lessa. Mas, anterior ao afoxé, já existia outra manifestação na cidade de Riachuelo/SE<sup>6</sup>, que detém o objetivo central semelhante: saudar Oxum.

Tomando como motivação a dificuldade de deslocamento da ialorixá “Bequinha”, do terreiro Omin Mafé para a capital, e o interesse da mesma em cumprir com uma promessa feita para a Nossa Senhora da Conceição, invocação de Nossa Senhora<sup>7</sup>, fez iniciar no ano de 2000 o ritual de lavar as escadarias da igreja. O fator,

---

<sup>4</sup> Omo Oxum, na língua ioruba, significa ‘Filhas de Oxum’.

<sup>5</sup> O Abaçá São Jorge, também conhecido como Terreiro de Nanã, é um dos mais conceituados dos terreiros do Estado. Para compreender a importância desse terreiro e da sua fundadora para a religiosidade local, ver Dantas (2002).

<sup>6</sup> A cidade de Riachuelo está localizada a 28,5Km da capital do estado.

<sup>7</sup> Nossa Senhora da Conceição ou como também é chamada de “a Imaculada Conceição de Maria é um dogma da Igreja Católica Romana. Definido no século XIX, sua festa litúrgica é celebrada em 8 de

que caracterizo como facilitador para o surgimento da Lavagem de Nossa Senhora da Conceição do Vale do Cotinguiba<sup>8</sup>, ocasionando a transposição e a ressignificação do modelo festivo da Lavagem da Conceição de Aracaju para outro município, foi o fato de Riachuelo também ter a santa como padroeira da cidade.

Dessa forma, nota-se que tanto a Lavagem da Conceição do Vale do Cotinguiba, como o Bloco de Afoxé Omo Oxum, surgiram após a consolidação da Festa da Lavagem da Conceição de Aracaju/SE. As sucessivas manifestações, isto é, as festas afro-sergipanas públicas posteriores a Lavagem que acontece na capital, vão dando corpo a um circuito festivo protagonizado pelos adeptos dessas religiões. Sendo este, o circuito, uma concepção emergente na minha pesquisa, pois, vejo as festas enquanto ambiente de circulação em que alguns mesmos indivíduos, principalmente as autoridades religiões e alguns integrantes de suas casas, participam e/ou produzem, sendo partícipes nas festas, parte fundamental do fenômeno.

Como a festa é um elemento intrínseco no candomblé e na umbanda, nesse período, diversas casas de culto realizam festas públicas nos seus próprios espaços sagrados. Algumas, cultuam o orixá nos seus barracões e nas ruas, participando dos eventos acima citados. No entanto, a dissidência intragrupal e a busca por legitimidade é geradora de novos rituais festivos, como na conjuntura existente em Riachuelo, onde outro terreiro iniciou mais um ritual de lavagem. Nesse caso, não obtendo a permissão dos representantes da igreja, deliberaram pela lavagem da estátua de N. S. da Conceição localizada na entrada da cidade.

Nesse sentido, pretendo desenvolver um estudo sobre os cultos afro-sergipanos analisando a produção, as finalidades e os significados das festas públicas desse segmento religioso, caracterizadas pela adoração à Oxum, que tem como demarcador o fato de ocorrerem em espaços públicos.

Assim, foi a partir da década de 30, com a emergente produção universitária, que o estudo das manifestações festivas tornou-se importante. Tentava-se, nessa época,

---

Dezembro. Segundo o Dogma, a Igreja confessa e crê que a Bem Aventurada Virgem Maria foi preservada do pecado original desde o primeiro instante de sua existência.”

<sup>8</sup> Anteriormente, o evento era conhecido como Lavagem de Nossa Senhora da Conceição de Riachuelo, recebendo essa nova denominação a partir da quinta edição. A mudança na nomenclatura da festa foi uma das estratégias utilizadas pela coordenação para que o evento atingisse o povo de santo das cidades circunvizinhas, pertencentes ao Vale – dá-se o nome de Vale do Cotinguiba a região composta pelas cidades banhadas pelo rio do mesmo nome. Isso acumularia maior legitimidade para conseguirem o apoio de setores da sociedade, tais como: político e midiático.

afastar das pesquisas as visões folclóricas com a perspectiva de adotar a visão sociológica. Assim, foram formadas as associações de folclore e etnografia, propiciadas pelo projeto varguista de nacionalização da cultura brasileira. Entretanto, havia uma dualidade nesse projeto, já que as associações liberavam as manifestações religiosas populares e o governo se utilizava da política de violência e opressão aos cultos afro-brasileiros (JANCSÓ & KANTOR, 2001).

Nos anos 80, desfrutando das ações precedentes da liberação de manifestações religiosas e da ascensão do debate de identidade, conseqüentemente, identidade afro-religiosa (SILVA & AMARAL, 1996), um grupo de estudantes ao se verem na obrigação de pagar uma promessa feita ao orixá Oxum, por ter lhes agraciado passar no vestibular, idealizaram a Lavagem da Conceição de Aracaju/SE.

Um dos participantes que se destacou nesse grupo de jovens foi Otávio Luiz<sup>9</sup>, primo de Dom Luciano Cabral Duarte, que na época era arcebispo da cidade. Mas, como poderia o primo do arcebispo realizar um ritual com características do candomblé na igreja em que seu parente detinha um cargo tão importante? E com todas as divergências religiosas existentes?

Por isso, a efetivação da lavagem não foi pacífica. Ocorreram muitos debates e enfrentamentos, ocasionando até o impedimento do ato de acordo com o planejado pelo grupo de recentes universitários. Mesmo assim, no ano de 1982, esses jovens realizaram uma festividade ritual para agradecer o objetivo alcançado. Confeccionaram um estandarte, baseado no desenho de uma artista plástica local, Lânia Duarte, e realizaram a celebração nas escadarias da catedral que estava com as suas portas fechadas.

Dessa forma, desde o início, a Lavagem da Conceição em Aracaju teve cunho religioso. Se no primeiro ano, ela esteve desconectada, parcialmente<sup>10</sup>, das práticas dos cultos afro-brasileiros, no ano subseqüente, por intermédio de um dos membros do grupo de estudantes, Sergio<sup>11</sup>, ela agrega o sentido afro-religioso que estava à margem.

Esse “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras táticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica [...]: uma continuidade de relação ao passado.” (HOBSBAWN, 1984, p.9). Ou seja, como havia a intenção de transformar o pagamento de uma promessa numa “tradição inventada”, já que existiu a preocupação com a

---

<sup>9</sup> Breve perfil na introdução.

<sup>10</sup> Como menciono mais adiante, o evento é baseado na Lavagem do Bonfim e esta tem a participação preponderante de atores sociais adeptos das religiões afrobrasileiras.

<sup>11</sup> No processo de investigação não consegui obter o nome completo desse integrante.

continuidade da festa e de agregar o povo afro-sergipano, se buscou a participação dos terreiros, vislumbrando um grande ato.

Contudo, observo que apesar de representar ser uma tradição religiosa de raízes afro-brasileiras do estado de Sergipe e, mais precisamente, da capital metropolitana, Aracaju, a Festa da Lavagem não é. Pois, foi construída com base na “imitação” e ressignificação da Lavagem do Senhor do Bonfim, que acontece em Salvador - BA. Esta, segundo Santana (2009), teve como herança a cultura portuguesa trazida e conservada pelas primeiras irmandades de “limpar e purificar o templo” antes das festas.

A legitimação do rito pelo povo de santo sergipano foi difícil, pois, a coerção social existente sobre esses grupos é histórica, através da repressão à sua cultura, aspecto este, que insurgiu na época. Fruto, também, da política aplicada na criação da Diocese de Aracaju<sup>12</sup>, onde “o campo religioso estava marcado pela concorrência de outras “empresas de salvação”. Desse modo, havia necessidade de uma “batalha” contra os “inimigos”. (ANDRADE, 2010, p. 119)”.

Essa inicial rejeição teve outra influência, o fato de que na década de 1980 já estava disseminada a discussão sobre a busca das raízes africanas e a exaltação dessas por uma parcela das religiões afro-brasileiras, elevando o sentido de uma identidade para além do “miscigenado afro-brasileiro”, sendo requisitada uma identidade africana. Mesmo assim, a festa vem se perpetuando a cada ano, demonstrando que o processo de africanização não se dá dissociado do sincretismo (FERRETTI, 1999), isto é, ele caminha na busca pela compreensão do que seja esse ser afro-religioso. Nesse sentido, a festa chegou à sua 31ª edição em 2013.

As demais manifestações que ocorrem em espaços públicos também são transposições do modelo festivo da Lavagem do Bonfim-BA, até mesmo o Bloco de Afoxé Omo Oxum, que não ocorre no mesmo horário da lavagem na catedral, o reproduz. Pois, traz para o circuito o aspecto de “carnavalização”, com os seus eventos sendo encerrados por artistas ou grupos reconhecidos nacionalmente<sup>13</sup>. Similar ao cortejo das “baianas do Bonfim” que nos anos 70 já eram acompanhados por blocos afros e trios elétricos (SANSI, 2003). Dessa forma, vejo a importância de salientar os

---

<sup>12</sup> Criada em 1911.

<sup>13</sup> Em sua maioria são artistas ou grupos baianos.

dados existentes sobre o afoxé devido à relevância do evento, que apesar de não está sendo trabalhado neste estudo, deve ser ressaltada a sua existência.

Assim, durante o processo de produção da Lavagem da Conceição em Aracaju, há a mobilização de um contingente maior de pessoas, e com isso, os organizadores começaram a pensar na institucionalização da Lavagem. Foi a partir desse debate que os conflitos já existentes – talvez camuflados – deram abertura para a reorganização da estrutura do Circuito.

Nessa reconfiguração do contexto, essa festa, atualmente, se apresenta esvaziada e um dos fatores motivadores apresentado pelos atores sociais é a delicada relação entre os terreiros. Essa relação se dá devido ao embates historicamente gerados na produção e reprodução da festa. Visto, a discussão sobre a legitimidade da atual coordenação.

Nos anos 2007 e 2008, quando estava acompanhando o evento fazendo minhas observações, percebi a forte presença do Bloco de Percussão Burundanga na catedral de Aracaju. Grupo que havia surgido recentemente, no ano de 2006, e tem como prática se apresentar em locais de grande circulação de público. Contudo, na organização da festa, existe outro bloco de percussão, o Axé Kizomba, que se apresenta na concentração – acontece na Igreja do Santo Antônio, bairro vizinho ao Centro –, e após o xiré<sup>14</sup>, já na Igreja de N. S. da Conceição.

A participação do Bloco Burundanga se caracteriza como estratégia para a visibilidade do mesmo, partindo de uma apropriação do espaço festivo, antes, pertencente ao público da lavagem. Em alguns anos observei a presença de outros grupos, tais como: grupos de capoeira e samba de coco da terceira idade. Ou seja, o lugar, a identidade e a cultura da festividade estão sofrendo transformações, devido à presença de novos atores sociais (AGIER, 2003).

Em 2008, essas mudanças chegam a atrapalhar o ritual. Necessitando que a organização solicitasse a interrupção da apresentação do Bloco Burundanga, pois, a percussão estava sobressaindo ao som dos atabaques e aos cânticos do xiré. Então, podemos observar que a Praça Olímpio Campos, antes espaço, apropriado pela festa à

---

<sup>14</sup> “Cerimônia pública do candomblé em que a roda-de-santo canta e dança saudando todos os orixás [...]” (PRANDI, 1991, p. 252).

Oxum, ritual visto como sagrado, passa a ser ocupado pelo oposto, o profano (AMARAL, 2002; SANZI, 2003), que, ao mesmo tempo, tenta afastar e inserir nesse contexto festivo.

As mudanças, que se dão com o decorrer da festa, fazem parte tanto da dinâmica existente na estrutura social, como também, são produção e reprodução simbólica do próprio fenômeno. Isto é, os atores sociais ressignificam o rito, criam e recriam novos eventos festivos, incorporando-os ao Circuito de Festividades para Oxum.

Assim, tomando como ferramenta analítica a etnografia no modelo empregado por Geertz (2012), consegui identificar categorias auxiliadoras na compreensão do objeto. Desse modo, parto de indagações apresentadas em campo, tais como a ligação de ícones sagrados, para analisar o fato social, iniciado em 1982 e que continuou ocorrendo anualmente sem interrupções, sendo celebrado no dia oito de dezembro, dia em que, de acordo com o calendário dos santos católicos, acontecem as comemorações alusivas a Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Aracaju.

Essa data é uma das mais festejadas pelos terreiros da cidade, pois, no sincretismo afro-católico a santa, em Sergipe, é relacionada como o orixá Oxum. Diante disso, Dantas (1991) destaca que no final da década de 1960 o dia oito de dezembro era um dos mais festejado pelos terreiros sergipanos, apontando as festas mais importantes para o povo de santo local.

A data mais festejada era 27 de setembro, dia de Cosme e Damião, segundo o calendário católico, e identificados com Ibeji. Dos 34 terreiros então visitados 77% faziam festas nesse dia, **enquanto 54% “batiam” no dia 08 de dezembro, para festejar Oxum e Iemanjá no dia dedicado a Nossa Senhora da Conceição** [...]. A alta concentração de festas no dia 27 de setembro, é de certo modo desconcertante pois Ibeji não tem no segmento afro-sergipano a importância atribuída a orixás como Oxosse, Oxum, Iemanjá, Ogum ou Xangô. (DANTAS, 1991, p. 4)

Esse fator, levou Dantas a identificar que “os grandes festivais públicos que movimentam a vida dessas comunidades são realizados em dias dedicados a santos

católicos, em datas pré-fixadas pelo calendário litúrgico da Igreja.” (DANTAS, 1991, p. 2). Assim, essas festividades acompanham o calendário católico, submetendo-se aos dias dos santos. Identificando, assim, que a igreja acaba fornecendo “os marcos do tempo aos terreiros” (DANTAS, 1991, p. 2)

De fato, a relação entre os cultos afro-brasileiros e o catolicismo tem em sua história a marca dos processos sociais, frutos de uma intervenção pautada pela dominação e pelo poderio católico. Não sendo diferente, na construção desses cultos foi preciso associar determinados elementos alheios, fazendo com que a religião afro-brasileira configurasse o que Prandi (1999) denominou de primeiro momento referencial de sua história, o sincretismo. À vista disso, as condições sociais dos negros que eram escravos e depois mesmo libertos encontravam-se – e ainda uma parcela considerável se encontra – situados à margem da sociedade.

Assim, somente parte da cultura religiosa africana pode ser reproduzida em território brasileiro. Além disso, havia uma grande coerção no sentido de adotarem o catolicismo, pois, a inserção no “mundo branco” poderia ser possibilitada com essa prerrogativa. Mas, apesar da diáspora, os africanos e os seus descendentes conseguiam preservar aspectos da identidade africana e cultuar sua religiosidade no ambiente privado dos grupos familiares, o próprio catolicismo não impedia essa duplicidade de crenças e práticas.

Dessa forma, no Brasil colonial, apesar das diferenças socioeconômicas entre brancos e negros serem extremas, isso não impediu que houvesse uma proximidade na esfera da religiosidade. Já que a igreja com todas as suas contradições – apoio e ativa atuação na escravidão, misticismo ritualístico, “permissividade” na fusão mítica afro-católica – não atuou para impedir que a associação entre deuses africanos e santos católicos se estabelecesse (SILVA, 2005). Isso é, essa relação de paralelismo, justaposição, é uma das facetas do sincretismo existente nas religiões afro-brasileiras apontadas por Ferretti (1995).

Os escravos, contudo, foram impedidos de colocar totalmente em prática a sua religião, devido à imposição católica e às grandes jornadas de trabalho, além do fato de que estavam desprovidos da liberdade dos cultos africanos. Isto é, o sistema de crenças e práticas desses indivíduos havia sido esfacelado, lhes retirando a coletividade que os definiam. Pois,

Uma religião é um sistema solidário de crenças segundas e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada de igreja, todos os que a ela aderem. [...] pois, [...] a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, faz pressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva. (DURKHEIM, 2008, p. 79)

Necessitando desse elo norteador da coletividade, os negros foram reinventando as suas práticas e crenças, reconstruindo um sistema que não deixou o seu caráter inicial à parte. No entanto, os aspectos religiosos que eram expostos apresentavam-se como folclore aos olhos dos católicos que permitiam as manifestações desse cunho para que revivessem as diferenças étnicas, ou seja, os conflitos entre as nações, e para dar a possibilidade deles se revigorarem para o trabalho (SILVA, 2005). Assim, os batuques visto de forma folclorizada, pelos padres e donos de escravos, eram uma forma de manutenção religiosa dos escravos e a superposição destes com os elementos católicos, com os mitos que foram tomando corpo na construção da ideia de religião na nova terra.

O surgimento de associações, grupos, aglutinadores de contingentes negros com o intuito de auxiliar o indivíduo escravo ou ex-escravo, era comum, já que tinha a permissão da igreja. Essas instituições, demarcadas pelo elemento da cor, ficaram conhecidas, principalmente, por irmandades. Muitas dessas entidades surgiram devido à devoção dos negros para com os santos católicos. Porém, não era qualquer santo. Havia uma coerência na escolha da devoção, pontuada na crença e na mitologia tanto dos deuses africanos como dos santos católicos. Existia uma busca na memória étnica, no intuito de resgatar os saberes, os mitos, os rituais adquiridos anteriormente.

No entanto, a estratégia de criar irmandades foi utilizada tanto pela igreja como pelos grupos de negros que iam se constituindo. Mas, um dos aspectos motivadores para a igreja incentivar o surgimento dessas instituições ocorreu quando a própria observou a influência sofrida com o convívio. Objetivando, com isso, o afastamento dos negros, principalmente, das suas festas. Pois, “ao participar dessas cerimônias, o negro

incorporou a elas seu modo de ser, marcado pela alegria, música, dança e utilização de instrumentos de percussão (SILVA, 2005, p. 38)”.

Contudo, não é intrigante refletir em como os calendários dos cultos afro-sergipanos e da Igreja católica tem uma grande interlocução. Le Goff (1992, p. 486) ponderava em “[...] como numa sociedade a intervenção dos detentores do poder na medida do tempo é um elemento essencial do seu poder: o calendário é um dos grandes emblemas e instrumentos do poder.” É através desse instrumento que regulamos o tempo, não simplesmente o nosso tempo individual, mas, o tempo da civilização, o tempo coletivo. E é a essa categoria, tempo, que Durkheim (2008, p. 39) aponta como sendo “ela própria [...] verdadeira instituição social.” Na qual, o “calendário exprime o ritmo da atividade coletiva ao mesmo tempo que tem por função assegurar a sua regularidade.”

Ora, “a análise antropológica, original e perspicaz, tem como porta de entrada a dimensão sincrônica, cósmica e ritual [...], pois nesse plano da ação coletiva estariam valores centrais e duradouros da vida social de um povo” (CAVALCANTI, 1999, p. 78) Assim, consideramos a Lavagem da Conceição, por esse plano de análise, como uma ação coletiva que rege a vida social do povo de santo, detendo um poder simbólico, que está intrínseco e explícito nas festividades que norteiam o tempo dos cultos afro-brasileiros e, conseqüentemente, dos seus adeptos.

Dessa forma, a festa é o momento em que o grupo se torna visível como tal.

É por isso que a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência [...]. O homem é transportado fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem a nível vital etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito; o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas. (Durkheim, 2008, p. 456)

Porém, as festividades também são uma reprodução da vida real, não deixam de ser hierarquizadas, tornando possível confundir a vida real na festa. Ou seja, os limites, as fronteiras entre as camadas sociais, entre as hierarquias ficam, de certa forma, fluidas. Situação observável nos cortejos, produtos das lavagens.

No entanto, a festa tem um significado maior para o candomblé, sendo

uma das mais expressivas instituições dessa religião e sua visão de mundo, pois é nela que se realiza, de modo paroxístico, toda a diversidade dos papéis, dos graus de poder e conhecimento a eles relacionados, as individualidades como identidades de orixás e de “nação”, o gosto, as funções e alternativas que o grupo é capaz de reunir. [...] Nela andam juntos a religião, a economia, a política, o prazer, o lazer, a estética, a sociabilidade, etc. Por essa razão as festas de candomblé podem ser classificadas na categoria dos fatos sociais totais que, para Mauss (1974), têm uma dimensão estratégica na elaboração do conhecimento antropológico. A vivência da religião e da festa é tão intensa que acaba marcando de modo profundo o gosto e a vida cotidiana do povo-de-santo. A religião passa a se confundir com a própria festa. (AMARAL, 2002, p. 30)

Assim, as festas vão regendo o tempo, os espaços, os filhos de santo, os seus estilos de vida, o *ethos* desses indivíduos, a coletividade como um todo. Dessa forma, a festa delinea fronteiras, pode ter aspectos de competição e conflitos, possibilitando a imposição de uma identidade. Ela, “é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reiteração, produção e negociação das identidades sociais. Um lapso no espaço e no tempo sociais, pelo qual circulam bens materiais, influência e poder” (GUARINELLO, 2001, p. 973). Esse espaço, que não deixa de ser público e construído socialmente, é o lugar em que o discurso de pertencimento a uma identidade e de afirmação política é proferido. Transformando esse ambiente num espaço de encenações da identidade étnica.

É justamente nessa construção e apropriação dos espaços públicos que os conflitos delinham a produção, reprodução e as transformações que incorrem nos eventos festivos. Disputa esta, encoberta e escamoteada nas hierarquias religiosas e nas relações pautadas pelo poder simbólico, onde a busca pela legitimidade inclui e exclui os detentores ou não de um capital religioso.

## CAPÍTULO 2 - Lavagem da Conceição em Aracaju/SE

### 2.1 – A Festa e seu Contexto Histórico

A Festa da Lavagem da Conceição é um momento de sociabilidade e de afirmação de identidade étnica e religiosa. Sendo uma tradição inventada por um grupo de estudantes que pretendiam pagar uma promessa a santa católica, resignificando a Lavagem do Bonfim de Salvador/BA. Nesse sentido, a Lavagem de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1982 e se apresenta como manifestação cultural de caráter híbrido que combina práticas e símbolos das religiões afro-brasileiras e do catolicismo.

Tendo o seu surgimento a partir de uma promessa feita por nove estudantes do Curso Pré-Vestibular Visão que iam concorrer, através do vestibular, a vagas em cursos universitários de graduação. Assim, eles se comprometeram em realizar a lavagem das escadarias da catedral de Aracaju, caso fossem aprovados nos processos seletivos em que se candidataram. Pois, essa é a igreja de Nossa Senhora da Conceição<sup>15</sup>, padroeira da cidade.

Um dos participantes que se destacou nesse grupo de jovens foi Otávio Luiz Duarte Cabral Ferreira, primo de Dom Luciano Cabral Duarte<sup>16</sup>, na época, arcebispo<sup>17</sup> metropolitano. Mas, como poderia um familiar do arcebispo e integrante da paróquia realizar um ritual do candomblé na igreja em que seu familiar detinha um cargo tão importante? E com todas as divergências existentes entre essas concepções religiosas?

De acordo com Otávio Luiz, que atualmente é professor da Universidade Federal de Sergipe da área de Artes Plásticas, não houve a intenção de realizar um ritual aos cultos afro-brasileiros, pois, ele não tinha vínculo com nenhuma religião desse

---

<sup>15</sup> Ver mapa no anexo 2 (dois).

<sup>16</sup> Foi o segundo arcebispo metropolitano de Aracaju. Nasceu no ano de 1971 e faleceu em 1998. Além da vida sacerdotal, atuou nas áreas da educação e da cultural. Após a sua morte, 2004, foi criado um instituto com o seu nome, objetivando homenageá-lo e contribuir com pesquisas sobre a sua memória e a sociedade vivenciada por ele. (Em: <<http://idld.com.br/index2.php?link=2>> Acesso em 17/11/2013; <[http://www.arquidiocesedearacaju.org/?pg=bispoanterior\\_domluciano](http://www.arquidiocesedearacaju.org/?pg=bispoanterior_domluciano)> Acesso em 17/11/2013).

<sup>17</sup> Segundo Felipe Aquino o “arcebispo é o bispo de uma Arquidiocese, o titular da sede metropolitana, que é a diocese mais antiga de uma Província Eclesiástica, que é formada pelo conjunto de diversas dioceses. Ele é responsável pelo zelo da fé e da disciplina eclesial e pela presidência das reuniões dos bispos da Província. Mas não intervém diretamente na organização e na ação pastoral das demais dioceses (sufragâneas) da arquidiocese.” (\_\_\_\_\_. O que é Cardeal, Bispo, Arcebispo, Cônego, Monsenhor? Em: <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2012/05/06/o-que-e-cardeal-bispo-arcebispo-conego-monsenhor/>> Acesso em 17/11/2013).

segmento. Porém, almejavam realizar um agradecimento por terem atingido suas finalidades com o agraciamento de Nossa Senhora da Conceição.

A primeira ideia que nós tivemos, era um grupo de colegas do pré-vestibular visão, onde a gente buscou eh se inspirar na lavagem de do Bonfim da Bahia [...]. Então, quando eu fiz o vestibular em Salvador, eu voltei com essa vontade de trazer essa tradição para Aracaju no dia 8 de dezembro, mas não com essa ideia de de de envolvimento no culto afro-brasileiro na lavagem da conceição, e sim seria o agradecimento desses alunos que fizessem vestibular do ano e que fossem aprovados em lavar a escadaria da igreja de Nossa Senhora da Conceição, que é a catedral de Aracaju em agradecimento. E lavar como se lava uma casa mesmo e não como que foi feito eh eh como é feito na cidade de Salvador pelo culto afro. [sic] (Entrevista cedida por Otávio Luiz Duarte Cabral Ferreira em setembro de 2012)<sup>18</sup>

No entanto, neste primeiro momento, não tendo relação com os cultos afros locais, a lavagem foi compreendida como sendo uma expressão cultural e religiosa pertencente aos grupo de estudantes. Tanto que ao ficar sabendo do projeto, Dom Luciano buscou intervir no seu acontecimento. Isso se deu através da persuasão da mãe de Otávio para que o ato não se efetuasse. O próprio relatou o corrido ao dizer que fizeram “a lavagem a contra gosto do [...] primo, que é Dom Luciano Cabral Duarte. Que ele no dia tenta telefonar [...] advertindo a minha mãe que eu não deveria fazer a lavagem. Minha mãe me chamou para conversar e foi contra, já meu pai foi a favor né.” [sic] (Idem). Por conseguinte, podemos observar que a efetuação da lavagem não ocorreu de forma pacífica, isto é, apresenta-se um conflito familiar precedente.

O ato ocorreu com a colaboração de algumas pessoas próximas aos estudantes e, em especial, a Otávio. Como foi algo realizado às pressas por esse grupo, não houve divulgação e funcionou, esclareceu Otávio, como uma espécie de segredo que, posteriormente, se transformou em uma manifestação com proporções não imaginadas por ele. Nesse caso, o pioneirismo dos jovens ansiava pelo segredo devido recearem sofrer coerção dos próprios parentes e da comunidade.

Apesar da pouca aceitação e das dificuldades financeiras, os jovens conseguiram o apoio da artista plástica Rosa Moreira Faria que desenhou o estandarte, o qual foi pintado por Otávio Luiz. O desenho representava a Virgem da Conceição,

---

<sup>18</sup> A expressão “eh” serve para demonstrar ao leitor que o falante fez uma pausa entoando o som “ê”, que, na maioria das vezes, significa a (re)formulação do pensamento.

através da simbologia dos elementos composto nele. Nele, um grande lírio com uma meia lua abaixo retratou a flor como demonstração de pureza, de virgindade, sobre a fertilidade. No contorno existiam doze estrelas fazendo referência ao trecho do livro do Apocalipse, onde é mencionada a assunção de Nossa Senhora. Diz que “apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas”. (Ap 12,1) Existia também os escrito ‘Eu sou a Virgem da Conceição’ e o ano, 1982.

**Foto 1: Primeira Lavagem da Conceição em Aracaju (1982)**



Fonte: Acervo de Otávio Luiz.

Através da explicação realizada pelos atores sociais, fica, assim, exposta a estreita ligação desses indivíduos com os ensinamentos bíblicos. Além disso, frequentavam as festas realizadas nos terreiros e tinham adeptos do candomblé e da umbanda em seu círculo de amizades. Tanto que é justamente um dos integrantes desse grupo<sup>19</sup>, Sergio (in memorian), quem busca congregar as pessoas dessas religiões para participarem da lavagem. “Então ele vai de terreiro em terreiro convidando todos os centros de candomblé e de umbanda para que participem.” (Entrevista cedida por Otávio Luiz Duarte Cabral Ferreira em setembro de 2012)

<sup>19</sup> Durante a pesquisa não consegui obter o nome de todos os integrantes do grupo de estudantes. Limitando-se, assim, aos que estão citados no trabalho.

Além da contribuição do desenho, os estudantes receberam a doação de alguns materiais, por parte de Seu Araújo e sua esposa, proprietários da Sorveteria Cinelândia, que era localizada próximo ao Parque Teófilo Dantas, na Rua Itabaianinha. Este estabelecimento memorável era um ponto turístico e ambiente de sociabilidade dos indivíduos da cidade, teve sua fundação em 1956, chegando a ser frequentado por artistas que visitavam a cidade, como Roberto Carlos.<sup>20</sup>

Como foi um ato realizado às pressas, não houve divulgação e funcionou como uma espécie de segredo que, posteriormente, se transformou em uma manifestação com proporções não imaginadas por ele. Um segredo desenrolado em um ato público percorrendo ruas e ocupando o espaço da igreja católica.

Contudo, jornais da época relatam o acontecimento em suas colunas. Informando a programação de iniciativa popular, afirmando a presença dos afro-sergipanos e apontando o afrontamento com a igreja. Esse destaque na mídia local nega intrigantemente o mito de origem contado por participantes, pois, como descrito refutam o envolvimento com de terreiros.

A promoção está dando o que falar. Os organizadores, que contam inclusive com o apoio de vários grupos do culto Afro-brasileiro, afirmam que está tudo pronto, no dia 8 de dezembro vão se concentrar na Praça Camerino pela manhã e de lá sairá o cortejo (quase todos de branco, com vasos de água perfumada e flores), seguindo pela Rua Pacatuba, dobrando na travessa José de Faro, chegando na Praça Olímpio Campos onde farão a lavagem das escadarias da Catedral em honra à Padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, costume alias que se transformou numa tradição na capital baiana na festa do Senhor do Bonfim. [...] Sabe-se que a igreja não olha com bons olhos tal iniciativa popular. E que não dará o seu apoio e sua benção, mas os organizadores continuam convidando a comunidade a participar e afirmam, pelos bons propósitos, contar com o apoio e benção da Virgem Maria. Quem viver [...] verá. (Lavagem da Conceição. Tribuna de Aracaju. Aracaju, 8 e 9 dez. 1982. Apud SANTOS, 2009, p. 71)

Assim, no dia oito de dezembro de 1982, com o objetivo de saírem em cortejo, o grupo concentrou-se na Praça Camerino a menos de 1km do Parque Teófilo Dantas, onde localiza-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, catedral

---

<sup>20</sup> Permanecendo na memória dos habitantes, a exemplo da médica Selma Lopes que declara recordar do cantor Roberto Carlos frequentar o local quando esteve em Aracaju. Em <<http://www.aracaju.se.gov.br/157anos/index.php?act=leitura&codigo=49940>> Acesso em 17/11/2013; Nomes & Homenagens.

metropolitana. Apesar do discurso jornalístico apresentar um trajeto diferente e colocar em questão o sigilo do evento, as duas versões indicam o mesmo ponto inicial, a Praça.

A escolha do ponto de encontro deu-se porque nas imediações existia a sede do Grupo Dialogay, onde um dos estudantes, Wellington Andrade, havia fundado esta instituição, no ano anterior, com a ajuda do ativista do movimento homossexual brasileiro e antropólogo Luiz Roberto de Barros Mott<sup>21</sup>. A sua sede foi utilizada como base para as poucas reuniões que ocorreram.

E o que é que acontece. Feito o estandarte e um treco de coisas fizemos a lavagem e saímos da Praça Camerino, a verdade da lavagem é essa. A primeira lavagem a partida foi da Praça Camerino, dobramos a Rua Itabaiana ali na [...] Barão de Maruim, **passamos pela frente da polícia militar, cantando os hinos da igreja, da Padroeira da Conceição**. Entramos no Parque Teófilo Dantas, na Praça Olímpio Campos. (Entrevista cedida por Otávio Luiz Duarte Cabral Ferreira em setembro de 2012, grifos da autora)<sup>22</sup>

A execução desse percurso se deu de forma tranquila, sem nenhum empecilho como os apontados pelo Babalorixá João Santos, popularmente conhecido como João Cigano. Este, ao falar do início da lavagem, lembra a discriminação sofrida por Otávio, porque “[...] quando ele idealizou esta festa da lavagem, sendo muito criticado, mas, com toda a perseverança, força de vontade conseguiu [...] pessoas. Passava na rua o pessoal dizia brincadeira e dizia desaforo. Nasceu através dele a Lavagem de Oxum” (Entrevista cedida pelo Babalorixá João Cigano em dezembro de 2007). Todavia, esses aspectos preconceituosos são apontados por outros atores sociais, que veremos mais adiante. Porém, eles são demasiadamente suprimidos pelos jovens estudantes.

Com isso, a chegada no parque se deu com cânticos e animação, embora, exista outra versão contradizendo a existência desse cortejo. Pois, para a ialorixá Angélica de Oliveira, o percurso feito pelos estudantes foi mais sucinto, tendo a saída ocorrido da antiga sorveteira Iara, que já não estava em funcionamento, na quadra em frente à catedral e seguindo até as suas escadarias. Nesse caso, ela afirma que estava a

---

<sup>21</sup> Nascido em São Paulo, 6 de maio de 1946 é um antropólogo, historiador e pesquisador, e um dos mais conhecidos ativistas brasileiros em favor dos direitos civis LGBT. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz\\_Mott](http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Mott)>. Acesso em 17/11/2013.

<sup>22</sup> Ver mapa no anexo 3 (três).

observar o ato de longe devido o receio de represália da polícia, fato que levou os afro-religiosos a não se fazerem presente.

Assim, a apresentação de outra versão do começo da lavagem aborda o diálogo com os candomblecistas e umbandistas desde o início. Ou seja, na realização da primeira lavagem houve a busca dos terreiros para que estes tivessem uma efetiva participação. No entanto, com as ameaças existentes e o medo de enfrentar a igreja, a polícia e a sociedade, a presença do povo de santo ficou resumida em algumas pessoas que assistiram o ato em um local da Praça mais afastado.

Espreitando a ação dos jovens estavam sete pessoas: a ialorixá Angélica, que é a atual organizadora da lavagem e participa desde o segundo ano; o babalorixá João Cigano, que na época era iaô<sup>23</sup>; Dona Argentina; Seu Antônio; Seu Lê, filhos de santo de Mãe Nanã; babalorixá Iozirio de Capela, que tinha um centro de umbanda; e Dadmar, irmã de Iozirio. Narra a mãe de santo que

Foi um grupo seletos num é, já que todo mundo teve com medo de ir com o terreiro, nós estávamos lá vestidos de branco e tudo mais. Mas não participamos da atividade ficamos vendo como eles deveria iam eh desenvolver aquela atividade se não tinham gente de terreiro ali, assim terreiro constituído tocando, cantando né, e eles então fizeram a caminhada deles até a escadaria da lavagem da da catedral e lá com balde, vassoura de piaçava [...] eles fizeram a primeira Lavagem da Conceição, chamada da primeira Lavagem da Conceição. Entendeu? Foi assim que ele eh, que começou. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Angélica de Oliveira em junho de 2010)

No entanto, Otávio aponta que não visualizou nenhuma pessoa de terreiro no local. Mas, havia apenas uma senhora que interveio no conflito que existiu, o qual será exposto mais adiante. Ele considera que “se tinha estavam escondidos por trás das árvores. Estava escondido, porque eu me recordo de uma senhora, que não foi Angélica, eu não sei quem foi essa senhora.” (Fala de Otávio Luiz) Além disso, a euforia do momento expõe o não conhecimento da totalidade dos fatos. “Não foi tudo muito rápido, foi tudo muito rápido. A coisa foi feita com com uma rapidez assim e uma um certo segredo. Eu não tive noção de nada. O que aconteceu ninguém soube, num é. Foi

---

<sup>23</sup> “Esposa jovem; filha ou filho-de-santo; grau inferior da carreira iniciática dos que entram em transe de orixá [sic]” (PRANDI, 2001, p. 566).

uma semente que foi jogada e depois vieram e jogaram água e foi crescendo. [sic]”  
(Idem)

Dessa forma, ao chegarem às escadarias da catedral, os estudantes realizaram a lavagem à sua maneira. Utilizando baldes para pegar a água da fonte que existia no monumento do Monsenhor Olímpio Campos, vassouras, perfumes e flores cumpriram a promessa feita à Nossa Senhora da Conceição. Algumas flores foram amarradas na grade da igreja, que estava fechada no momento. Para os devotos, essa foi a forma de agradecimento por terem alcançado os seus objetivos.

O ato foi presenciado por poucas pessoas, dentre estas, os guardas da prefeitura que faziam o policiamento do local. Um desses funcionários da guarda, ao perceber uma movimentação incomum, se aproximou para saber o que estava acontecendo e indagou Otávio Luiz em busca de explicações. Ao perceber certa embriaguez do policial dirigiu-se a ele sem se esquivar.

E quando eu respondi, ele tava com o álcool alto, estava um pouco alterado e estava com o álcool com o bafo de cachaça. E eu disse a ele: “Você deveria ficar calado porque **você está fardado e está com o cheiro de álcool. E o que a gente está fazendo aqui não está ofendendo ninguém.**” **Ai nessa hora eu recebi um soco na cara né.** De forma a lavagem começa com agressão. [sic] (Ibidem, grifos da autora)

Após essa fatalidade, houve a inesperada intervenção de uma senhora que não foi identificada. Pois, estando o grupo perturbado com a ação e com o confronto posto, esta mulher agiu como mediadora, evitando maior exaltação dos ânimos. “Ela foi me acalmar e advertiu o polícia: “olha você bateu em uma pessoa que é uma pessoa que tem certa importância aqui na sociedade, vai vai embora”. E separou o confronto. E nós fomos embora pra casa com meus companheiros e companheiras” [sic] (Ibidem).

Descontentes com o ocorrido, mas, sem delegar a culpa a outrem, os idealizadores da lavagem resolveram não realizar a manifestação em outros anos. Visto que, além da agressão física sofrida por um dos membros, houve violência não física, essas aparecem nas entrelinhas das suas falas, sendo compostas por suas expressões de desagrado ao recordarem dos fatos. Como a expressão “né” no final da frase: “Ai nessa hora eu recebi um soco na cara né”. Representando através de sua narrativa os

sentimentos de surpresa e indignação, seguidos, posteriormente, de entonação frustrante ao recordar, concluir, que o início da lavagem foi recebido agressivamente.

O agredido diz não poder “acusar que foi meu parente que mandou né. Por que ele não teria a capacidade de fazer essa represália tão grande. Ele ficava ali pelo parque, era vigia do parque né há sei lá quanto tempo, provavelmente deve ter ficado assustado com o movimento, nunca tinha acontecido aquilo [sic]” (Ibidem). Todavia, Wellington Andrade interpretou de outra forma a ação repressora. Segundo ele “[...] o padre, lá o bispo, não gostou, chamou a polícia e ai espancaram a gente, mandaram a gente pra aquele lugar dizendo que não era para lavar [sic]” (Entrevista concedida em dezembro de 2011).

Mesmo assim, tomada a decisão de não terem mais envolvimento com a lavagem, Sérgio decide procurar os adeptos das religiões afro-brasileiras para participarem e assumirem o que haviam começado. Entretanto, não é a Sergio que os afro-religiosos atribuem esse fato. Com isso, Otávio continua protagonizando as ações em torno dessa manifestação. Isso, por ter sido a sua atuação um ponto em comum dos meus informantes.

A partir daí eles como tinham que viajar, inclusive Otávio pra Salvador pra fazer o curso de Arte Moderna, ele então procurou vários terreiros, não aceitaram, procurou nosso pai, o Babalorixá José de Oliveira, que temeroso ficou com a festa por que acreditou já que eu iniciada no candomblé e trabalhava na cultura poderia dar uma certo suporte a festa, e assim foi né. Ele aceitou, nós fizemos em 1983 uma festa meia cabreada com pouca gente, 84 e a partir daí nós vimos os terreiros saírem um pouco mais. E o primeiro terreiro que saiu com o Babalorixá José de Oliveira nas ruas com outros companheiros da religião foi o terreiro de Dona Nair. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Angélica a TV Aperipê em dezembro de 2009)

Contudo, a transferência da Lavagem da Conceição para a responsabilidade de Angélica é uma questão muito polêmica dentro da composição da festa. Como exposto acima, existe um destaque na participação de um indivíduo, o qual pertence a uma família conceituada da sociedade sergipana, mas, além disso, influenciou pessoas com o seu pensamento, que se autodefine de multicultural.

Assim, a vontade que a lavagem tenha prosseguimento confunde-se com a não participação e entrega de responsabilidade aos terreiros. Mas, esta não foi feita por

ele, ao menos no segundo ano. Ficando uma incógnita no cruzamento das informações de quem esteve a chamar os afro-sergipanos.

O fato é que eles são convidados a participar e assumem a festa desde o seu segundo ano. Então, as mudanças, os entraves, a efetivação dessa tradição como manifestação cultural do estado de Sergipe está correlacionada às ações desses indivíduos. Ficando o grupo de estudantes, marcado na história da lavagem, como o ponto de início, o primeiro passo, e que é lembrado pelos mais velhos e por aqueles que acompanham minimamente a festividade. Pois, nem todas as pessoas que presenciam a festa estão cientes desse princípio.

No ano de 1988, em que ocorre a sétima edição da lavagem, houve uma reunião entre os babalorixás e ialorixás que participavam da festa e, na ocasião, convidam Otávio Luiz para esclarecer quem havia recebido a manifestação. Isto é, havia uma discussão entre esses sacerdotes e sacerdotisas para definir o legado do rito. No entanto, segundo o idealizador, não houve nenhuma intenção de passar a responsabilidade para uma pessoa ou para um terreiro, até mesmo porque não havia sido ele quem procurou os mesmos.

Assim, a discussão sobre a legitimidade da organização da lavagem é algo que sempre está presente nos discursos desses manifestantes. Pois, a história contada pela organização consiste na passagem do evento para o Babalorixá José de Oliveira. O qual, junto com a sua filha consanguínea, Angélica de Oliveira, assumiram a realização da festa visto que outros terreiros resistiram em se comprometer.

Aqui existe uma competitividade muito grande, onde as pessoas que participam elas não. Vamos supor, até certo tempo alguns terreiros participavam da lavagem, depois de uns tempos os terreiros foram se afastando e ficou na mão de [...] Angélica. Não existe nenhum documento que prove que eu entrego a lavagem a Angélica. Existe uma fala, uma conversa [...] Eu fui em uma reunião na casa de Angélica no Bairro Santo Antônio. Onde eu fui participar e fui apaziguar, eu não fui entregar a lavagem a Angélica, **eu fui apaziguar porque existia [...] umas certas participações onde queriam saber quem era que é o dono da lavagem.** Então essa questão de que eu dou a lavagem não existe. **A lavagem ela foi criada para o povo.** Sergio entrega a lavagem para outros adeptos do culto afro. [sic] (Entrevista cedida por Otávio Luiz Duarte Cabral Ferreira em setembro de 2012, grifos da autora.)

Após essa reunião Otávio Luiz disse que não participou em nenhum momento da produção ou realização da lavagem, resumindo-se a expectador, quando estava na cidade. Pois, na ocasião em que teve a oportunidade de encontrar os praticantes das religiões de matrizes africanas levou o estandarte confeccionado por ele no primeiro ano, e em um ato simbólico de passagem e demonstração de respeito pelo trabalho que estava sendo desenvolvido o entregou aos presentes. Percebi, que a narrativa dos atores sociais sobre uma determinada ritualística da passagem se aporta nas representações, que “convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos na sua linguagem” (PORTELLI, 1998, p. 111). Diferente da fala da Ialorixá Angélica, pois ela destaca a participação do seu pai consanguíneo, Babalorixá José de Oliveira, como o recebedor da lavagem, com a incumbência de continuar com o ritual.

Diante disso, a coordenadora aponta as contradições apontadas e as dificuldades enfrentadas quando coloca que

[...] talvez seja por isso que causam celeuma, e porque ta na minha mão acham que eu não tenho, não tenho, eu praticamente criei esses setores novos dentro da lavagem pra ampliar a festa. **Por que foi o que mais Otávio Luiz: ói Angélica, eu to entregando na sua mão e a de seu pai.** Meu pai era vivo na época, o Babalorixá José de Oliveira, e eu to entregando na mão de vocês, o que eu quero de vocês faça crescer a festa não deixe morrer, a festa é de vocês ta nas suas mãos né. [...] inclusive fizeram muita coisa contra mim querendo né querendo ir de encontro a minha pessoa. [...] **ainda fez reunião contra mim [...] pra poder entregar a festa a Marizete**, porque diz que Marizete era era a Dona do do, como é o nome? Do trono de vó Nanã. Eu digo: ela pode ser a dona do vó Nanã né, mas ela não aceitou a festa da lavagem e Otávio Luiz foi na casa desse pessoal. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Angélica de Oliveira em junho de 2010, grifos da autora.)

Mesmo com as existentes complicações, inclusive, de negociação com a polícia para a sua efetivação, a festa ocorreu todos os anos, tornando-se um marco no calendário dos seus participantes, além de sempre pautar pelo diálogo com a igreja. Com esse entendimento, é no ano de 2001, com a mudança de pároco da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que se estreita a conversa em uma compreensão do ato da lavagem como representação do ecumenismo religioso.

É com o Padre Jerônimo Nunes Peixoto na nova função de vigário que a lavagem chega a um momento emblemático. Este se configura na permissão do cortejo entrar no interior da igreja para saudar a imagem da santa, geralmente, com flores.

Dessa forma, no interior da igreja, os adeptos do candomblé e da umbanda entravam entoando os seus cânticos, saudando Nossa Senhora e Oxum. No entanto, com a justificativa de que a permissão foi um ato de desonestidade do pároco, o bispo auxiliar, Dom Henrique, solicita uma conversa com a organização da festa para acordar a não entrada no templo. Pois, segundo ele, a igreja não poderia permitir a execução de rituais não cristãos em um dos seus santuários.

Esse fato se desenrolou no ano de 2010, após o bispo ter chegado à cidade e assumido o seu cargo em 2009. Ficando surpreso com o que se sucedia no dia da maior celebração da paróquia e nesse contexto ficou decidida a saída de Padre Jerônimo do seu cargo, como também, o afastamento da igreja. Porém, este não foi o fator principal para o seu afastamento, que consiste na formação de família pelo referido padre ter sido descoberta.

Então, logo no começo eu fui informado que tinha essa lavagem e eu procurei me informar dos detalhes, porque quando **como ela é um evento de fronteira**, então eu procurei me informar para saber do contexto. E ai **na época me deram a informação errada, que a lavagem era somente lá fora mesmo que não tinha nenhum evento dentro da catedral. Bom, ai tudo bem, não tem problema nenhum.** Foi quando depois eu fiquei sabendo, pela internet, abri aqui e vi que era lá dentro e tudo. E ai então, no ano seguinte eu pedi para entrar em contato com a organização, com o pessoal lá do culto afro. A gente conversou e eu expliquei que [...] dentro da igreja católica não era possível. E **eles me explicaram que o outro padre tinha autorizado, então eu expliquei que o outro padre tinha sido desonesto, porque sem a autorização do arcebispo ele não tinha o direito de fazer isso, e o arcebispo não sabia.** Então, eu expliquei o sentido da fé católica, do templo e tudo, e **acertamos pra que fosse feito a lavagem, mas que não se entrasse no templo, no espaço sagrado nosso** [a secretária interrompeu]. Então foi isso. [sic] (Entrevista cedida pelo Bispo Auxiliar Dom Henrique Soares em outubro de 2013, grifos da autora)

Mas, o arcebispo, Dom Palmeira Lessa, diferente da declaração de Dom Henrique, coloca que a existência da lavagem não pode ser confundida com sincretismo religioso. Pois, para ele a dimensão religiosa de crença em Nossa Senhora, por parte das duas religiões, são distintas, isto é, as atribuições, os conteúdos, não são iguais para os afro-religiosos quando se referem à Imaculada Conceição.

A contradição entre as narrativas dos representantes da igreja católica, citados acima, se acentua quando o arcebispo declara ter presenciado, nas escadarias da

catedral, parte do ritual da Lavagem da Conceição. Mesmo vindo poucas vezes, ele descreve que “o padre no início vai com eles [os afro-religiosos], tem um momento, também, juntos de oração [...]. Em alguns anos até deixavam a igreja aberta, mas aí tomaram alguns passos que causou polêmica, confusão. Entraram na igreja, tudo, aqueles rituais todos e saía de costas.” (Entrevista com Dom José Palmeira Lessa cedida em setembro de 2013)

Havia uma divergência de concepções referente à lavagem e isso se intensificou com a chegada de Dom Henrique, visto que, a partir desse momento se configurou a mudança nas festividades do dia oito de dezembro, na catedral. Jerônimo, pároco da catedral até 2009, destacou esse ano como o derradeiro para o diálogo inter-religioso começado em 2001, ano que assume a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

No último ano em que eu estava, na festa de 2009, dezembro de 2009, nós já tínhamos a presença de um **bispo auxiliar, Dom Henrique Soares, que é um tanto quanto conservador, muito conservador, eu diria**. Ele não assistiu a cerimônia e ele, segundo eu soube, eu não vi, **ele teria cedido entrevista a uma rede de TV dizendo que isso não era eh, diálogo inter-religioso [...]**. Eu não tenho, não fui atrás disso e ele nunca me procurou pra me dizer nada, eu respeitei o silêncio dele. **Diante de mim ele foi silente, diante das outras pessoas não foi**. Mas eu não, eh, não levei em conta e se eu tivesse continuado na igreja eu faria sim. [sic] (Entrevista com Jerônimo Peixoto cedida em abril de 2014, grifos da autora.)

Dessa forma, compreendo o início de 2010 como um marco para a mudança da política do diálogo entre igreja católica e religiões de matrizes africanas em Sergipe. Pois, a ação delimitadora do espaço católico, que começava a ser empregada na catedral, refletiu nas demais manifestações de cunho semelhante. Assim, como em Riachuelo/SE, onde a entrada na igreja, dos afro-religiosos, no momento da Lavagem da Conceição passou a ser proibida.

Inclusive, é sintomático perceber quando se aborda o tema do diálogo inter-religioso, com integrantes da igreja católica, que estes emitem algumas falas breves e encaminhavam-me para a cúria, pois deveria falar diretamente com Dom Henrique, como aconteceu na conversa o atual pároco da catedral, Padre Dácio.

Outro acontecimento em 2010, refere-se a aprovação na Câmara Municipal de Aracaju da Lei 3.763 instituindo o Dia Municipal da Mulher Afro-religiosa<sup>24</sup>, apresentada como projeto de lei pelo vereador José Gonzaga de Santana (PMDB). Assim, é no mesmo ano em que se consegue pautar na agenda municipal mais uma data para visibilidade das religiões afro-brasileiras, em destaque para as mulheres, que essa manifestação fica sem poder entrar na igreja refletindo como uma perda de espaço em suas lutas.

Mesmo com o recuo na ocupação dos espaços, a Festa da Lavagem da Conceição em Aracaju vem acontecendo todos os anos e sendo os últimos três demarcados pela exaltação ao chegar às escadarias, defrontando a nova realidade. Ou seja, às escadarias volta a delimitar o campo religioso referente ao candomblé e ao catolicismo. Representando, assim, o limiar entre o sagrado e o profano, na visão católica, porém, para os participantes da lavagem que estão na escada, o sagrado manifesta-se lá.

Para Eliade (1992), o sagrado é primordialmente definido como pela oposição ao profano. Nesse sentido, o espaço sagrado é construído ritualmente pelo homem religioso, pois

o limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distingue e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunica, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. (p. 19)

Assim, o sagrado e o profano interagem como se existisse um campo de interseção onde ele pode permear, exemplo disso são as Festas das Lavagens de Nossa Senhora da Conceição em Sergipe. Pois, a existência delas no espaço sagrado, para alguns religiosos católicos, agem contestando o lugar de contato com a transcendência do profano, a igreja. Mas, na visão dos afro-religiosos participantes dessas manifestações, estão saudando, sacralizando, a moradia da santa e das entidades louvadas.

---

<sup>24</sup> Ver anexo 4 (quatro).

Além do mais, este momento de encontro entre esses diferentes segmentos religiosos retrata a disputa e os conflitos existentes, principalmente, quando em cada lado existem indivíduos a defenderem seus pontos de vista. Onde representantes da igreja católica formam um cordão na parte da igreja para recepcionar e garantir a não entrada. Enquanto que participantes do cortejo dos afro-sergipanos reivindicam poder entrar novamente, acusando a decisão como intolerância religiosa.

Portanto, é nesse contexto de ressignificação religiosa e festiva, de busca por visibilidade, de agressão, de entraves, como também, de conquistas políticas pelo reconhecimento das manifestações e das religiões de matrizes africanas no estado de Sergipe que esses atores sociais vêm construindo a história das lavagens. Assim, percebemos que as histórias das lavagens percorrem caminhos semelhantes, no entanto, destoam em determinados aspectos quando levamos em consideração as informações dos diferentes participantes. Onde cada pessoa ressalta e/ou oculta dados criando e recriando a história.

## 2.2 – Parabéns para Oxum: etnografia do ritual festivo.

O dia mal acabava de nascer, passava das 05h00m e já se ouvia os fogos vindos da colina do santo Antônio. A data de 08 de dezembro de 2007 comemorava a alvorada festiva, indicando os 25 anos da festa. Era o jubileu de prata, um dia de comemorações, dia de festa, dia da Lavagem da Nossa Senhora da Conceição, ou como alguns dizem: é dia da Festa de Oxum.

Quando me dirigia da casa do meu pai biológico<sup>25</sup>, onde dormi por ser próximo ao evento, no Bairro Industrial, para a casa da Ialorixá Angélica de Oliveira, observei que as ruas estavam desertas, a não ser por um grupo de sete pessoas que às 05h20m da manhã já esperava o momento em que o cortejo da lavagem desceria a Colina do Santo Antônio. Eles estavam com roupas em sua maioria brancas, uma delas, vestia-se também com uma blusa amarela e em seus braços segurava um grande e vistoso buquê de rosas brancas e amarelas. Aproximei-me delas e indaguei se esperavam o cortejo, uma senhora muito animada que aparentava ter mais de cinquenta anos me respondeu

---

<sup>25</sup> Ver localização no anexo 2 (dois).

com vigor que sim. Quis saber se a alvorada já havia acabado, tinha ouvido os fogos, mas cessaram rápido, e mais uma vez, ela me confirmou que sim. Então, segui em direção a Rua Armindo Guaraná, no Bairro Santo Antônio<sup>26</sup>, onde se localiza a casa de apoio da festa.

**Foto 2: Casa de Apoio na Rua Armindo Guaraná.**



Fonte: Arquivo da autora.

Ao chegar ao endereço, às 05h30m da manhã, avistei dois ônibus que aguardavam a liberação por à parte dos representantes dos terreiros. A gambiarra que cruzava a rua, feita no intuito de iluminar a missa campal, ocorrida na noite anterior, ainda encontrava-se acessa – essa foi uma das mudanças no calendário do evento, pois, a missa nos anos anteriores era realizada no

mesmo dia da festa (08 de dezembro), antes da saída do cortejo. Já no ano de 2009, a missa voltou a constar na programação no mesmo dia da festa e seria realizada pelo Padre Antônio, do município de Riachuelo. Porém, apesar da tentativa, a missa não ocorreu devido ao atraso da organização em se dirigir à Colina do Santo Antônio – ocorreu também em outras edições do evento que eu acompanhei. Assim, a chegada da comissão coordenadora, juntamente com a imagem da santa, no local da saída do cortejo, aconteceu minutos antes do horário programado para o início deste, ocasionando a supressão de momentos estabelecidos na programação oficial.

Na casa de apoio e em outra residência próxima existiam faixas fixadas nas fachadas que faziam referência ao período de existência da Lavagem da Conceição, datando de 08 de dezembro de 1982 à 08 de dezembro de 2007. Mostrando, assim, que a festa estava completando vinte e cinco anos. Também, em frente a esta casa, se encontrava o carro da Floricultura Paraíso das Flores, contratada para ornamentar o andor, com o floricultor Etelvino Mendonça e sua assistente que tinham iniciado há pouco o trabalho na área da casa da mãe consanguínea da Ialorixá Angélica, local que

<sup>26</sup> Ver localização no anexo 2 (dois).

está registrado oficialmente o endereço do terreiro organizador da festa, o Centro Espírita de Umbanda Paraíso dos Orixás.

Uma das primeiras etapas da ornamentação da imagem de Nossa Senhora da Conceição foi amarrá-la ao andor, a fim de que ela não caísse ou balançasse, posteriormente, colocaram blocos de esponja verdes encharcados d'água, constituindo uma base ao redor da santa. Essas esponjas serviam para fixar a folhagem e as flores, mantendo-as vistosas com a água. As flores, escolhidas pela coordenação, foram as margaridas e as rosas brancas, simbolizando a pureza, “já que Nossa Senhora da Conceição sincretizando com Oxum está pedindo a paz”. (Fala da Ialorixá Angélica, em conversa informal no dia 08/12/07)

**Foto 3: Ornamentação da Santa na casa de apoio.**



Fonte: Acervo da autora.

**Foto 4: Idem.**



Fonte: Acervo da autora.

Durante a conversa, a organizadora falou do quanto é trabalhoso realizar este evento, principalmente no ano de 2007, pois, era o 25º aniversário e, por isso, merecia uma festa maior. Essa era a vontade da coordenação e, para isso, muitas das despesas estavam sendo pagas com o salário da própria, “até o meu décimo já está todo comprometido” declara a ialorixá. Contudo, ela recebe a ajuda e o reconhecimento de pessoas, que entregam oferendas de promessas para serem usadas no evento e para serem levadas às águas do mar junto com as obrigações. Uma dessas pessoas foi explicar o porquê não estaria presente no evento, ele tinha que ir trabalhar, pois, era comerciário e as lojas iriam funcionar no feriado<sup>27</sup>. “Hoje eles não tem mais respeito por nada”, falava o senhor saindo para ir ao trabalho.

Com o passar das horas, amigos e adeptos da religião, chegavam. Alguns traziam presentes, flores, obrigações. Algumas autoridades do candomblé e da umbanda começavam a se fazer presentes, como o Babalorixá João Santos, participante desde o primeiro ano do evento. Logo que ele chegou, Angélica nos apresentou e pediu que conversasse conosco por ser um membro da organização da Lavagem e participante de todos os anos. Solicitando, assim, que o mesmo, falasse da verdadeira história da lavagem, enfatizando a palavra “verdadeira”.

De fato, existe uma preocupação com a divulgação e preservação da “versão verdadeira” da festa. Essa foi um das razões para a organização realizar uma exposição fotográfica contando a história da Lavagem da Conceição. A exposição teve início no jubileu de prata, ou seja, no próprio ano de 2007, sendo composta por banners fotográficos contando a construção histórica da lavagem cronologicamente. Mas, devo salientar que o trabalho ao qual estamos desenvolvendo não cabe determinar uma ou outra versão como verdadeira e sim, relatar todos os dados encontrados na pesquisa de campo. Nesse sentido, o material coletado não diverge e sim, na minha visão, compõe as variantes históricas existentes na lavagem. Pois, até mesmo os membros que participam do ato festivo, desde as primeiras edições não convergem totalmente em seus discursos, como foi apresentado anteriormente.

Sendo assim, em entrevista, o Babalorixá João Santos diz que era iaô e estava no quarto quando Otávio Luiz na casa do seu pai, Cariodô, idealizou a Festa da

---

<sup>27</sup> A partir do início de dezembro as lojas comerciais funcionam todos os dias da semana, pois é época de grande movimento devido aos festejos natalinos.

Lavagem. Relata que no começo eles sofreram muito, mas, agora com o ecumenismo, o padre já recepciona o cortejo da lavagem na porta da catedral, chegando a abrir as portas da mesma para que entrem, além de “dá o sermão”.

Quando estava a entrevistar o babalorixá, outro participante da organização se aproximou de nós, a pedido de Angélica, e declarou que a lavagem é um momento de reafirmação na rua da cultura afro-brasileira. Gibaldo Souza diz que como pedagogo e membro fundador do Grupo Afro Cultural “Axé Quizomba”<sup>28</sup>, participa desde a sua fundação do grupo, ou seja, há mais de 18 anos, da Lavagem da Conceição. Pois, compreende a manifestação como uma forma de fortalecer as religiões afro-brasileiras, de combater a discriminação, de resgatar a autoestima da população negra, e dessa forma, poder divulgar através do evento a mitologia africana para a sociedade.

Segundo ele, é uma vergonha para os políticos do Estado não colaborarem com as comemorações de 25 anos da Lavagem. Mesmo assim, essa cultura resiste e resistirá. Falou deixando explodir a sua indignação pelo fato do evento não ter recebido a ajuda desejada por parte do governo e dos políticos, tanto estaduais como municipais.

Infelizmente no nosso Estado não existe políticos nenhum comprometido com a cultura afro-brasileira nem com as religiões, nenhum ta! Se aproveitam do voto do povo negro, se aproveitam do voto do pessoal do candomblé e da umbanda, em outras religiões afro-brasileiras, ta entendendo, mas não dá devido respeito, a devida valorização e do devido apoio. Vinte e cinco anos de Lavagem que as pessoas que estão na frente, a ampla comissão, pedi respeito aos nossos orixás [...]. Mas, a gente espera que no dia da mãe Oxum a cabeça desse povo se abra, se renove as energias, esse axé muito forte e eles repensem. Porque nós estamos no governo da mudança e queremos que a mudança chegue até o movimento negro, chegue até as religiões afro-brasileiras. A gente precisa de quarenta ônibus, só dão cinco. A gente precisa de x camisas, não dão nada. Então, essa é a realidade [...]. [sic] (Entrevista cedida em dezembro de 2007)

Enquanto a entrevista acontecia, observei que muitos jovens chegavam vestidos com a camisa da organização do evento. Estes, providenciavam os últimos preparativos. Cada um tinha uma função, tal como: cuidar dos fogos, colocar os banners no mini trio, afinar os instrumentos, recepcionar os participantes na colina e etc. Afinal,

---

<sup>28</sup> Grupo cultural constituído por um bloco afro fundado no Bairro Santos Dumont em Aracaju/SE.

tudo tinha que estar perfeito para eles. Era essa a observação que fazia ao ver o zelo das pessoas.

Entre as tarefas a serem executadas, naquele momento, a arrumação dos jarros era de ação exclusiva das mulheres, mas, apenas uma estava o fazendo. Então, a Ialorixá Angélica solicitou ajuda da mãe de uma das estudantes, que acompanhava a filha na pesquisa de campo<sup>29</sup>. E com um olhar profundo, um ar de dona da sabedoria, de quem sabe o que está fazendo, disse sorrindo: “No candomblé todo mundo trabalha, todos ajudam de algum jeito. Enquanto um faz a comida, outro varre o terreiro, outro faz outra coisa e assim vai”. (Fala da ialorixá em 08/12/2007)

**Foto 3: Arrumação dos Jarros**



Fonte: Acervo da autora.

Assim, com os instrumentos em cima do mini trio, começaram a afiná-los e, nesse momento, Angélica pede a um dos jovens pertencente à organização para soltar os fogos, já que era o responsável por isso. O acesso ao interior do mini trio era restrito a quem pertencia à organização, e aos ogãs<sup>30</sup>, responsáveis por cantar e tocar durante o cortejo. Foi determinado pela coordenação que as músicas a serem cantadas seriam restritamente para Oxum, podendo variar com canções das águas, justamente porque se “a festa é para ela, Oxum, não tem nada que misturar com outras músicas de divindades!” exclamou a mãe de santo Angélica.

<sup>29</sup> Refiro-me a uma das estudantes que compunha o grupo da turma de “Tópicos de Antropologia: antropologia da festa”, que estava pesquisando como atividade sobre a Lavagem de Nossa Senhora da Conceição.

<sup>30</sup> Segundo Prandi (2001, p. 568), ogã no Brasil é um “cargo sacerdotal masculino do candomblé, incluindo o tocador, o sacrificador e homens de prestígio ligados afetivamente aos grupos de culto.”

Isso ocorreu quando ela já havia se trocado e vestido à indumentária com que iria para o cortejo. Tratava-se de um saião branco, com bastante volume e muito rodado, confeccionado com o tecido caça bordada que também era o mesmo da bata. O bico, tanto do saião como da bata, eram trabalhados com pedras translúcidas que brilhavam com a luz do ambiente, mas, na manga da bata tinha uma espécie de babado para dar mais volume aos ombros. O seu torço tinha duas pontas, simbolizando que o orixá regente de sua cabeça é do sexo feminino (quando no torço só tem uma ponta é porque o orixá de cabeça é do sexo masculino), o tecido era o mesmo da roupa, porém, também havia outro pano. Ela usava brincos discretos, no braço esquerdo, pulseiras de cores: vermelha, verde e outra semelhante a ouro envelhecido; já no direito, bracelete e pulseiras banhadas a ouro, nos dedos, vários anéis e, em seu pescoço, um curto cordão dourado e suas guias: vermelha, referente ao orixá em que é filha, Iansã; azul, representando Iemanjá; e amarelo ouro, simbolizando Oxum. O seu calçado também era de cor branca, compondo, assim, o seu traje para o dia festivo.

**Foto 4: Ialorixá Angélica de Oliveira.**



Fonte: Acervo da Autora.

Tudo corria tranquilamente e se aproximava da hora para a equipe organizadora dirigir-se a Colina do Santo Antônio, levando a imagem de Nossa Senhora da Conceição, ornamentada com flores. A Ialorixá Angélica estava muito ansiosa, atenta

e preocupada com tudo, para que não acontecesse falhas. Para ela, o dia oito de dezembro é muito importante por causa da Festa da Lavagem, além de que é o dia do aniversário de santo dela.

Assim, às 08h56m o Babalorixá João Santos entoou, no mini trio, os cânticos para iniciar o toque aos orixás, iniciar o conhecido como Padê de Exu. Momento onde se pede paz para a festa pública e que nenhum egum<sup>31</sup> venha atrapalhá-la. Portanto, iniciaram o ritual pedindo licença a Exu, pois, ele é intermediário entre os homens e os orixás, é ele quem abre os caminhos, sendo sempre o primeiro na sequência dos cânticos aos orixás (xirê<sup>32</sup>). Durante o toque, os praticantes da religião que se encontravam em frente da casa de apoio (lado da rua oposto ao mini trio) respondiam aos cantos, aplaudiam, dançavam e saudavam aos orixás com bastante entusiasmo.

**Foto 5: Babalorixá João Santos.**



Fonte: Acervo da Autora.

Logo após o término do toque, o táxi, contratado para levar a Santa durante o cortejo, chegou e rapidamente os organizadores prenderam toalhas brancas ao teto, e se dirigiram a área da casa para deslocar a imagem para o carro. Nesse momento, todos ficaram tensos e voltaram suas atenções para aquela ação. Eram quatro homens que com um impulso a colocaram nos ombros e, lentamente, se dirigiram à porta, necessitando que se abaixassem para conseguirem ultrapassá-la.

Quando três homens passaram da porta, houve uma inclinação de um dos lados, ficando significativamente mais baixo que os outros, assim, as demais pessoas que observavam, envolvidos pelo calor daquele momento, correram para ajudar e evitar a queda da Santa. Após o susto, a imagem foi colocada e amarrada ao carro com várias voltas e nós, até ficar firme e sem balançar. Logo após concluir a tarefa, soltaram mais fogos.

<sup>31</sup> “Antepassado, espírito de morto, o mesmo que egungum; alguns orixás são eguns divinizados”. [sic] (PRANDI, 2001, p. 565)

<sup>32</sup> “Brincar; no candomblé, ritual em que os filhos e filhas-de-santo cantam e dançam numa roda para todos os orixás.” [sic] (PRANDI, 2001, p. 570)

**Foto 6: Nossa Senhora da Conceição.**

Fonte: Acervo da Autora.

O relógio já marcava 09h30m da manhã e a música no mini trio continuava, como se avisasse que estavam a caminho, além de animar as pessoas presentes que dançavam, brincavam, sempre sorrindo, numa contagiante alegria. Neste momento, saía da casa uma mulher carregando dois jarros nos braços, após um homem, depois outra mulher que pediu minha ajuda e assim o fiz. Os jarros cheios de água de cheiro e com flores estavam sendo colocados na carroceria de uma caminhonete. Nela também se encontrava dois organizadores que iam arrumando para que ficassem agrupados e não tombassem durante o percurso até a Colina. O cuidado era tamanho que eles seguiram junto aos jarros durante todo o trajeto.

Às 10h00m, as pessoas que iam para a Colina do Santo Antônio já se encontravam arrumadas na calçada, esperando para seguirem juntas. Foi quando avistei, ainda dentro da casa, tímida, num canto da área e com uma expressão de ansiedade, a menina que representaria Oxum no cortejo. Era a mesma que me recebeu quando cheguei, ao início da manhã, naquela casa. Uma menina negra, magra, em seu cabelo tinha um aplique de náilon até o meio das costas, os traços do rosto eram suaves, os olhos castanhos, nas suas pernas, as marcas da infância levada, porém, com um feição de menina faceira.

A sua roupa era um vestido comprido, rodado, tomara que caía, de cor salmão, na parte de cima, compondo detalhes arredondados, outro tecido detalhava o

vestido, e um laço nas costas na altura da cintura; em cada braço dois braceletes do mesmo tom do vestido, bordado a mão com miçangas, lantejoulas e pedras brilhantes, formando um arranjo; os seus pés calçavam uma sandália branca; seu cabelo estava amarrado para encaixar o adorno em sua cabeça que era trabalhado com arranjos semelhantes aos do bracelete, compostos com pedras rosas, amarelas e brancas e contornados por tiras pontiagudas de plástico; cobrindo o rosto, correntes de miçangas douradas e brancas, e uma pedra branca presa ao adorno, no centro da testa. Em seus braços, posicionado ao lado direito, ela carregava um buquê de rosas amarelas.

**Foto 7: Representação de Oxum.**



Fonte: Acervo da Autora.

Outro personagem que apareceu minutos antes de saírem da Rua Armindo Guaraná foi a mãe de Angélica, que com a ajuda dos filhos, foi encaminhada até o carro onde a imagem de Nossa Senhora da Conceição estava. Somente às 10h12m aqueles que se faziam presentes no local de apoio seguiram em direção à Colina do Santo Antônio.

Na frente da pequena comissão e, como se estivesse a guiar o caminho, a Ialorixá Angélica ia sozinha num táxi, o mini trio estava logo atrás, com um ogã tocando, o babalorixá João Santos cantando e dois organizadores que levantavam os fios de eletricidade baixos para possibilitar a passagem. Em seguida, a caminhonete com os jarros, e após os dois ônibus, que não tinham ido buscar os terreiros: um com a organização, filhos de santo e amigos, e outro com alguns estudantes da UFS. Durante todo caminho fogos, soltavam fogos para anunciar a chegada da Santa ao local onde o cortejo da Lavagem de fato iniciaria. Para tanto, o mini trio se posicionou ao pé da Colina para facilitar a descida dos participantes.

Dessa forma, a chegada da Virgem da Conceição era aguardada por filhos de santo, espectadores, grupos culturais e equipes de reportagem que se concentravam na praça, para iniciar o cortejo. Pois, já eram 10h35m e passava da hora dos jarros serem entregues. Em sua maioria, as pessoas se encontravam vestidas com roupas brancas e alguns vestiam indumentárias confeccionadas com tecidos luxuosos, brilhantes, expressando o esbanjamento nas roupas, que constituía um aspecto visualmente interessante e demonstrava o excesso que está no cerne da festa (CAILLOIS, 1970).

Era perceptível que os participantes concentrados na Praça Siqueira de Menezes, localizada no alto da colina, vinham de locais distintos, ou de terreiros diversos, pois, cada grupo estava reunido separadamente e ocupando espaços diferentes e afastados um do outro. Mas, eles interagiam entre si, as pessoas circulavam no espaço para conversar, assistir as apresentações, ou comprar bebidas. Assim como, quem se encontrava em grupos menores ou sozinho, também se deslocava no espaço em busca de pessoas conhecidas, além disso, havia o intuito de observar os grupos que se apresentavam naquele momento.

**Foto 8: Grupo Afro Cultural Axé Quizomba.**



Um destes, era o Grupo Afro Cultural “Axé Quizomba”, posicionado no final da praça, por ser um espaço maior e com sombra das árvores; o outro grupo era composto por ogãs que tocavam os instrumentos a serem utilizados na percussão do mini trio – os dois grupos

eram de percussão e foram responsáveis em recepcionar os participantes, com o intuito de demarcar o momento festivo.

O espaço público da Praça estava repleto de pessoas, além de haver alguns vendedores ambulantes de pipoca, bebidas e lanches, aproveitando a aglomeração para comercializar seus produtos. Este espaço, de fato, caracteriza-se como um espaço público dividido em espaços privados. Isto é, dentro daquele cosmo se encontravam microcosmos que interagiam entre si e com o primeiro, no entanto, o cosmo é socialmente construído por meios históricos que estão inseridos na memória da própria festa (FERREIRA, 2005).

Nesse sentido, me chamou atenção estar ocorrendo um casamento na Igreja de Santo Antônio, localizada na mesma Praça, no momento em que os participantes se reuniam para o cortejo. Assim, com a chegada da comissão e da Santa houve excitação das pessoas, porém, era como se o cotidiano dos demais indivíduos e da igreja continuasse normalmente, enquanto que a festa era um momento de exceder o cotidiano para os participantes, pois, em Aracaju, esse é um dos poucos dias em que as religiões afros vão as ruas se manifestar.

Contudo, apesar da concentração ocorrer na Colina onde é localizada a igreja, ela não interrompeu a sua normalidade (CAILLOIS, 1970). Mas, devido a enorme agitação e ao barulho foi necessário pausar a cerimônia interrompendo a entrada da noiva na igreja, que teve que esperar a saída do cortejo para prosseguir o casamento.

A chegada da Ialorixá Angélica também foi tumultuada, vários fiéis a rodearam, juntamente com os repórteres que estavam à espera para entrevistá-la. Enquanto os jarros, perfumes, flores e bandeirinhas do evento com a imagem de Oxum Apará<sup>33</sup> eram entregues, a ialorixá cedia entrevista, tanto para emissoras de televisão como para jornais presentes

**Foto 9: Chegada na Colina.**



Fonte: Acervo da Autora.

---

<sup>33</sup> Ver anexo 5 (cinco).

naquele instante. Nesse momento, tudo se deu rapidamente, pois, já se aproximava das 11h00m e o cortejo tinha que sair para não chegar tão atrasado na Catedral. Dessa forma, aqueles que iam acompanhar a descida da Colina concentraram-se atrás do taxi que levava a santa, mas eram os iaôs que carregavam os jarros – havia uma quantidade pequena de jarros, cerca de 12 – e antes de descerem, todos cantaram a saudação a Oxum conhecida por Oromi Mayor.

**Foto 10: Porta estandarte.**

À frente do cortejo vinha a criança que representa Oxum e, ao seu lado, o porta estandarte. Eles eram orientados por um filho de santo participante da organização. O porta estandarte estava vestido com uma calça de linho e blazer brancos, por baixo, uma camisa amarelo ouro, também usava meias brancas e calçava uma sandália de tiras de couro, já em sua cabeça um filá totalmente branco.



Fonte: Acervo da Autora.

Logo após, vinha o carro com a Virgem da Conceição e outro táxi que carregava a água mineral para ser entregue aos participantes. Enquanto estes seguiam os carros à sua frente, porém, dividindo o espaço: à frente de todos estavam as autoridades organizadoras do evento, e autoridades das religiões e matrizes africanas, dando ênfase a hierarquia existente. Pois, apesar da Festa da Lavagem ser uma ocasião diferenciada, para os participantes, não ocorre uma cessão das normas sociais para dar lugar à desordem, que Caillois (1970) trata como parte inerente à festa, pelo contrário, se mantém as divisões hierárquicas, principalmente, as religiosas.

Em seguida, estavam os filhos de santos e pessoas que se encontravam vestidas de branco. Posteriormente, já no final, aqueles que vestiam roupas de cores distintas e também, indivíduos que dançavam formando um bloco de rua. Nas laterais, muitos acompanhavam o cortejo como se estivessem à parte, como espectadores, da multidão que se deslocava pelas ruas. Atrás, encontrava-se o mini trio com três babalorixás cantando e diversos ogãs a tocar. Por fim, os ônibus seguiam com algumas pessoas vestidas com a camisa da organização.

Acompanhando todo o cortejo, os vendedores ambulantes foram até a catedral. Com isso, observamos que o espaço da festa é um espaço itinerante, o qual vai sendo modificado de acordo com o avanço da procissão. Assim, o cortejo, por onde passava, chamava a atenção das pessoas e agregava outras que estavam a esperá-lo nas casas, nas esquinas ou, simplesmente, o encontravam por acaso. Aqueles que não o seguia, ficavam a comentar, principalmente, as pessoas que estavam nas lojas comerciais do centro da cidade.

Embora tenha começado de forma tranquila, o cortejo ao percorrer as ruas ao ritmo das músicas cadenciadas do ijexá, seguia envolvendo as pessoas e, essas, dançavam sozinhas no meio da multidão ou em um grupo ao final do cortejo, que era puxado pelo bailarino cujo apelido é ‘Hinha’. Ele desenvolvia movimentos com saltos,

**Foto 11: Grupo de Participantes Dançando.**



Fonte: Acervo da Autora.

balançando os ombros, quadris e cabeça, movimentando os braços como se estivesse navegando, além de interpretar puxar uma rede, após essa última sequência de movimentos repetitivos, saltava juntamente com os outros integrantes espalhando-se na multidão. E é esse entendimento de efervescência da festa que Caillois (1970) aborda como sendo “uma grande concorrência de povo agitado e barulhento”.

Porém, a todo instante, solicitavam, através do mini trio, aos que se encontravam dispersos nas calçadas e afastados, para se agregarem ao aglomerado maior do cortejo. Quando entraram na Rua da Frente<sup>34</sup> soltaram fogos e cantaram a música ‘É D’Oxum’ composta por Jerônimo e Vevé Calazans. Percebi, nas imediações da Praça Almirante Barroso, que a Mãe de Santo Angélica estava mancando, aparentava cansaço, mas, continuava a andar segurando um lenço branco na mão, num ato de sacrifício. Ao se aproximar da catedral, soltaram muitos fogos. O cortejo parecia mais

<sup>34</sup> Como é conhecida, popularmente, a Avenida Ivo do Prado que fica à margem do Rio Sergipe.

agitado, a percussão e a música mais vibrantes, entre os participantes, alguns aparentavam cansaço, euforia, no entanto, todos seguiam em direção a catedral.

**Foto 12: Panorâmica do Cortejo.**



Fonte: Acervo da Autora.

O cortejo se aproximava do ponto de chegada, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, catedral metropolitana. Continuavam a soltar muitos fogos para anunciar a chegada do cortejo. Os agentes da SMTT (Superintendência Municipal de Trânsito e Transporte), que acompanhou todo o percurso, fechavam o cruzamento da Rua Itabaiana com Maruim e já se avistava o Parque Teófilo Dantas, repleto de pessoas. Porém, nem todas estavam, exclusivamente, a esperar o cortejo, muitas saiam da missa que terminava a pouco e seguiriam para suas casas porque o que aconteceria após, não lhes diziam respeito. Mesmo assim, a frente da Catedral permanecia superlotada de curiosos, pagadores de promessa, fiéis católicos e das religiões de matrizes africanas que não puderam ou preferiram não acompanhar a descida.

Depois de atravessar a Rua Itabaiana, muitos correram para se posicionarem de modo que pudessem ver a entrada dos filhos de santo na igreja, enquanto que um

grupo continuou seguindo a Rua Maruim até a entrada na Praça Olímpio Campos<sup>35</sup>. Em sua maioria, aparentavam estar cansados, mas, caminhavam em passos cadenciados, sem pressa, aproveitando cada instante daquele momento em que todos os presentes, repórteres, fotógrafos, estudiosos estavam ali para vê-los, observá-los, escutá-los. Era o momento em que eles se apresentavam à sociedade que tanto os discrimina e de aproveitar a situação para demonstrar sua cultura.

A entrada na Praça se deu de forma organizada: primeiramente, o porta estandarte e a representação de Oxum, após, o carro com a santa, a comissão de autoridades afro-religiosas com os filhos de santo e o mini trio que ficou sobre a calçada no início da entrada do Parque. Aos poucos, e com certa dificuldade, os participantes do cortejo foram se acomodando no espaço em frente à catedral, abaixo da escadaria, bastante sufocados em meio à multidão que também buscava um bom lugar para assistir o momento da celebração, o espetáculo (ROSA, 2002).



**Foto 13: Entrada na Praça Olímpio Campos.**

Fonte: Acervo da Autora.

Observei que o espaço estava reduzido, por causa do palco montado ao lado para o evento dos católicos à tarde, onde ocorre a Procissão de Nossa Senhora da Conceição. Como também, havia um caminhão baú em frente ao palco que estava a instalar o som utilizado para a missa após a procissão. Com isso, as pessoas atrás do caminhão não enxergavam o que ocorria nas escadarias da catedral, ocorrendo naquele momento uma disputa de espaço entre os preparativos da festa católica e os participantes da Lavagem da Conceição (FERREIRA, 2005).

Para recepcionar o cortejo, o Padre Jerônimo, sacerdote da catedral, acompanhado por outro padre e pela deputada estadual Ana Lúcia (PT)<sup>36</sup>, esperavam o povo de santo na frente da igreja, e estavam rodeados por algumas pessoas. Logo, ao ver a aproximação do cortejo, o sacerdote dirigiu-se para o alto das escadarias, onde

<sup>35</sup> Ver mapa no anexo 6.

<sup>36</sup> Ana Lúcia é professora da rede estadual de ensino em Sergipe. Exerce o mandato de deputada estadual desde 2002, ano em que foi eleita pela primeira vez, e irá concorrer a reeleição no pleito de 2014. O seu mandato se caracteriza pela proximidade com os movimentos sociais, de diferentes envergaduras.

autoridades afro-religiosas e adeptos foram se direcionando com calma junto ao Padre que segurava um microfone sem fio, e ali fez a recepção aos irmãos, espremido entre repórteres, fiéis, filhos de santo e demais observantes. Em seu discurso, o pároco desejou boas vindas, declarou que a igreja estava aberta para as religiões afro-brasileiras e pediu que todos rezassem, juntos, o Pai Nosso, e assim foi feito por todos.

**Foto 16: Comprimento entre Padre e Ialorixá.**



**Foto 17: Discurso da Ialorixá Angélica.**



Fonte: Acervo da Autora.

Após, a Ialorixá Angélica saudou a todos com axé e discursou, explicitando que no período da escravidão os negros falavam línguas diferentes, agora, todos falamos a mesma língua, o português, então, podemos dialogar e nos entender para que não aconteça o que houve no passado, em seguida, agradeceu a todos os participantes da organização pelo empenho. Obtendo o microfone, um dos organizadores informa que é o aniversário de santo de Angélica e pede a todos que cantem parabéns em sua homenagem.

Em seguida, começa a entrada dos adeptos das religiões afro-brasileiras na catedral, que se dá de forma bastante tumultuada. Os espaços depois da grade de proteção da porta estavam repletos de pessoas; dentro, muitos já aguardavam nos bancos aquele momento. Mas, gradativamente as autoridades das religiões de matrizes africanas foram abrindo espaço em meio à multidão.

À frente, a Ialorixá Angélica tocava um adjá<sup>37</sup> para chamar os orixás, o Babalorixá João Santos que entoava cânticos referentes ao ritual e o padre Jerônimo que

---

<sup>37</sup> Sineta de metal composta de uma, duas ou mais campainhas, sendo um instrumento ritual utilizado por pais de santo. (PRANDI, 2001)

os acompanhou até o meio da igreja. Atrás, outras autoridades seguiam, na frente dos adeptos do candomblé, havia repórteres filmando e fotografando, pesquisadores, curiosos que desejavam registrar o ato de entrada para saudar Nossa Senhora da Conceição.

Nem todos conseguiram entrar, visto que a igreja não comportava tantas pessoas, fazendo com que elas se concentrassem entre a porta, o adro e o espaço acima da escadaria. Os primeiros a chegarem ao altar pediram bênçãos e o reverenciaram saindo da igreja andando de costas em respeito ao mesmo, e muitos ali presentes, acompanharam até saírem do interior da Catedral.

O ato de entrada do povo de santo, que se encontravam com suas vestimentas realizando seus rituais, é vista como uma transgressão da regra, já que isso não ocorre todos os dias, tendo exceção somente no dia de Festa da Lavagem, em que a ordem é cessada momentaneamente. Sendo restabelecida com o termino da Lavagem. (CAILLOIS, 1970).

**Foto 14: Entrada da Catedral.**



**Foto 15: Visão da Praça.**



Fonte: Acervo da Autora.

Fora do interior da Catedral, enquanto o grupo que adentrou saía, iniciavam a lavagem das escadarias em meio a um grande tumulto que não era possível ver o que estava acontecendo de fato e qual era o processo da lavagem. O pouco que observei foi que alguns filhos de santo jogavam a água do jarro na escadaria, molhando também o tapete dentro da igreja e dando as flores para as pessoas ao seu redor, já outros, puxavam as flores para si. Babalorixás e ialorixás borrifavam água de cheiro e alfazema

nos fiéis ou passavam os produtos neles, aparentando estar os limpando e, rapidamente, a lavagem acabou, sufocada pelos participantes.

Após lavarem das escadarias, a organização do evento chamou os filhos (as) de santo para formarem um círculo, e, solicitou ao Grupo de Percussão Burundanga que parasse de tocar, por alguns instantes, em respeito ao xirê que seria realizado. Mas, a sequência de cânticos terminou

**Foto 16: Xirê na Praça da Catedral.**

ligeiramente – em menos de quinze minutos. Um dos motivos para a saudação aos orixás ter sido rápida foi a falta de espaço no local. A disputa pelo espaço, segundo Ferreira (2005), ocorre entre hegemonia e oposição que na intenção de manter o poder os organizadores da lavagem solicitam a parada da percussão enquanto realizava o xirê, pois, estavam atraindo o seu público.



Fonte: Acervo da Autora.

Com o término do ritual da lavagem das escadarias, a coordenadora do evento, Ialorixá Angélica, avisou que as lembranças daquele ano não seriam entregues ali, na Praça, e sim, no almoço que foi oferecido na quadra da Escola Folhinha Verde, na Avenida Confiança - Bairro Santo Antônio<sup>38</sup>, de onde iniciou o cortejo. Para locomover as pessoas até o local, haviam os ônibus que se encontravam atrás da Catedral e, finalizou, desejando muito axé a todos, e em coro alguns dos presentes responderam axé e saudaram com palmas.

De acordo com o debate entre a relação espaço e poder, abordado por Ferreira (2005), podemos vislumbrar que a mudança na entrega das lembranças é vista como uma forma de controlar quem vai receber ou não a recordação, justamente porque, no espaço público não existe como fazer uma distribuição seletiva e num local privado, afastado da multidão de participantes, conseqüentemente, já está sendo realizada uma triagem dos que vão para o almoço. Deslocam-se, basicamente, para o local do almoço,

<sup>38</sup> Ver mapa no anexo 2 (dois).

os terreiros e as pessoas que tem uma afinidade com a coordenação da festa e que não se dirigiam para outros eventos, como o Bobó de Djenal. Configurando, assim, uma seleção das pessoas presentes e que receberiam as lembranças.

Aqueles que não tinham transporte próprio e quem veio do interior com os ônibus da festa, se dirigiram neles até o Bairro Santo Antônio. Quatro dos alunos do grupo de estudantes da UFS foram no ônibus com os filhos de santo, inclusive eu – éramos os únicos desconhecidos dentro do veículo. Eles ficavam a nos observar como se perguntassem quem nós éramos, o que estávamos fazendo ali, com uma incógnita nas suas expressões faciais. Foi quando atentei que o almoço oferecido para o público, em geral, tinha as suas restrições. No caminho, eles cantavam músicas da religião, puxadas por um senhor, um dos mais velhos dentro do ônibus. O atabaque era tocado ao seu lado por um jovem e todos batiam palmas, cantavam e respondiam aos cânticos.

**Foto 17: Espaço do Almoço.**



Fonte: Acervo da Autora.

Ao chegar ao espaço, a Ialorixá Angélica ainda não estava, mas, muitos já se faziam presentes, inclusive, as pessoas designadas a providenciar o almoço, os garçons e a decoradora contratados. Na entrada, um cacho de bolas de assopro amarelas e brancas formava um arco por onde as pessoas tinham acesso a quadra, ao entrar havia duas colunas de gesso ornamentadas com flores sob um pano dourado.

Dentro do local, cachos de balões presos às paredes faziam a decoração no ambiente interno, onde as mesas estavam cobertas por uma toalha branca, sobreposta por outra dourada, com um arranjo de flores sobre ela. No fundo, do lado direito da quadra, estavam as mesas do bolo e das prendas, suas toalhas, seguiam as cores da decoração em homenagem á Oxum, entretanto, trabalharam com três tons de amarelo e, um tecido cor de prata dando o contraste nos detalhes.

Uma das mesas era quadrada e grande, com o bolo, e a outra ao lado, era redonda, de proporção menor, onde estavam as prendas. Um conjunto de seis bolos, sustentados por hastes de ferro torcido pintadas de prata, os suspendia da mesa, os deixando centralizados, e mais abaixo, as prendas ocupavam o espaço e os incensos, lembranças do ano passado, ficavam nas laterais, completando a ornamentação.

**Foto 18: Mesa de Bolos e Lembranças.**



Fonte: Acervo da Autora.

A comida servida foi a dos orixás, mais especificamente, a do orixá Oxum: feijão preto, feijão de corda, arroz branco e peixe assado, tudo sem muitos condimentos. Não serviram bebidas alcoólicas, portanto, somente refrigerante de diversos tipos eram oferecidos com salgadinhos e doces.

**Foto 19: Fala da Ialorixá Angélica no salão de festas.**

Antes de bater os parabéns, a Ialorixá Angélica, que tinha chegado há alguns minutos, pediu a palavra para agradecer a presença e o apoio de todos e dizer que independente dela estar ali ou não, ou seja, viva ou morta, a Festa da Lavagem da Conceição havia de continuar acontecendo, essas últimas palavras foram ditas de forma muito



Fonte: Acervo da Autora.

emocionada. E às 15h30m, cantaram os parabéns, finalizando com clamores de “viva Oxum” e muitos pedidos de AXÉ.

O discurso da coordenadora demonstrou um pouco das tensões da festa, quando ela destaca a continuidade do evento até mesmo sem ela, pois, o debate mais fervoroso é sobre o registro da Lavagem, causador de uma celeuma com a ialorixá no cenário das religiões afro-aracajuanas. Isso, porque determinados atores sociais interpretam a institucionalização da festa como uma apropriação por parte da organização. Porém, nesse trabalho não irei aprofundar os intrínsecos conflitos existentes, deixando esse aspecto para ser trabalhado futuramente. Mas, pretendo discorrer sobre algumas modificações, além das já citadas, ocorridas na festa entre o ano 2007 e 2009.

### 2.2.1 – As Festas Dentro da Festa

No ano de 2009, me chamou a atenção o fato do ponto de apoio, na Rua Armindo Guaraná, não estar movimentado quanto no ano de 2007. Um dos fatores para isso acontecer foi a mudança do local do café-da-manhã, havendo uma descentralização do local de apoio. Assim, as pessoas ficaram divididas entre a casa da Ialorixá Angélica, na Rua Armindo Guaraná, onde também ocorreu a arrumação das representações das iabás<sup>39</sup> que acompanharam o cortejo, e o Espaço Criart, na Rua de São João<sup>40</sup>, onde ocorreu o almoço, após a lavagem das escadarias, também no Bairro Santo Antônio. Além da Colina, local da concentração e local para onde se dirigiam principalmente os terreiros, filhos de santo, adeptos e curiosos que não tinham acesso ao espaço de apoio.

Esse acesso pode ser analisado de três formas: primeiramente, pelo fato de nem todos terem conhecimento de que estava sendo servido o COOF-AJEUM<sup>41</sup>, como consta na programação. Esse café-da-manhã é direcionado aos motoristas, terreiros visitantes e povo de santo em geral e grupos folclóricos e de axé que se apresentariam, como: Grupo da Terceira Idade – Dança de Coco; Chegança de N. Senhora Do Socorro;

---

<sup>39</sup> De acordo com Carneiro (2008, p. 67) “os orixás femininos – as iabás – são quase todos orixás das águas e em geral gozam de larga popularidade entre a gente do candomblé”. Esses orixás são: Nanã, Iemanjá, Iansã e Oxum.

<sup>40</sup> Ver mapa no anexo 2 (dois).

<sup>41</sup> Coof-Ajeum é como a organização denominou o café-da-manhã servido para recepcionar os participantes.

Dança de Roda de Nossa Senhora Do Socorro; Axé Quizomba – Givaldo do Santos Dumont. Porém, não consta na programação o local onde foi servido o café, além do que, consideramos a possibilidade do público, em sua maioria, não ter obtido programação.

A segunda forma de analisar a não participação do público nesse momento da Lavagem é a relação deste com a organização do evento, pois, já que muitos vão à festa por uma questão cultural, por querer “manter” suas raízes, dentre outros motivos, acontece que as divergências existentes entre os atores sociais continuam. E o terceiro ponto é o horário que estava marcado, às 7h, no entanto, a maioria dos participantes chega à concentração entre às 10h e 11h, por que já sabem que o cortejo só desce em torno das 11h. No entanto, essas questões demonstram que efetivamente o COOF-AJEUM é para alguns terreiros e algumas pessoas em especial, como por exemplo, os participantes da organização.

Outro aspecto interessante, na edição de 2009 da Lavagem da Conceição, foi a presença de uma equipe de jornalistas da TV Aperipê para a realização de um documentário sobre a festa. A equipe chegou por volta das 7h30m na Rua Armino Guaraná, e conseguiram fazer a cobertura desde o início, pois, a ornamentação do andor marcada para as 5h começou aproximadamente naquele horário, por causa do atraso do floricultor, segundo a Ialorixá Angélica. Aproveitando o cenário dos últimos preparativos para evento, foi feita uma gravação com a ialorixá para que falasse sobre o oito de dezembro e a importância do dia e do evento.<sup>42</sup> Assim, ela fala sobre o que acontece no dia oito, dizendo:

Nós que fazemos o candomblé e a umbanda em Aracaju e acredito em Sergipe, porque nós vamos tá recebendo alguns grupos do interior eh, estamos eh, com uma programação, assim, acredito que a contento de todos os religiosos afro-sergipanos. Onde nós estaremos daqui a pouco na Colina do Santo Antônio realizando a abertura do evento eh, já estivemos com a alvorada festiva, vai haver a missa né eh com o Padre Antônio de Riachuelo, vamos ter também alguns grupos se apresentando, a nível cultural, e logo após nós receberemos os terreiros restantes que chegarão e estaremos nos arrumando para eh, descer para catedral. Agora, o que é mais importante para todo povo de candomblé, para todo povo de Aracaju, é que nós estaremos homenageando todas as iabás que fazem parte do panteão africano, do panteão eh de conhecimento de todos [...] os orixás. E estaremos, contudo, homenageando Oxum por essência ser o dia de Nossa Senhora da Conceição. Por isto, nós tivemos um ganho muito grande, nós estaremos também homenageando a mulher afro-religiosa aracajuana, porque eh conseguimos né

---

<sup>42</sup> A entrevista realizada pela equipe foi gravada e transcrita por Lumara Cristina Martins Santos.

aprovar na Câmara de Vereadores o projeto consagrando este dia à mulher afro-religiosa. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Angélica a TV Aperipê em dezembro de 2009)

Após o término da entrevista, me dirigi à Rua São João para conhecer o espaço, onde eles estavam recebendo o Padre que veio de Riachuelo e os filhos de santo que chegavam para o café, quando o locutor da Lavagem chegou e começamos a conversar. Indaguei a Gilton se era a primeira vez que estava participando como locutor, e ele me respondeu que era o segundo ano que participava. Perguntei, também, se era da religião e o porquê de estar participando, ele me declarou que estava envolvido por causa do contato com Angélica, para poder dar um apoio a ela e ao evento, embora, não fosse da religião.

De fato, existe a participação de algumas pessoas simplesmente, com o intuito de dar um apoio à Lavagem, seja por gostar da manifestação ou por ter alguma ligação com a organização, mais especificamente, com Angélica. Muitas das pessoas que participam declaram que não pertencem à religião. Mas o porquê isso acontece? Posso citar um exemplo, muito próximo: meu pai colabora com a lavagem, mas, não é da religião. O que o leva a fazer isso é uma identidade que o liga com essa manifestação religiosa e cultural, e a proximidade com pessoas que participam dela. Assim, o que levaria tanto meu pai como também o locutor a estarem participando dessa festa afro-religiosa seria a identidade que ela representa para esses indivíduos, então, o sentimento de pertencimento no grupo vem através da construção identitária do que é cultura negra.

Ao chegar à casa de apoio na Rua de São João, encontrei poucas pessoas. Dentre elas, estavam quem era responsável pela recepção no espaço, a mãe de Angélica, e o Padre Gilton, da Igreja Católica Brasileira, que tinha chegado de Riachuelo acompanhado de um rapaz e estavam tomando café da manhã. A mesa com as comidas localizava-se já no final do salão, próximo da cozinha, e continha frutas, sucos, bolos, biscoitos, achocolatado, leite, café, ovos, cuscuz, etc.

Aproveitei o momento para realizar uma entrevista com o pároco para saber como era a relação dele com a Lavagem e qual a importância do evento para ele<sup>43</sup>. Assim, ele falou que já herdou de outro pároco, a tradição de participar da Lavagem, porém, não sabe explicar o porquê da ligação com o rito.

---

<sup>43</sup> Essa entrevista foi gravada e transcrita por Lumara Cristina Martins Santos.

Como representante da igreja tem dez anos, que o sucessor era o padre Antônio Gomes de Oliveira, já é falecido, [...] e nós continuamos o que ele deixou, tanto a festa da Igreja Brasileira em Riachuelo e como a Lavagem da Conceição aqui no Santo Antônio. [...] Então, o que o sucessor deixou a gente, eu sigo por que hoje ele me deixou um Centro de Nagô lá no São Braz que faz a festa de Santa Bárbara e também faz a festa de Nanã [...] e nós da igreja brasileira apoiamos por que todos nós somos negros, todos nós somos negros. Então por eu não apoiar eh uma religião que cultua o mesmo Deus, Oxalá é Deus né, Nossa Senhora da Conceição é Oxum, então Santa Bárbara é Iansã tudo isso a igreja católica tem [...]. A Lavagem da Conceição é [...] uma coisa de grande importância por que ela representa Oxum na igreja, no candomblé Oxum, na igreja Oxum e Nossa Senhora da Conceição. [sic] (Entrevista cedida pelo Padre Gilson em dezembro de 2009)

Após a nossa conversa, interagi com as outras pessoas que ali estavam, e depois, segui para a Colina. Na Praça da Colina, às 9h20m, já se concentrava algumas pessoas, o mini trio elétrico já se encontrava ligado, mas, estava tocando pop-rock. Segundo a programação, naquele momento, deveria estar ocorrendo a missa campal celebrada pelo pároco vindo de Riachuelo.

**Foto 20: Integrantes do Samba de Coco.**



Fonte: Acervo da Autora.

Aguardando o início da apresentação, o Samba de Coco da terceira idade também se fazia presente. Era notório, como nos demais anos em que estive presente, a divisão do espaço da praça. Pois, os terreiros iam chegando e se agrupando em determinados pontos, divididos espacialmente, mas, sempre a sombra das árvores. Porém, dos quatro grupos previstos, se apresentaram apenas

dois: o Grupo da Terceira Idade, com a dança de coco às 9h35m e, o Axé Quizomba, às 10h15m. A exibição da dança de coco entusiasmou a maioria dos presentes. Eram idosos que brincavam levando o público à euforia, com os seus passos ritmados, ao som da percussão entusiasmada. O grupo de percussão Axé Quizomba iniciou logo após, e trouxe dois dançarinos fazendo performance à frente do grupo.

Neste ano, observei que o público que se concentra na colina é bastante diversificado, com um grande contingente de jovens. Era constituído de pessoas que

estavam ali pela primeira vez, por curiosos, por filhos de santo, indivíduos que vão pagar promessa, ou que tem o interesse de aprender algo sobre a religião. Ou seja, os fatores que levam as pessoas a participarem da festa não é simplesmente uma obrigação de santo, mas, circulam objetivos e expectativas diversas. Seguindo esse pensamento, talvez, esse seja um dos motivos da oscilação da quantidade de participantes todos os anos, pois, para alguns estar na Festa da Lavagem é algo certo, o que não ocorre com todos.

Percebi que nesse ano, o público havia ampliado, e, às 11h10m, com a chegada da Santa, a Praça estava repleta de pessoas. A socialização entre os indivíduos ficou mais visível nesse momento, porque eles se abraçavam e se cumprimentavam expansivamente. A organização para a descida foi muita rápida, pois, estavam atrasados. A música do carro de som mudou para o ijexá. As pessoas se aglomeravam na rua, muitos ficavam na parte alta da igreja olhando a organização dos outros, que já posicionados esperavam a iniciativa da organização para saírem, mas não houve delongas. Na descida do cortejo, nota-se que a maioria das pessoas estavam vestidas de branco, contraste que acontece mais adiante, quando as pessoas que ficam esperando o cortejo passar se agregam à eles.

A grande caminhada do povo de santo, como é denominada na programação, teve início às 11h25m, seguindo o mesmo percurso dos demais anos. O cortejo em 2009 teve algumas mudanças, obtendo a seguinte formação: a frente, abrindo o cortejo, estava uma jovem usando a indumentária de mãe de santo, seguida das representações das iabás, que eram cinco, paramentadas de acordo com cada uma. Após, dando continuidade a comissão, vinha o Padre Gilton, de Riachuelo, sozinho, no centro da avenida, usando a vestimenta de pároco, seguido do carro que vinha trazendo a santa no teto e a mãe de Angélica no seu interior.

**Foto 21: Vereador Emmanuel Nascimento a Esquerda de Blusa Branca e Calça Jeans.**

Logo depois, estavam os babalorixás, ialorixás e personalidades importantes, posicionados de forma a montar uma “paredão”. Nele, se encontrava a Ialorixá Angélica, a Ialorixá Tacitaô, o babalorixá João Cigano, Gibaldo coordenador do Axé



Quizomba, o vereador Emmanuel Nascimento, dentre outros. O vereador acompanhou todo o cortejo ao lado da Ialorixá Angélica, chegando até, em determinados momentos, a ajudá-la a caminhar, devido a artrose que ela tem no joelho. Ele se uniu ao cortejo, após a descida da Colina na Av. João Ribeiro, como também, a deputada estadual, pelo Partido dos Trabalhadores, Conceição Vieira que acompanhou a caminhada por alguns instantes, pois, segundo informantes, ela não podia andar longos percursos devido a uma cirurgia no joelho que havia realizado recentemente.

Atrás desse “paredão” vinham equedes<sup>44</sup>, filhos de santo, segurando os jarros com as flores, que não chegavam a ter uma destaque, pois, a quantidade continuava pequena como nos outros anos. Demais participantes vestidos de branco e alguns vestiam roupas de outras cores, vindo posteriormente, e nesse grupo havia o consumo constante de bebidas alcoólicas.

O mini trio elétrico seguia atrás das pessoas, e era puxado por uma picape, onde havia um isopor com água mineral que era distribuída para a comissão de frente, as autoridades religiosas e as pessoas da equipe de apoio. A empresa, responsável pelo mini trio foi a Ospal, a mesma dos outros dois últimos anos. Em cima dele, estavam os ogãs que vinham cantando e tocando os pontos, cânticos relacionados aos orixás e, principalmente, a Oxum. Esse foi um diferencial que ocorreu em relação ao ano de 2008, pois, naquela edição houve um grupo de axé tocando e cantando em cima do trio.

No decorrer do cortejo, eles agradeciam ao governo do Estado, ao deputado federal Iran Barbosa (PT), a deputada estadual Ana Lúcia e ao amigo vereador Emmanuel Nascimento (PT). Atrás do mini trio, alguns carros, em comboio, acompanhavam o cortejo, inclusive, a viatura da SMTT. Por onde passava, aquela manifestação trazia as pessoas para as portas das casas e estabelecimentos, agregando aqueles que estavam a sua espera na Av. João Ribeiro.

---

<sup>44</sup> “Sacerdotisa não rodante dos candomblés, cuja função é cuidar dos orixás em transe e de seus objetos de culto. É suspensa em público pelo orixá e passa pela cerimônia de confirmação” (PRANDI, 1991, p. 247).

Um senhor que vinha atrás de todo o cortejo chamou a minha atenção, por estar coletando as latinhas de cerveja que eram deixadas na rua, personagem que em nenhuma das edições acompanhadas – estive em quatro edições da festa, ora como participante, ora como pesquisadora – tinha visto. Isso denota que o consumo de bebidas, por um

**Foto 22: Trabalhadores Informais.**



Fonte: Acervo da Autora.

determinado grupo de pessoas, ocorria habitualmente, atraindo vários vendedores ambulantes e, naquela ocasião, atraiu outro tipo de trabalhador informal.

A dispersão das pessoas no cortejo como um todo era explícita, isto é, os participantes ocupavam as calçadas, o outro lado das avenidas, não se concentravam no espaço entre o “paredão” das autoridades e o mini-trio, chegando até a ir ora na frente, ora nas laterais, e entre a comissão de frente, aglomerando-se em volta e não atrás, como ocorria nas outras vezes. Ainda acontecia de pessoas que estavam “auxiliando” as iabás chamarem a atenção para si, dançando e expondo-se de forma similar ao grupo que dançava no final do cortejo, próximo ao mini trio, e outras que estavam próximas, faziam performances, dançavam como se estivessem a imitar ou a acompanhá-las.

Assim, a presença das iabás na comissão de frente promoveu uma mudança do centro de observação, deslocando-o da comissão de autoridades para as representações das iabás. Ou seja, estava confuso, desarmônico. Atrás, estava esvaziado, permanecendo os babalorixás, as ialorixás e poucas pessoas, principalmente, os que vestiam branco. Muitos, acompanhavam pela lateral com bicicletas ou mobiletas. Todo esse cenário evidenciava o crescimento da lavagem, estava maior do que nos últimos dois anos e, com o crescimento do público, incidiu na mudança de comportamento do mesmo, ocasionando o surgimento, ou talvez, dando visibilidade à outros sentidos dentro do cortejo, conferindo lugar à expressões diferenciadas.

Esse crescimento também ficou expresso na presença da polícia militar com uma viatura, da cavalaria e da imprensa, destacando-se a TV Sergipe, o Jornal da Tarde, a TV Aperipê – que como dito, estava fazendo um documentário – a TV Cidade e a

imprensa da Câmara Municipal de Aracaju. A presença desses veículos de comunicação, na Festa da Lavagem, é vista de forma positiva pela organização, porque um dos objetivos deles é divulgar a cultura e a religiosidade afro-brasileira local. Na busca da qualidade da matéria, repórteres chegavam a subir no mini trio, lugar “proibido” para eles e ao público em geral, no intuito de obter o melhor ângulo do cortejo, além de chegarem a entrevistar a Ialorixá Angélica, durante a caminhada.

Ao chegar ao terminal do mercado, várias pessoas saíram do cortejo e seguiram em direção ao mercado<sup>45</sup>, possivelmente, estavam cortando caminho, já que não respeitaram criteriosamente a divisão espacial do cortejo, deslocando-se de forma livre. Ao cortar caminho, muitos já se direcionavam a Catedral, pois, queriam um bom lugar para ver a cerimônia, contudo não deixaram de comparecer ao cortejo, de “prestigiá-lo”, como se fosse um compromisso.

Quando passou pela Praça Fausto Cardoso<sup>46</sup>, havia muitas pessoas esperando, como também, ambulantes. A dispersão dos participantes do cortejo se repetiu com maior intensidade, o fato chamou tamanha atenção que um dos membros da comissão organizadora me chamou para compor uma espécie de cordão humano, no intuito de impedir que os filhos de santos e algumas autoridades religiosas transgredissem o cortejo e fossem diretamente para Catedral.

Isso demonstra que não há uma consciência embutida nessas pessoas da importância do cortejo e da força dele, como ocorre nas pessoas da coordenação, e exprime o que é importante para elas que no caso não é o ato político que representa o cortejo, e sim, o “espetáculo” que irá acontecer. Detectamos o fato de que as pessoas saem do cortejo em direção ao Parque e buscam um espaço para observar o ritual, já que o espaço é disputadíssimo, e querem ser vistas, por exemplo, ao lado do Padre, ou estar à frente no momento de adentrar a igreja, pois, são instantes de grande visibilidade.

A chegada à Igreja de Nossa Senhora da Conceição foi às 13h, como consta na programação, cumprindo o horário. Havia muitas pessoas, se concentrando, principalmente na escadaria da Catedral e em suas proximidades, mas, existiam alguns aglomerados de pessoas dispersas, como um grupo de capoeira que tinha se apresentado

---

<sup>45</sup> Ver mapa no anexo 2 (dois).

<sup>46</sup> Idem.

no local. Dentre os que aguardavam o cortejo, estava o Padre Jerônimo, acompanhado, tal como em 2007, pela deputada estadual Ana Lúcia.

A entrada do cortejo no Parque se deu na mesma organização da caminhada, porém, com menos pessoas, que já se encontravam espalhadas. Os percussionistas do Grupo Axé Quizomba se posicionaram, formando um corredor para a entrada do cortejo ao rufar dos tambores. As representações das iabás foram cercadas de fotógrafos e, aos poucos foram se acomodando abaixo das escadarias, formando uma meia lua. A comissão das autoridades veio após, ainda com o vereador Emmanuel Nascimento, a Ialorixá Angélica era ajudada a caminhar segurando mão dele. Todos adentraram na Praça e foram se posicionando abaixo das escadarias, voltados para a Igreja. Depois, o carro com a Santa entrou e estacionou na diagonal da Catedral, seguido do mini trio que também estacionou sobre o parque, pois, o microfone utilizado no discurso era dele.

**Foto 23: Representações das Iabás em frente a Catedral.**



Fonte: Acervo da Autora.

Às 13h07m, a Ialorixá Angélica começou a proferir o seu discurso:

“Boa tarde Aracaju e Estado de Sergipe. Boa tarde a todos os meus companheiros [INC]<sup>47</sup> companheiros de evento. Ao padre Jerônimo que a gente vem visitar a sua paróquia, a sua casa mais uma vez, pela vigésima sétima vez da Lavagem da Conceição. E é com amor, com carinho que eu trago a corte das iabás. A corte de Nana, a corte de Iemanjá, a de Obá, a corte de Iansã, a corte de Oxum. Trazidas pelas equedes para o vosso reino. Entregamos a vós agora a palavra por que nós sabemos que vós com a palavra [INC]. Os nossos corações padre Jerônimo estão tristes por que ficamos sabendo, triste, por que sabemos que o senhor vai deixar a casa Catedral metropolitana, mas, nós fazemos aqui um pedido a cúria metropolitana que não retire o padre Jerônimo. Associe a cultura de Aracaju por que ele é um grande pároco. [salva de palmas] Uma salva de palmas pra ele! É um elo da comunicação que nós encontramos aqui depois do padre Gilson [aplausos, assovios, fogos] que abriu as portas catedral para o povo de santos, padre Jerônimo. E o senhor com sua palavra amiga, com sua palavra de união, com sua palavra de clinica somou a todos e nós aqui estamos e queremos que através de nossas iabás o senhor receba algumas homenagens nessa hora. Uma delas é saber que o senhor é parte de um projeto aprovado por Emmanuel Nascimento, aqui presente. Esse projeto faz com que o dia oito de dezembro seja consagrado também no calendário turístico de Aracaju [salva de palmas]. Essa é mais uma vitória conquistada pelo povo de santo. E uma outra vitória, padre Jerônimo, é saber que o senhor [corte na gravação] [continuando] Em nome de Maria, em nome de Oxum eu falo. E o dia oito de dezembro também através de projeto de lei foi transformado no Dia da Mulher Afro-religiosa de Aracaju [elevação na tom de voz de Angélica; salva de palmas]. Mais uma vitória. Cadê as mulheres aplaudindo? Nesse dia [INC] com todas as iabás homenagear [...] o dia oito de dezembro que já está consagrado da Mulher Afro-religiosa Sergipana [INC] como projeto de lei, colocado na casa câmara pelo vereador Dr. Gonzaga. Mais um aplauso minha gente! [aplausos]. E é com prazer Padre Jerônimo que uma dessas iabás vamos entregar na mão da Obá, Obá. Que você não pode ir receber no dia primeiro no auditório<sup>48</sup> [salva de palmas]. Oxum, ela vem trazendo um agrado pra Emmanuel Nascimento, Emmanuel Nascimento, que também na câmara [INC] foi nosso padrinho, padrinho da Festa Lavagem da Conceição. [aplausos]. A partir de hoje ele não pode mais se eximir [...], junto com o deputado federal Iran Barbosa, com a deputada Ana Lúcia e a doutora Eliane Moura Moraes, que não pode estar aqui presente. E pedimos ainda que Oxum seja emissária de um presente que ela trouxe do fundo das águas, do fundo dos rios, um presente para o padre Jerônimo. Leve com carinho padre Jerônimo, do coração do rio [aplausos]. O senhor vai tirar essa [INC] do povo de Aracaju e do povo de Sergipe. Muito axé!”<sup>49</sup> [sic]

O presente que o Padre Jerônimo recebeu foi o Troféu Babalorixá José de Oliveira, e uma concha do mar sobre um travesseiro ornamentado com flores, conchas menores, laços e bordado com lantejoulas. E logo após o discurso de Angélica, o Padre Jerônimo iniciou a sua fala:

“Meus irmãos e irmãs nos apegamos. Integrantes das várias expressões da umbanda e do candomblé, nós vos acolhemos com grande alegria no largo da

<sup>47</sup> Referência a algum trecho da gravação incompreensível.

<sup>48</sup> Ela está se referindo ao dia que ocorreu a homenagem no complexo Lourival Baptista.

<sup>49</sup> Discurso da ialorixá Angélica gravado no dia 08/12/2009, e transcrito pela autora.

Catedral metropolitana de Aracaju, dedicado à Nossa Senhora da Conceição. Nós nos espantamos de coração, queremos encontrar antes de tudo por que somos integrantes da paz [INC]. Somos filho de um único Deus, podemos saudá-lo com nomes diferentes, podemos erguer culto a Ele das mais variadas expressões, mas temos certeza de uma coisa: Deus é nosso pai, nós somos irmãos e queremos habitar entre nós esse convívio fraterno. Deus os abençoe e os santifique. Eu vou dizer a expressão hebraica shalon, que significa paz a todos e vocês vão me responder na língua de vocês a mesma expressão: paz. Shalon pra todos. [aplausos]

Povo: Shalon.

Padre Jerônimo: Shalon pra todos [os aplausos continuam].

Povo: Shalon.

Padre Jerônimo: Shalon para o povo negro [os aplausos continuam]

Povo: Shalon. [aplausos]

Padre Jerônimo: [muitos aplausos] Shalon. [incompreensível] Deus os abençoe em nome do pai e do espírito. Quero agradecer a mãe Angélica referencia toda especial me trazendo esse presente do mar. E quero lhe agradecer, mas quero lhe dizer que mãe Angélica. Eu pedi pra sair [incompreensível] que eu pedi pra sair. São muitos anos, já são nove anos quero crê que os nossos laços de respeito e de amizade deveram continuar, com certeza. Deus abençoe o seu povo [da uma pausa], o nosso povo, que Deus os abençoe e os santifique. Um abraço a todos, felicidades. [aplausos]” [sic]

Ao terminar o discurso, Angélica volta a falar: “Axé Padre Jerônimo! E queremos em nome do povo de santo entregar também ao senhor um buquê”. Depois eles se abraçam e algumas pessoas do público aplaudem. Iniciam os cânticos do candomblé para a entrada na igreja, ao se dirigirem o pároco sai, deixando-os na porta da Catedral.

O Babalorixá João Santos, é quem inicia os cânticos para entrada, incentivando as demais pessoas a participarem. Grande parte do povo de santo começa a cantar e a aplaudir concomitantemente com os cânticos e vão se dirigindo para as portas da Catedral, que já está repleta de pessoas, tanto na escadaria, como na parte de dentro da grade e também, nos bancos, na parte interna da igreja. Continuam cantando e adentrando a igreja em passos lentos. Soltam fogos. Aplausos. Depois de um pequeno tempo, mudam o cântico. Eles andam tocando o adejá. Soltam mais fogos. Muitos aplausos.

Durante esse momento, os participantes respondem aos cânticos. Saudam Oxum, Oraiêê. Angélica chorou muito, aos pés da imagem de N. Sra. da Conceição, que se encontrava na lateral esquerda do altar, onde se ajoelhou um pano branco que a equipe de apoio colocara para ela. Ao seu redor, formando um círculo, as representações das iabás. Ela pede paz, paz, axé, um bom ano novo pra todos e deixa aos pés da imagem um buque de flores. Aqueles que assistiam dentro da Catedral aplaudiram muito. A ialorixá continua chorando bastante, muito emocionada, ficando com a face avermelhada de tanto chorar.

**Foto 24: Ialorixá Angélica fazendo saudação a imagem de N. S. da Conceição, na Catedral.**



Fonte: Acervo da Autora.

**Foto 25: Ialorixá Angélica Acompanhada do Vereador Emmanuel Nascimento.**



Fonte: Acervo da Autora.

O povo continua a cantar, soltam ainda mais fogos. Emmanuel Nascimento permanece ao lado da mãe de santo e muitas pessoas tiram foto para registrar o momento. Após saudar a imagem e deixar flores aos seus pés, os adeptos do candomblé e da umbanda saíam de costas, já que não podem dar às costas para o altar como forma de respeito ao sagrado. Muitos aplausos e fogos na saída. O povo responde todos os

pontos puxados, gritam axé e aplaudem muito, euforicamente, estão totalmente contagiados com o clímax da festa.

Quando a maioria do cortejo saiu do interior da Catedral, lançaram muito fogos e voltaram a cantar. Uma trinca de atabaques já se encontrava tocando abaixo das escadarias e a lavagem havia iniciado. O ato de lavar as escadarias se deu, como nos outros anos, de forma tumultuada. A água e a alfazema eram borrifadas sobre as pessoas, que pegavam as flores das quartinhas para si como recordação.

Tudo aconteceu num espaço muito apertado, pessoas tentando se aproximar cada vez mais daqueles que estavam com a alfazema e com as quartinhas, outras, tentando sair do tumulto, formando uma massa a se movimentar confusamente. O momento da lavagem em si não ocorre muito definidamente, este é comprimido entre pessoas que desejavam observar o que estava ocorrendo de fato, e entre pessoas que queriam estar participando ao máximo do ápice da festa.

**Foto 26: Roda para o Xirê.**



Fonte: Acervo da Autora.

Aos poucos, os adeptos das religiões afros formam uma pequena roda para fazerem o xirê, mas, com a impossibilidade de efetivamente ocorrer, limita-se a cerca de cinco minutos. Após isso, e com o círculo ainda formado, Angélica começa a entregar flores para algumas pessoas, e durante todo esse momento, os ogãs tocavam os atabaques e o xiquerê.

Maria Rita! [...] Quero que você leve esse botão de rosa. [...] Vai entregar a todas as mulheres da religião esse botão de rosa, faz de conta que sou eu que to entregando. Eu quero convidar agora, todos, pra irem pra o salão de festa ali na rua de São João, onde eu conto com a presença de vocês para o grande almoço da Oxum. Os ônibus estão ai do lado, vamos todos pra lá. É gratuito pra todos, é só ter paciência. [INC] na rua de São João, no espaço de festa Criart. Eu estarei esperando todos vocês lá. Os ônibus estão aqui do lado da Catedral, por favor, compareçam.” [sic] (Discurso proferido pela Ialorixá Angélica de Oliveira em 08 de dezembro de 2009)

Apesar da solicitação da ialorixá para o comparecimento das pessoas, o almoço ocorreu com uma porção reduzida dos participantes. Geralmente, são as pessoas e terreiros que participam da organização e outros, como já expus anteriormente. Outro acontecimento que se deu nesse ano foi a divisão do Bobó de Djenal, pois, dois atores sociais realizaram em locais diferentes o bobó. Mas, segundo eles, não era de conhecimento a elaboração de outro bobó. No entanto, a continuação das festividades de comensalidade, após a lavagem das escadarias, se deu de forma dividida, em que cada local teve a presença das pessoas e de grupos distintos.

## CAPÍTULO 3 - Lavagem de Nossa Senhora da Conceição do Vale do Cotinguiba

### 3. 1 – Histórico – Parte 1: Do runcó à igreja ou vice-versa

Numa noite de sábado, ao receber um telefonema da ialorixá Angélica, informando a falta de transporte para buscar, na cidade Riachuelo, o padre Antônio da Igreja Católica Brasileira, o próprio, teve a ideia de realizar uma lavagem na cidade e sugeriu à sua filha de santo, Maria José, que ela a fizesse. Pois, como Riachuelo tem como padroeira Nossa Senhora da Conceição, seria plausível a realização de uma festa com essa natureza sincrética afro-católica na cidade.

Assim, ao invés dos terreiros locais estarem se deslocando para realizar a lavagem em Aracaju, passariam a efetuar um ritual de lavagem na cidade onde se encontra seus terreiros, por conseguinte, estariam saudando ao orixá Oxum, sem necessariamente ter que se encaminhar para outra cidade<sup>50</sup>.

Ai quando foi um dia, um ano teve a lavagem de Aracaju e a gente ia. Ai ela mandou dizer que não tinha conseguido o ônibus. Ai o meu pai de santo olhou pra mim, isso era umas dez horas da noite no sábado. Ai ele disse: Bequinha se a nossa cidade a padroeira da cidade é Nossa Senhora da Conceição e você é de Oxum, de vez da gente fazer festa na cidade dos outros por que não na da gente? Porque você não faz a lavagem da da daqui de Riachuelo? Ai eu disse assim, ainda disse: eu meu pai? Ele: é você pode fazer a lavagem daqui. Ai eu disse: se o senhor me ajudar tudo bem. Ai ele disse: não. Organize os seus filhos de santo, manda pegar flores porque não dá tempo comprar flores. Por que era 10 horas da noite no sábado. Ai ele disse: de manhã manda pegar flores ai sai o seu terreiro e o meu e você convida os seus amigos que você tiver. Eu digo: ta certo. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Bequinha em abril de 2014)

Foi levando em consideração esse pensamento do seu pai de santo, juntamente, com a vontade de participar do ritual de lavagem em Aracaju, que foi suprimida pela dificuldade de locomoção, que Bequinha refletiu sobre a sugestão do

---

<sup>50</sup> Saudar o orixá com festa é uma tendência, como aponta Amaral (2002), mas não é a única forma dos adeptos do candomblé louvar seus deuses. A própria cerimônia festiva para ser realizada é precedida de oferendas para os orixás, essas já são cumprimentos que se faz e também são compostos de uma ritualística. Assim, a produções de festas acontecem regularmente por ser “o momento em que os humanos recebem deuses em sua casa, às vezes até mesmo em seu próprio corpo.”

babalorixá. Considerando que o deslocamento não se resume somente ao de uma pessoa, mas, o de uma casa, isto é, alguns dos integrantes do terreiro, juntamente com adereços e vestimentas necessários para o ritual. Maria José Santos Santana, mais conhecida como Mãe Bequinha, aceitou a proposta e providenciou realizar a lavagem no dia seguinte.

O rápido acontecimento entre a decisão e a execução da produção do ato festivo se deu pelo fato do domingo ser o último dia antes da lavagem de Aracaju, dia em que os possíveis participantes estariam disponíveis, pois, a maioria deles não estaria trabalhando. Por conseguinte, a realização da festa no mesmo dia da Lavagem em Aracaju, no dia oito de dezembro, não foi ponderada porque não se pretendia provocar ou dar a entender uma provável concorrência entre as festas.

Dessa forma, a Lavagem de Nossa Senhora da Conceição, em Riachuelo, estaria homenageando Oxum, orixá regente da cabeça de Mãe Bequinha, e Nossa Senhora da Conceição, santa a quem tomou como madrinha, desde nova. Isso, por passar diante de diversas dificuldades que lhe remeteram a crença e proximidade com a santa.

Com isso, no domingo 05 de dezembro de 1999, primeiro domingo antecedente ao dia oito, ocorreu a primeira Lavagem de Nossa Senhora da Conceição em Riachuelo/SE. Nesse dia, após a conversa encorajadora com seu pai de santo, a ialorixá Bequinha deu seguimento com os preparativos para a festa. Pedindo que seus filhos de santo pegassem flores e, desse modo, eles fizeram, percorrendo a cidade e pedindo nas casas onde havia pés de roseiras, como também, procurando na vegetação das imediações. Essas flores haviam de enfeitar o andor e compor as talhas<sup>51</sup> para o cortejo, à tarde.

Na época, os filhos de santo da casa eram, principalmente, as pessoas da família e próximas a ela. Pois, estava iniciando a sua vida como mãe de santo e sua casa era pequena, não contendo, até mesmo, o barracão para as festividades. Essas, aconteciam em frente à casa, a mesma onde hoje se encontra o terreiro Ilê Axé Omin Mafé, localizado na Rua Bela Vista em Riachuelo/SE. Segundo a própria, “o barracão

---

<sup>51</sup> Refere-se aos vasos geralmente de barro, cerâmica ou porcelana.

era a latada<sup>52</sup> que eu fazia na porta da rua. [...] Não tinha esse barracão. Entendeu? Foi logo quando eu iniciei. Num tinha assim muita gente, mas tinha um bocadinho de gente. [...] Tinha um bocado assim, mas não tinha esses filhos de santo todo. Ta entendendo? [sic] (Idem)”.

Havia pouco tempo que ialorixá Bequinha montará o terreiro, onde, antes, era um centro espírita também organizado por ela, juntamente com o esposo, Seu Guimarães. Todavia, ela se inicia no candomblé em 1970, aos 20 anos, no Ilê Axé Jacutá N’Saara, com o Babalorixá Tonho Mutalambô, que é o próprio Padre Antônio – explicarei sobre esse ator social mais adiante. Porém, quando o seu pai de santo sofre uma tentativa de homicídio, ele se afasta do terreiro e vai viajar para São Paulo, contudo, devolve o santo, o assentamento<sup>53</sup>, de todos os seus filhos para que pudessem continuar zelando deles. Fazendo com que ela, ainda iaô, pegasse o santo e o guardasse por não saber zelar e ter se envolvido com o espiritismo.

[...] uma época meu pai de santo brigou com o rapaz que morava com ele e o rapaz tocou fogo na casa, incendiou a casa pra matar ele com raiva, e ai ele pegou e foi embora pra São Paulo. Ai ele entregou o santo de todo mundo. Passou uma temporada [pausa: galinha foge e ela vai prendê-la]. E ai ele entregou os santos dos filhos de santo dele todinho. Num teve um que ele não entregasse. [...] Eu tava com 10 anos de santo. Ai ele entregou, ai eu fiquei com o meu santo. Ai eu procurei o espiritismo, Alan Kardec. Um centro espírita o meu marido frequentava, ai eu comecei a andar, acompanhar ele. Ai gostei, fiquei frequentando. Abri um centro espírita aqui ainda. [sic] (Ibidem)

Segundo Maria José, durante os dez anos em que passou no terreiro de seu pai, ela não conseguiu aprender a zelar do santo por ser rodante, assim, não presenciava a execução das atividades por estar incorporada. Dessa forma, ela afirma o quão diferente eram as práticas rituais, pois, “quando eu recebi o santo eu guardei, não

<sup>52</sup> Cobertura feita para a realização de atividades da casa que aconteceriam no barracão. “Latada: 1. Grade de varas ou de canas, para sustentar parreiras ou qualquer outra planta sarmentosa.” (HOLANDA, 1988)

<sup>53</sup> “É o altar particular do orixá da pessoa ou mesmo do orixá do grupo. Ele contém os otás, as pedras, ou os ferros que representam o orixá, os quais são consagrados juntamente com a cabeça do iniciado na cerimônia de feitura. O assentamento contém também as insígnias principais do orixá, muitos dos seus símbolos, moedas, búzios etc. Os assentamentos contém, ainda, utensílios que são usados para o oferecimento de alimentos, como por exemplo pratos. Todo o assentamento forma uma única peça que é contida dentro de uma bacia de gate ou de louça branca para os orixás femininos e Oxalá, ou por um recipiente de madeira, gamela, quando se trata do orixá Xangô, ou ainda recipientes de barro, os alguidares, para os demais orixás. Evidentemente, há variações de casa para casa e nação para nação.” [sic] (PRANDI, 1991, p. 244)

procurei outra casa de candomblé, eu não sabia nem zelar do santo direito por que eu rodava no santo. Hoje em dia os iaôs novo já sabe de tudo, mas, antigamente, na casa dele era diferente. [...] Os iaôs rodava no santo e ai pronto” [sic] (Ibidem).

Outro elemento que envolveu o afastamento do candomblé e a aproximação do espiritismo foi o medo, esse, oriundo do traumático processo de inserção na religião. Já que a sua ida foi devido a um quadro doentio acentuado, quando, até mesmo, já havia sido desenganada pelos médicos. Levando, como ela diz, quinze dias de vela, que consiste na tradição de colocar a vela entre as mãos do moribundo para ele ter o caminho iluminado, após sua morte. Em sua fala, ela deixa transparecer a dor ao rememorar o acontecimento.

Ai como é complicado! [fala passando as mãos no rosto] Olha, quando eu entrei no candomblé eu, eu entrei no candomblé eu tinha vinte anos de idade, foi quando eu raspei santo. Eu me casei ai eu adoeci, tive um problema que foi uma mão carregada, quase que vou. Tomei vela 15 dias. Daqui a pouco passei 3 meses em cima de uma cama que quem me virava de uma lado para outro eram as pessoas que me virava. Botava comida na minha boca que eu não mexia com esse braço, num tinha firmeza nesse outro, não mexia com essa perna, esse lado era todo esquecido. Quem botava comida, eu andava nos braços como criança. Guimarães me dava banho, colocava comida na minha boca, é por isso que eu acho que não consigo me separar dele por que de tudo que ele fez por mim, ele cuidava bem de mim quando eu andava doente. Ele me dava banho, ele penteava os meus cabelos, me botava no braço pra descansar as minhas costas da cama como menino novo. Eu quase morro mesmo, eu quase morro! Grávida do primeiro menino. [...] Eu tava com seis meses de grávida e quando eu deixei de, quando eu comecei a andar de cassete eu tive menino. Foi eu passei três meses em cima de uma cama. Ia fazer seis meses quando eu adoeci. [...] Ai quando eu. O médico desenganou, ai mandou que eu procurasse um doutor de senzala, que é casa de candomblé. Que disse que a medicina não curava o meu problema [...]. [sic] (Ibidem)

Nesse sentido, ao saber que sua filha Cristina necessitava receber o nome do santo e estava recebendo o orixá, Bequinha ficou temerosa e intensificou a motivação para afastar-se da religião. Para Cristina, fazer o ritual de receber o nome e não passar pelo ritual de iniciação convencional se deu por ela já ter recebido os fundamentos quando estava sendo gestada. Ou seja, quando sua mãe, Bequinha, se recolheu para ser feita, estava grávida. Assim, Cristina já nasceu feita, como se diz no candomblé, ela é abiaxé.

Foi quando disseram, comunicaram a minha vó, a mãe do meu pai, que levasse ela para a casa de Tonho Mutalambô pra rezar. Ai minha vó levou e nesse dia minha mãe só viu entrar na casa e quando ele colocou a mão na cabeça dela, ai ela bolou e dai só saiu já depois de três meses já feita no santo. Ela tava bem no início da gravidez, ai quando saiu já tava com a barriga já mostrando e tudo. Quando [interrompe o que ia dizer], ai pronto. Ficou, foi quando eu nasci, já nasci abiaxé, já nasci feita de nascença, e aos seis pra sete anos o meu santo precisava de um oruncó<sup>54</sup>, ai bolou. Ai minha mãe com medo, de que eu entrasse no candomblé e passasse pelo processo do candomblé por que ela tinha, assim, ela achava que eu era muito pequena, ai acabou se afastando do candomblé. Por conselhos de um, umas pessoas que eram ligadas ao meu pai, que eram do centro espírita, e ele, assim, meu pai acabou tirando minha mãe do candomblé. E minha mãe ficou passando para gente que não era para a gente passar nas portas de terreiros, e isso a gente foi criando aquele medo [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Cristina em janeiro de 2013).

Durante o tempo em que ficou afastada do candomblé, Bequinha, esteve vinculada ao espiritismo. Abrindo até um Centro Espírita, a Casa de Oração Benção da Paz, no mesmo local onde, atualmente, é o barracão. No entanto, após dezesseis anos no espiritismo, ela volta a passar por problemas, só que agora de ordem financeira. Pois, durante esse período, ela constituiu um empreendimento na área alimentícia, que foi à falência depois da cobrança de seu orixá para que ela voltasse a zelar por ele.

Ai quando o meu santo cobrou, cobrou mesmo com força. Eu tinha restaurante, eu era bem de vida graças a Deus, perdi tudo. Tudo, tudo, tudo! Tudo, tudo, tudo, tudo! Meu marido ainda foi sequestrado em Salvador. Roubado ele, pegou e roubou tudo, tudo. Bateram nele, judiaram, maltrataram. Ai eu tive que vender caminhão, carro pequeno que a gente tinha pra pagar os funcionários que demiti tudo, que a gente tinha um bocado de funcionário. Ai eu perdi tudo, ai foi quando a gente, eu voltei para o candomblé. Ai eu ainda tentei um restaurante, mas depois não deu e eu parei. Ai foi quando eu procurei Zezé, a minha irmã de santo, por que já era padre o meu pai de santo, ai eu procurei ela. Ainda tomei um bori com ela, ai meu pai de santo mandou um recado que dava a minha obrigação. Ai eu fui e voltei pra casa dele, ai peguei o decá<sup>55</sup> com 26 anos de santo. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Bequinha em abril de 2014)

<sup>54</sup> Segundo Edson Carneiro é “o dia em que os orixás das iniciadas dizem os nomes que devem ser conhecidos. Sin.: dia de dar nome” [sic] (2008, p. 159). Já no Dicionário dos Rituais Afro-Brasileiros o termo aparece como “expressão yorubá, empregada na liturgia dos candomblés, que significa “qual é o teu nome?” Ocorre nas mais expressivas cerimônias públicas do candomblé, conhecida como saída do santo, dia do nome, saída de iaô, muzenza” [sic] (2012, p. 45). O significado melhor empregado é a referência ao nome do orixá do iaô, dado no dia da cerimônia de sua saída.

<sup>55</sup> Prandi (1991, p. 246) define decá como a “obrigação de sete anos que marca a passagem de iaô para o status de ebômi que confere a senioridade sacerdotal aos iniciados rodantes. Também chamado de oiê de ebômi ou cuia. [sic]” Já Carneiro (2008, p. 153) considera como a “transmissão de obrigações entre chefes de candomblé”, explicação mais coerente com a narrativa e momento da personagem.

Na mesma cerimônia, Mutambô também realizou a obrigação da Ialorixá Cristina. Constituindo, assim, mãe e filha consanguíneas como irmãs de santo. Essa festividade pública ocorreu no dia 08 de dezembro de 1996. Assim, ao questionar Mãe Cristina a respeito das obrigações feitas por Tonho, ela responde, sem nenhum espanto, por ele estar naquele momento como sacerdote da Igreja Católica Brasileira e exercer a função anterior dele, de babalorixá.

Cristina: Mesmo sendo padre. E deu! Deu não só dela como a minha. Ai no mesmo ano ele eh conversou com minha mãe. Quer dizer, no mesmo ano não, no ano seguinte. Por que nós demos obrigação justamente, a minha saída foi justamente no dia 08 de dezembro de 96.

Lumara: De 96. E a dela?

Cristina: E o decá dela.

Lumara: Foi o decá dela e sua saída.

Cristina: E a saída que foi para o oruncó que Yemanjá ainda não tinha. Já era feita, mas ainda não tinha oruncó. E todo orixá precisa de oruncó. Ai foi no dia 08 de dezembro de 96 foi a saída, tudo [...]. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Cristina em janeiro de 2013).

O acontecimento foi exatamente no dia em que se comemora, no sincretismo afro-católico, o dia de Nossa Senhora da Conceição. Dia este, como já relatado, que ocorrem festas de cunho sincrético e festas para o orixá Oxum nos terreiros – no mês de dezembro também se comemora outros orixás, inclusive, é um mês em que no terreiro Omin Mafé há a festa das iabás.

Após receber o decá, título que lhe confere autoridade como ialorixá, Bequinha, que já havia saído do espiritismo, dá início à sua casa de santo, no mesmo local, em Riachuelo/SE. Dessa forma, a proximidade com o seu pai de santo, tanto relacional como espacial, culminou na proposta da efetivação de mais uma prática afro-religiosa na cidade, a Lavagem da Conceição em Riachuelo.

Como já foi dito, a produção dessa lavagem se deu rapidamente, e tinha como proposta o cortejo que saiu do Ilê Axé Omin Mafé (Mãe Bequinha) para o Santuário de São Roque (Padre Antônio/Mutalambô), localizado ao lado do Ilê Axé Jacutá N'Saara (comandado por Eraldo, companheiro e sucessor de Padre Antônio e axogum do filho-de-santo Kassideran).

O cortejo, no primeiro ano, ocorreu com a presença dos filhos da casa de Mãe Bequinha e do Jacutá N'Saara. Sendo, até mesmo, as recém iaôs quem carregaram a

Nossa Senhora da Conceição, que foi emprestada por Tonho. Nessa época, em 1999, estava saindo um barco de iaôs<sup>56</sup> com Ednéia, Valmisa, Nega e Naninha. Em entrevista com Naninha (filha consanguínea de mãe Bequinha e iaquequerê<sup>57</sup> da casa), ela diz: “até quem segurou o andor de Nossa Senhora foi nós quatro, eu e minhas três irmãs de esteira.” (Entrevista cedida pela ialorixá Regiane Guimarães Santana em setembro de 2013)

Além dos iaôs carregando a imagem da santa, o cortejo percorreu as ruas de Riachuelo/SE ao som dos atabaques

Os quatro iaôs saíram com o andor de Nossa Senhora e em cima da pampa saíram os tambores e a gente começou a percorrer as ruas. Alguns simpatizantes do candomblé também foram, alguns católicos também estiveram presentes e depois ai o ficou uma coisa muito bonita [...] Ai meu pai tinha uma pampa e a gente colocou os tambores em cima e saímos pelas ruas. De da, percorremos a rua, as ruas, e não fomos para a igreja de N. S. da Conceição, para igreja matriz não. A gente foi para Igreja Brasileira, pra Igreja do Santuário de São Roque, que era onde ele era padre. E lá ele deu uma benção, tudo. Ai essa foi a primeira vez que que aconteceu [...]. (Entrevista cedida pela Ialorixá Cristina em janeiro de 2013)

Chegando ao Santuário de São Roque<sup>58</sup>, o Padre Antônio Gomes esperando os adeptos do candomblé, dentre eles, alguns eram seus filhos e filhas de santo. Ao iniciarem a lavagem, usaram a água que estava nas talhas enfeitadas com as flores catadas por eles, além de vassouras e alfazemas. Como não existiam escadarias, eles realizaram a lavagem da calçada da igreja, executando o ritual religioso num ato de comunhão, sacralizando o tempo e o espaço vivido das Águas de Tonho Mutalambô.

Foi. Óia ele se empolgou tanto que ele chorou, que ele chorou que se esqueceu até de abrir a igreja (risos). Depois ele chorou. Que ele achou tão lindo se empolgou tanto, ficou tão feliz com a lavagem que se esqueceu de abrir a porta da igreja dele mesmo. A gente riu depois viu. Foi ai ele ai a gente fez a lavagem. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Bequinha em abril de 2014)

---

<sup>56</sup> “Conjunto de iniciados que são recolhidos, feitos e apresentados em público na mesma época. Há uma relação hierárquica entre eles, de tal modo que o primeiro tem precedência sobre todos os demais, o segundo sobre os que o seguem e assim por diante. [sic]” (PRANDI, 1991, p. 245)

<sup>57</sup> “Mãe-pequena, substituta imediata da mãe” (CARNEIRO, 2008, p. 156)

<sup>58</sup> Ver mapa no anexo 1 (um).

As duas instituições religiosas, o terreiro Jacutá N'Saara e o Santuário, têm como o seu fundador a mesma pessoa, Antônio Gomes de Oliveira, porém, em fases distintas da sua trajetória. Pois, antes de ser adepto do candomblé, ele chegou a frequentar o Seminário Menor em Aracaju/SE, já que se preparava para exercer o sacerdócio. No entanto, se afasta dessa instituição de ensino, por conta das problemáticas causadas devido ao processo de incorporação do seu orixá, Oxossi.

Ora, a incorporação de um orixá dentro de uma entidade religiosa católica, no final da primeira metade do século XX, é vista de maneira repugnante – não que nos dias atuais seja diferente –, causando, inclusive, constrangimento para um jovem, no caso, para Antônio que além de estar doente, passava por situações vexatórias.

Ele antes de ser da religião do candomblé, ele tinha sido seminarista e ai foi quando Oxossi passou a rodar na cabeça dele. Dentro até mesmo do seminário e as pessoas diziam que era demônio, que era isso, que era aquilo outro e foi quando ele foi procurar meu avô Lê, que é Tauamim, e ele raspou santo. Só que meu avô Lê, por ser Angola, acabou não olhando a nação do santo dele, do orixá dele e acabou raspando ele no Angola, por isso a digina Mutalambu. Ai quando, com o passar do tempo o orixá mostrou que não era a nação dele, não era Angola. Tava aquilo tava errado, ele tinha sido feito de forma errada. Ai foi quando ele procurou, ele conheceu a minha avó Pureza, lá em Salvador, e raspou novamente só que ketu, mas como orixá já tinha trazido a digina ele não poderia trocar. E a digina dele, mesmo ele sendo ketu, a digina dele ficou sendo Mutalambu por que tinha sido a primeira digina que tinha trazido. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Cristina em janeiro de 2013).

Assim, o afastamento do seminário foi necessário para que fossem evitados mais constrangimentos e que se buscasse a solução para o problema que o afligia, a possessão do orixá em momentos não adequados, ou seja, incorporações em distintos momentos do dia-a-dia na vida de um não praticante do candomblé.

Por ter ficado doente, ele busca uma casa de santo para poder cuidar dessas questões e passa a zelar do orixá em uma casa da nação angola, com o babalorixá Lê Tauamim, filho de santo de Mãe Nanã. Mas, como aponta a ialorixá Cristina, não se consultou a nação do Oxossi de Antônio, havendo assim, a feitura dentro dos preceitos da nação angola. Ao falar sobre o assunto, Mãe Bequinha também coloca o fato da continuidade da doença, mesmo após o feitorio.

[...] ele foi raspado na angola com o finado meu avô Lê. Mas ai ele adoeceu, por que ele raspou por que ficou doente. Mas o meu finado avô era da angola, ai raspou na angola. Ai como ele não melhorou, ai quando a finada minha avó Pureza olhou ai ele era da nação ketu [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Bequinha em abril de 2014).

Mesmo tendo realizado o procedimento de raspagem<sup>59</sup>, o recém filho de santo, Tonho Mutalambô, continuava a sofrer com as enfermidades do corpo. Assim, quando conheceu Pureza Melo, também conhecida como Cacunda de Yayá, mãe de santo da cidade de Salvador/BA que vem à Aracaju visitar uma irmã, realizam a consulta nos búzios procurando uma explicação para as causas da persistente doença. Foi nessa ocasião da consulta que se identificou a nação do orixá de Tonho, sendo assim, fizeram os devidos encaminhamentos para que o santo fosse feito dentro dos fundamentos necessários, ou seja, na nação ketu.

Essa história, sobre Tonho Mutalambô, sempre é contada pelos seus filhos, amigos e autoridades que o conheceram ou ficaram sabendo de seu percurso de inserção nas religiões de matrizes africanas. Um dos seus filhos de santo faz uma ressalva a respeito da nação em que seu babalorixá foi confirmado. Este filho é o pai de santo Kassideran<sup>60</sup>, cujo nome é Antônio Fernando dos Santos e é um dos últimos filhos de santo das águas de Mutalambô. Segundo ele, quando o seu babalorixá teria se iniciado foi na nação angola – como foi citado anteriormente –, porém, a realização da confirmação de um ano do santo foi realizada com os fundamentos da nação jeje savalu.

Nesse sentido, Kassideran pondera que ao invés de Mãe Pureza ter iniciado Tonho no ketu, diferentemente da versão contada pelas ialorixás Cristina e Bequinha, ambas, filhas de santo do babalorixá, ela teria feito o santo dele no jeje savalu, juntamente com a execução dos ritos convenientes para a feitura, como desejava o santo

<sup>59</sup> Raspar é o mesmo que iniciar uma pessoa no candomblé. (PRANDI, 1991, p.250)

<sup>60</sup> Fernando Kassideran, assim como é conhecido, foi um dos últimos filhos de santo de Tonho Mutalambô. No entanto, antes da sua inserção no candomblé ele já matinha diálogo com Tonho através do trabalho no Santuário de São Roque, igreja construída em devoção a este santo onde o próprio Tonho, nessa época mais conhecido como Padre Antônio, era o pároco. Atualmente, Fernando Kassideran tem um terreiro na cidade de Aracaju denominado de Ilê Axé Dematá Ni' Sahara, o qual organiza o Afoxé Akoeran que sai às ruas no dia oito de dezembro para saudar Oxum. Para compreender a importância desse terreiro e do afoxé organizado por ele ver Santana (2013).

dele e como, segundo o babalorixá Fernando, seria a forma conveniente ao ritual oriundo da África. Assim, ele coloca que

a questão do processamento da história de seu Antônio, é interessante. Seu Antônio veio da cidade de Nossa Senhora de Socorro, especificamente da Taiçoca de Dentro com problemas de saúde, e naquela época já existia, muito famoso, e que não era do mundo dos feitos, mas ele era muito famoso, o precursor no nosso Estado e muito conhecido, Tonho de Omolu, que era oriundo da Bahia, onde sua família já tinha terreiros abertos. Aqui, ele atuava com o Abian, com seções mediúnicas, de toques e seções de palmas, e aí, Antônio Mutalambô veio pra casa dele aos dezessete anos de idade com um problema de saúde. Chegando à casa de Tonho de Omolu, foi detectados que o assunto era um pouco mais além do que seu Tonho de Omolu poderia ajudá-lo, porque seria uma raspagem de santo. Nessa época, seu Gilberto da Silva, (Lê), mais conhecido popularmente com o Tauamim, que era muito conhecido de seu Antônio de Omolu, filho da precursora do nosso candomblé, a finada Nanã, encaminhou seu Antônio Gomes pra lá, e lá houve o bolonan, e seu Antônio se iniciou. Naquela época, as iniciações aqui em Sergipe, não eram realmente como condiz todo o ritual africano, mas o pouco que Nanã conseguiu trazer para Sergipe nos ajudou muito. Naquela época, seu Antônio foi iniciado realmente na Angola, oriundo de Nanã, por seu Lê, (Tauamim), e teve com o seu irmão de esteira, seu Gileno, que tem o uruncó de Aberomim, que também morava na cidade de Nossa Senhora de Socorro, no povoado de Taiçoca de Dentro. Os dois saíram num barco, um de Oxossi e uma Oxum. O Santo do meu pai teve a graça de ter o orunkó de Uminiganga Mutalendá, que ficou com o digina: Odé Mutalambô. Aos seis meses do feiturio, seu Antônio Gomes ainda apresentava alguns problemas de saúde, oriundos da sua espiritualidade. Foi quando dona Pureza Melo veio de Salvador à Aracaju para visitar sua irmã, que era popularmente conhecida com o Belinha, que conheceu seu Antônio, que através de um jogo de búzios, descobriu-se que ele era filho de Oxossi, mas não da nação Angola, e que necessitava de outras fundamentações, até porque, a feitura dele não tinha determinados requisitos que foram alcançados, questões de matanças, questões de carregos, que naquela época, não existia, que eram as nossas limpezas que tomamos antes das matanças, e era por isso que o Santo ainda cobrava de seu Antônio. Nesse estante, seu Antônio Gomes começou a se arrumar para sua obrigação de ano, onde se recolheu novamente e foi inserido dentro do gêge Savalu, recebeu seu adecá, que é o título de Babalorixá, daí, se disseminou o gêge savalu em Sergipe, através do Orí de seu Antônio Gomes de Oliveira, Odé Mutalambô, pelas mãos da saudosa Pureza Melo, que tinha o uruncó de Yá Karêlewí. Após o recebimento do seu Adecá, dois anos depois, ele começou sua carreira como Babalorixá, e começou justamente em Aracaju, na própria casa do seu Pai de Santo, seu Lê. Mesmo ele tendo migrado para o gêge savalu, ele nunca abandonou, nem seu Lê, nem a finada Nanã, por questões dele se adaptar a eles e ter muito carinho. [sic] (Entrevista com o Babalorixá Fernando Kassideran realizada para o site Sulanca em 2007. In: <http://www.sulanca.com/pesquisa.asp?pag=41>)

Podemos perceber que a diferença abordada nas narrativas dos informantes se refere à nação de pertencimento da casa da qual eles ascendem. Nesse sentido, não nos cabe referendar qual a nação originária do Ilê Axé Jacutá N'Sahara, mas, sim,

compreender os desdobramentos que culminaram na bifurcação presente nas narrativas dos descendentes de Tonho Mutalambô.

Com isso, nos chama a atenção o fator dialógico entre os estados de Sergipe e Bahia, que no caso abordado se dá através da iniciação diferente da que ocorria em Sergipe, isto é, de uma iniciação com raspagem ou como é mais conhecido o feitorio de santo. No que tange essa diferença territorial das práticas do candomblé, podemos salientar que a Bahia é tida como o berço da cultura religiosa trazida pelos africanos, legitimidade esta reconhecida por pesquisadores e estudiosos das religiões afro-brasileiras (DANTAS, 1982).

Portanto, esse Estado é uma referência com forte influência, principalmente, sobre a região vizinha, onde houve um fluxo progressivo de pais de santo da Bahia. Segundo Oliveira (1978), a tradição do feitorio começou a ser disseminada em Sergipe na década de 1920, se intensificando na década de 1930 e 1940 juntamente com o fluxo migratório dos adeptos do candomblé, que vinham nos trens que passavam por diversas cidades dos estados da Bahia e de Sergipe.

Ao analisar a influência da Bahia na trajetória da Mãe Nanã, uma das ialorixás mais famosa e prestigiada de Sergipe, a antropóloga Beatriz G. Dantas (2002) aponta que

O feitorio-de-santo era praticamente desconhecido em Aracaju até o primeiro quartel do século XX. Os segmentos dos cultos de possessão aí existentes incluía os centros de espiritismo kardecista em fase de organização burocrática [...], preocupados em distinguir-se dos centros de sessão tidos como de baixo espiritismo e de terreiros que, segundo o sistema de classificação dos próprios sacerdotes, eram designados como torés e nagôs. Esses últimos remetiam a uma herança africana trazida pelos escravos e repassada sobre tudo para os seus descendentes, enquanto o toré era visto como uma forma de culto trazida das aldeias dos índios, ou de alguma forma por eles influenciada [sic] (p. 94).

Desta maneira, percebemos que há uma mudança no cenário religioso sergipano com a chegada de afro-religiosos de outras localidades. Pois, a não existência de sacerdotes com o santo “feito” lhes trazia uma ilegitimidade quando equiparados àqueles que vinham empoderados com um elemento do ritual religioso localmente

desconhecido e, principalmente, detinham o reconhecimento de serem herdeiros de uma pureza da tradição africana (DANTAS, 2002; 1982).

Essas alterações no campo afro-religioso, protagonizadas pela inserção de novos indivíduos, estabeleceu uma fronteira entre aqueles que haviam feito e os que não fizeram o feitorio de santo. Mas, diante do processo dialógico se identifica a permeabilidade dessa fronteira com o feitorio de alguns dos sacerdotes e sacerdotisas de Sergipe, como no caso de Mãe Nanã. Assim, Dantas (2002), observa que

Fazer o santo, além dos acréscimos espirituais, representa para ela a possibilidade de firmar-se com mais prestígio num campo em que mudanças as anunciam. Perspicaz, percebeu no emaranhado das formas religiosas então vigentes que, no feitorio, delineavam-se novas trilhas para um crescimento mais seguro, palmilhando caminho para reconhecimento público e amplificação se seu corpo de fiéis. Ao submeter-se ao feitorio, ela amplia seu saber com novos conhecimentos, estabelece vínculos mais estreitos com entidades e sistemas religiosos que remetem ao culto dos orixás e assim, ao mesmo tempo em que aumenta sua força no plano espiritual, no plano social se torna mais capacitada a ampliar seu círculo de influência, formando sua família-se-santo em bases mais seguras. O feitorio estabelece um vínculo muito forte entre pais e filhos-de-santo [sic] (p.101).

Com isso, e retomando a questão da iniciação de Tonho Mutalambô, notamos uma dissonância na memória oral quando babalorixá Kassideran expõe que a iniciação realizada por Seu Lê, filho-de-santo de Mãe Nanã, não estabelecia como elemento do ritual o feitorio. Ora, a realização do feitorio tem sua introdução mais ativa na década de 1940, através do processo de interlocução entre tradições – que foi tratado acima –, e tendo, justamente, as águas da ialorixá Nanã como precursora local. Portanto, as divergências nas narrativas dos interlocutores, juntamente com os dados históricos levantados, confirmam a existência da prática do feitorio em Sergipe.

No entanto, as informações tendem para outro aspecto dentro do ritual do feitorio, a realização deste com bicho de quatro patas. Segundo a informante Martha Sales, pesquisadora das religiões de matrizes africanas e ialaxé<sup>61</sup> do Ilê Axé Omin Mafé, o feitorio realizado em Sergipe era diferente, consistindo no sacrifício de animais com duas patas. Na ocasião da conversa informal, ela relata a entrevista com a ialorixá Marizete, sucessora de Mãe Nanã, onde a sacerdotisa declarou que foi feita no santo

---

<sup>61</sup> “Mãe encarregada de zelar pelos axés da casa” (PRANDI, 1991, p. 248)

com duas galinhas, ou seja, com bichos de duas patas. Assim, ela ressalta o pioneirismo de Tonho, pelo fato dos sacrifícios passarem a ser executados com animais quadrúpedes.

Sendo, contudo, um aspecto introduzido posteriormente, nos primeiros momentos de diálogo entre adeptos do candomblé de Sergipe e Bahia. Percebemos, com isso, uma unicidade das narrativas quanto ao surgimento desse novo elemento do feitorio, como cita o Babalorixá Kassideran

Seu Antônio começou a ter um a carreira precursora, porque, até então, muitas fundamentações nos nossos terreiros eram muito a desejar, por questões de ibares, questões de como se recolhe um yaô, questões de procedimentos, questão da fundamentação dentro do quarto de santo, que ficava muito a desejar. E nessas idas e vindas de seu Antônio, de Salvador para Aracaju, de Aracaju para Salvador, ele começou a remodelar as casas de santo, aqui em Sergipe. Hoje, talvez, as pessoas não reconheçam, mas as questões de constituição de ibás, do uso de bichos de quatro pés para a iniciação dos Yaôs, foi uma iniciativa dele, porque, até então, aqui, ninguém era raspado com bicho de quatro pés, todos eram raspados somente com um galo e uma talha. [sic] (Entrevista com o Babalorixá Fernando Kassideran realizada para o site Sulanca em 2007. <http://www.sulanca.com/pesquisa.asp?pag=41>)

Analisando as narrativas, conjecturamos que a fundamentação necessária para a solução do problema do iaô Tonho Mutalambô estava na necessidade da realização de novos sacrifícios para o orixá, que seriam realizados de acordo com a nação do santo. Onde

A chamada matança, sacrifício de diferentes animais conforme as liturgias e as festas nos candomblés, segue um processo ritual coerente com a nação e com o próprio terreiro. Em todas as religiões tradicionais há o ato fundamental do sacrifício, havendo aí uma aceitação, verdadeiro acordo com o que é oficial e dominante, ou seja: nas religiões estabelecidas como cristã, católica, judaica, islã, hindu, entre outras, o tema dos sacrifícios tem um argumento que é considerado pertinente e coerente aos particulares processos de fé, de crença para o desenvolvimento de variadas liturgias. No candomblé, o sentido do sacrifício ocorre de forma simbólica e como em qualquer outra manifestação religiosa que prevê o oferecimento de carne e sangue *in natura* nos santuários. Há ainda a forma abstrata: pão e vinho, carne e sangue, no oferecimento que busca o contato com o divino, como acontece com o orixá, por exemplo, tão sagrado como qualquer outro mito. (LODY, 2008, p. 171)

Logo, por meio desses rituais feitos com Mãe Pureza, o antes filho-de-santo de Lê Tauamim, teve a iniciação realizada de acordo com os preceitos exigidos pelo orixá. À vista disso, é a partir dele que começa a se difundir o feitorio com animais de quatro patas, conseqüentemente, prática trazida das águas da Cacunda de Yayá, do jeje savalu. E é através desta ligação familiar, dentro do candomblé, que Pai Kassideran toma como origem identitária a nação da sua avó de santo. Enquanto isso, integrantes da mesma família de santo – as ialorixás Bequinha e Cristina – se identificam pertencentes à nação ketu.

Como já ressaltamos, esse trabalho não tem a pretensão de deliberar qual é a nação de procedência desta família de santo. Porém, devemos elucidar que compreendemos o processo de identificação das casas de santo “no âmbito das teorias da etnicidade relacionais”, assim como o historiador Luis Parés (2007, p. 26) que ao discutir o conceito de procedência referente à nação situa “a formação de nações africanas no Brasil [...] especialmente como o resultado de um processo dialógico e de contraste cultural ocorrido entre os diversos grupos englobados sob as várias denominações metaétnicas (p.27)”.

Com isso, percebemos que o processo de construção da identidade engloba componentes culturais, linguístico, valorativos, entre outros. Isto é, um conjunto de características comuns a uma nação que a diferenciará de outra (MONTES, 1996; PARÉS, 2007). Pensando assim, vemos que esse processo

não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social em relação com outros grupos distintos. [...] é impossível pensar a identidade como coisa, como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas. Ao contrário, [...] uma vez que as sociedades são dinâmicas e a vida social não está parada, também a identidade não é uma coisa fixa, mas algo que resulta de processo e de uma construção. E não podemos entender essa construção sem o contexto em que ela se dá (MONTES, 1996, p. 56).

Dessa forma, a afirmação de pertencimento ao jeje savalu se dá pela hereditariedade e não pela característica principal do culto do candomblé jeje, que é o “culto de entidades espirituais chamadas voduns” (PARÉS, 2007, p. 38). No entanto, o próprio historiador, ao falar da Cacunda de Yayá e dos terreiros associados a ela,

destaca a identificação destes como jeje savalu, mas, aponta para as influências que eles sofreram dos nagô-ketu.

Além disso, ao analisar a conjuntura afro-religiosa que se apresentava em Salvador na década de 1930 a 1990, o autor visualiza o declínio da nação jeje. Para isto, considera, parcialmente, a influência da expansão de 1970, onde os “terreiros sem filiação definida se declaram ketus por ser essa “nação” a de mais prestígio e visibilidade social” [sic] (Idem, p. 260).

Do mesmo modo, Parés aponta para “a troca de santo e de nação (de jeje para ketu), somada ao controle de repertórios rituais de várias nações, indica a relativa permeabilidade e fluidez de indivíduos entre as nações de Candomblé” (Ibidem, 257). Demonstrando que esses indivíduos não estão estáticos em suas culturas e práticas religiosas.

Nesse sentido, após discorrer sobre as nuances do candomblé quanto ao diálogo entre as nações, não nos é surpreendente a bifurcação nas narrativas dos descendentes de Tonho Mutalambô, ao se afirmarem de nações diferentes. O que enfatiza o fato dos indícios de permeabilidade, neste campo religioso, se articularem com a busca de uma afirmação identitária.

Foi exatamente pela afirmação religiosa que adeptos das religiões de matrizes africanas passaram a ocupar os espaços públicos com os seus rituais litúrgicos, almejando louvar Oxum. É nesse acontecimento que está marcada a Lavagem Conceição do Vale do Cotinguiba, na celebração. Pois, saudar Oxum e Nossa Senhora da Conceição também é celebrar a existência de Omin Mafé, de sua filha, precursora da festa e de seu pai de santo, semeador da fonte dessas águas.

Tonho Mutalambô só presenciou a primeira edição da Lavagem da Conceição em Riachuelo, já que no ano seguinte, em 2000, após sofrer um enfisema pulmonar, ele vai a óbito, deixando um legado para as práticas religiosas locais. “A ideia que [...] Tonho tinha tido de juntar os católicos com os religiosos de matrizes africanas acabou acontecendo [...], era uma coisa de pequena proporção, no ano que foi lançado, que foi feito no Santuário de São Roque, foi feito em pequena proporção. Mas, [...] tomou uma dimensão diferente [fala empolgada]” (Entrevista cedida pela Ialorixá Cristina em janeiro de 2013).

Nos anos seguintes, a festa da Lavagem teve crescimento, deixando de ocorrer somente no ano 2000, devido ao falecimento do babalorixá. Essa pausa se deu, primeiramente, pela indecisão de Mãe Bequinha sobre quem deveria continuar com a festa, crise que já era perceptível no desentendimento entre ela e o zelador do Jacutá N'Saara, se agravando com o luto.

Contudo, compreendendo que a Lavagem era uma herança, uma ideia do seu pai para ela e para a população de Riachuelo, local onde ele havia realizado várias festas em homenagem a São Roque, a Cosme e Damião, a Santo Antônio. A ialorixá resolve continuar com o ritual em homenagem a ele, como também, para saudar Oxum e Nossa Senhora da Conceição.

### 3.2 – Histórico - Parte 2: Mãe Bequinha e suas histórias

Após a pausa no ano 2000, a Lavagem de Nossa Senhora da Conceição em Riachuelo/SE sofre algumas modificações. A maior delas se refere ao local de realização da lavagem, que devido aos impasses com o terreiro de origem e tendo como inspiração a Lavagem de Aracaju/SE, passa a acontecer na Igreja Matriz de Riachuelo, isto é, na igreja referente à santa, também padroeira da cidade.

Outra mudança importante foi o apoio à festividade por parte da prefeitura, o que aconteceu através da câmara de vereadores, que encaminhou uma moção para o terreiro Omin Mafé expressando o prestígio da cidade ter uma festa nessa perspectiva. Considerando o fato da cidade ter uma quantidade expressiva de terreiros<sup>62</sup> das religiões de matrizes africanas, o evento estaria, assim, representando a cultura local.

Segundo Mãe Cristina, foi “a partir de 2001, foi que a prefeitura começou a se tornar parceira da lavagem por conta da moção que foi feita pela câmara de vereadores, ai eles acharam que seria interessante colocar a lavagem no calendário cultural do município” (Idem).

---

<sup>62</sup> Em entrevista com Mãe Bequinha ela fala da existência de 21 terreiros, com a abertura de mais um em 2014 seriam 22. Chegou-se a esse equivalente por volta do ano de 2010 quando uma das suas filhas, ao trabalhar como secretária na prefeitura, percorreu todos esses estabelecimentos abertos para dar entrada no pedido de alvará de funcionamento dos mesmos.

Contente com o apoio, houve outro componente importante para a continuidade da festa, segundo Bequinha, considera que

Mãe Bequinha – Quando a gente fez a primeira lavagem, ai os vereadores da cidade gostaram tanto, acharam tão lindo que o na câmara dos vereadores veio a assinatura dos nove vereadores pra que a lavagem continuasse, que eu continuasse fazendo com. Ta entendendo?

Lumara – Isso em 99 quando foi lá em São Roque?

Mãe Bequinha – Foi, foi. Ai eles gostaram que assinaram. Ai vieram trazer o papel aqui junto na minha casa. Ai eu fiquei fazendo pra cidade. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Bequinha em abril de 2014).

A festa continuou ocorrendo nos domingos que antecedem ao dia 08 de dezembro. Isso, com o intuito de que a festa não acontecesse em dias da semana, assim, a comunidade podia participar, como também, as pessoas de outras cidades, que poderiam se deslocar para acompanhar. Além de ser em um momento congruente com a programação da igreja católica.

Assim, por conta da mobilidade do pessoal. Deslocamento, essas coisas. Por que na maioria das vezes as pessoas trabalham aos sábados, ai trabalha até determinado horário. Ai fica complicado para você sair do trabalho para poder vir por que a lavagem é feita. Tem o critério também na lavagem que é o de não atrapalhar a novena, tipo uma novenário da igreja católica. Ai a lavagem é feita as 4 horas da tarde pra que seis horas a igreja teja esteja liberada, pronta pra a novena acontecer. Ai por conta disso, ai por conta do horário a gente faz sempre aos domingo porque as pessoas estão de folga, é quando se tem maior é uma melhor condição de poder vir participar. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Cristina em janeiro de 2013)

As preocupações para não atrapalhar as atividades da igreja eram frequentes, já que o embate religioso existe e se apresenta de diversas formas. Em alguns momentos de maneira mais contundente e em outros menos, colocando, assim, os conflitos e as tensões como algo inerente na relação afro-católica, ao menos no que se referente à lavagem.

Nesse sentido, a partir do ano de 2001, quando o ritual começa a ser realizado na Igreja Matriz da cidade, vinculada à religião católica apostólica romana, já há uma apreensão quanto a limpeza do local logo após a saída do cortejo. Porque, como

abordou Cristina, na fala acima, era necessária a preparação do local para as demais atividades que iriam acontecer na igreja.

A semana em que ocorre a lavagem também é o período de festividade da igreja católica, pois, a cidade tem como padroeira Nossa Senhora da Conceição. Assim, existe uma extensa programação que envolve os habitantes da cidade, a exemplo do novenário<sup>63</sup>, da alvorada, da procissão, entre outros. Estes são momentos que compõem a festa religiosa católica<sup>64</sup>.

Pr. Manoel – [...] com relação à paróquia é celebrado o novenário, são nove noites com o dia festivo, então, tem uma preparação. Entre outras coisa que acontecem. Os dias festivos são preparados, vamos preparando o pessoal para o dia 08, o dia festivo. [...] Os batizados são de praxe, no domingo as dez da manhã tem o batizado.

Lumara – Então, quer dizer que tem uma missa no dia oito às dez da manhã. Ai a tarde.

Pr. Manoel – Temos procissão. Pela manhã logo cedo, às cinco da manhã nós saímos com ela num carro circulando pela cidade toda, rua em rua nós passamos, rua em rua, às cinco da manhã. Tem pessoas que esperam com papel picado, pétalas de rosas, todas as casas, todas as casas, todas, todas. Inclusive os centros. Esperam, soltam fogos. E aí nessa primeira parte as pessoas não acompanham, elas esperam em casa. Isso vai terminar lá para umas oito, oito, oito e tanto. E quando é a tarde tem a missa, tem a procissão e missa de encerramento. [sic] (Entrevista cedida pelo Padre Manoel Fernandes de Jesus em setembro de 2013)

Além da programação religiosa, a prefeitura também organiza uma festa artística, que não ocorre necessariamente no dia alusivo, podendo acontecer próximo à comemoração da padroeira, no dia oito de dezembro. A exemplo disto, no ano de 2013, essa programação foi efetuada entre os últimos dez dias do mês de dezembro<sup>65</sup>.

Um aspecto importante que engloba os festejos na cidade de Riachuelo é o fator deste ser palco para a visibilidade dos políticos locais, assim como, em Aracaju. A forma como as programações, tanto da festa católica como do evento artístico, são apresentadas, já encaminham para uma visibilidade das figuras políticas. Como podemos ver no anexo 8 (oito), o anúncio da programação vem acompanhado da imagem da prefeita da cidade, Cândida Leite. E no anexo 7 (sete), visualizamos os

---

<sup>63</sup> Provém da palavra novena, cujo dicionário define como “atos religiosos durante nove dias consecutivos” (HOLANDA, 1988).

<sup>64</sup> Ver anexo 7 (sete).

<sup>65</sup> Ver anexo 8 (oito).

momentos da festa, seguidos dos seus patrocinadores, dentre eles está a Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, Vereadores, Secretarias da cidade. Isto é, o poder político/administrativo local é mostrado de forma descentralizada, trazendo consigo a figura dos indivíduos que estão à frente dos patrocinadores.

Conseqüentemente, no ano de 2013 é quando a produção e realização da lavagem são cessadas devido, entre outras coisas, à falta de recursos. Isso, por causa da precária situação financeira do terreiro e de seus integrantes, comparada aos gastos que a festa necessitava, além de que a circunstância da política local, culminando com a perda do apoio financeiro.

Tinha uma parceria com a prefeitura e eles de repente mudaram o relacionamento com a gente. Através de conversas de terceiros e essas coisas, eles acabaram mudando o o [pausa: cuidado com as palavras] as coisas com a gente. Por que era assim, eles patrocinavam camisas e o mini trio pra gente, desde o ano de 2001 até 2011 a prefeitura entrava com o patrocínio de camisas e do mini trio. E quando foi no ano de 2011, eles quase não deram as camisas. Deram até 100 camisas, quase não deram e, além disso, que era bastante pessoas que vinha, que vinha muita gente de fora. Sim, e o transporte também que eles doavam o transporte para trazer as pessoas dos outros municípios pra fazer parte da lavagem. E no final eles eh, na hora do mini trio, eles disseram tá chegando e tá chegando e não veio. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Cristina em janeiro de 2013)

O prefeito, em 2011, foi Antonio Carlos Leite Franco Sobrinho que estava exercendo o ultimo ano do seu segundo mandato no executivo municipal de Riachuelo/SE. Mãe Bequinha relata que em 2010 foi o último ano com o apoio da prefeitura, já no ano de 2011, após ter se aborrecido, não buscou financiamento. Pois, todos os anos, o Centro Sócio Cultural Omin Mafé enviava o projeto para a realização da lavagem para a câmara dos vereadores.

Mãe Bequinha – No final do último mandato ele já ficou com conversinha com a o povo, com conversinha e isso e aquilo. Ele tirou minha filha que era secretária dele, ai tirou ela. Tirou meu, ai tirou meu genro da prefeitura pra fora. **E eu fiquei com raiva, me magoei, me chateei que eu fiz muito por ele, trabalhei pra ele e tudo.** Ai eu peguei e não fui mais na prefeitura aborrecer eles com nada. Ai eu não fiz a lavagem. Ai entrou Cândida e eu também não fui lá.

Lumara – Nem ela procurou vocês?

Mãe Bequinha – Nem ela procurou. Foi. Por que o último mandato de Antônio Carlos eu já fiz já por minha conta. Já foi do meu bolso e da roça

que a gente fizemos a lavagem. Com os filhos da casa, já não foi a prefeitura. E ai, ai ficou muito pesado por que todo muito é pobre e o gasto é grande. [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Bequinha em abril de 2014).

Como podemos perceber, as relações existentes entre esta família e a prefeitura se estende para as questões pessoais, devido a troca de favores que se construiu durante o mandato e nos pleitos eleitorais que levaram Antonio Carlos ao poder executivo. Para além disso, a soma de poder político fica bem evidente. Em sua fala, a ialorixá retrata a troca de favores políticos realizados durante os mandatos dos prefeitos e da prefeita que passou pelo poder executivo da cidade no período em que a lavagem esteve acontecendo.

Mãe Bequinha – Por que assim me magoou, me machuquei. Hoje quem comanda a prefeitura é a oposição, na época ela era muito minha amiga, quando o marido dela era prefeito<sup>66</sup> sempre me ajudou nas lavagens, mas foi quando ela **eles trouxeram o candidato a prefeito e que ele se tornou um amigo da gente**. Meu marido era empregado, precisava se aposentar. Minha filha era secretária dele e da prefeitura. Meu genro trabalhava na ambulância, era motorista da ambulância, trabalhava na prefeitura. Quer dizer, ai eu não ai ir contra esse homem. Meu marido vivia doente precisando se aposentar, se eu fosse contra como ele ia se aposentar? Ai como eu não fiquei do lado dela, quer dizer que ela se revoltou contra mim. Mesmo que, ela disse que nessa política dela, ela teve na minha casa disse que entendia o meu lado, disse que os quatro anos que ela tirasse na prefeitura, o tempo que ela tirasse eu tava junto dela. Mas na primeira oportunidade ela me deu as costas, que foi pra arranjar um emprego pra varrer rua pra minha filha, num foi nem de secretária nem nada, pra varrer rua e ela me deu as costas. Disse a minha filha que ia ficar na lembrança. Quer dizer o que? Ela vingativa, vingança. Ai eu peguei e não aborreci mais com nada e num fui mais lá na prefeitura. [...]

Lumara – É quem mesmo?

Mãe Bequinha – Cândida. Por que ela disse assim: Dona Bequinha me ajude nessa política. Porque ela achou que na outra política ela perdeu por causa de mim, num foi não. **Aqui tem um monte macumbeiro, mas acharam que foi eu que atrapalhei. Ela trouxe até uma mãe de santo de Salvador. Foi! Óia, compraram uma carreta de cerveja pra comemoração da vitória dela.** Ai quando foi no dia da eleição, quando eu me levantei tinha uma macumba na porta do meu barracão e outra na porta da minha casa. Meu marido foi que me acordou, venha tirar a macumba que tá na porta da sua casa. Ai eu me encabulei, ai disse: ah pois eles fizeram isso e Deus ta no céu e quem vai ganhar é o prefeito. Ai pronto e o prefeito ganhou. Quando o prefeito, ela ficou na frente quatro urnas ela passando dele. Ai quando foi na cinco, que disse a quinta urna que ele igualou com ela, ai eu disse: pode soltar foguete que ele não perde. Ai mandei soltar foguete na porta da minha casa. Ai ele não perdeu mesmo não, ele ganhou. Ai pronto, ela ficou por aqui

<sup>66</sup> Refere-se a Aldebrando de Menezes Leite. “Exerceu um mandato de vereador na legislatura de 1989 a 1992. Após duas décadas de afastamento da família Leite do poder executivo, em Riachuelo, Aldebrando Leite, chamado de Aldé, surgiu como principal remanescente para ascender ao comando político no município. Exerceu dois mandatos de prefeito municipal no período de 1997 a 2004 [...]” [sic] (BEZERRA, 2012, p. 149).

comigo. E ele ganhou, ganhou mesmo. **Ai quando foi agora que ela veio, ai ela veio aqui conversar comigo pedir meu apoio, [...] ai eu disse ta certo. Ajudei, trabalhei pra ela, fiz o que pude pra ela ganhar, pedindo aqui aos orixás por que eu me empolguei.** Eu sou assim, me empolgo com conversa, a pessoa chega com uma conversa bonita, eu acho que a pessoa tem um bom coração. Ai pedi, votei, fiz minha família votar nela, a maioria da minha família votar pra ela. Ai quando ela ganhou, eu deixei ela primeiro arrumar a casa que ela assumiu dia 1º de janeiro, ai quando foi em maio eu disse **vá lá e diga a ela que eu mandei pedir pra ver se ela arranja uma vaga pra você trabalhar varrendo rua na limpeza, pelo menos na limpeza**, o importante é que ela lhe bote pra trabalhar. Ela chegou e disse a minha filha: o povo acha que eu tenho o emprego do mundo todo pra dar ao povo, só vem aqui me pedir emprego, não tem emprego pra dar não. [...] A ela chegou e disse: diga a sua mãe que fica na lembrança. Eu posso bater numa porta dessa? Ai eu parei. Ai eu disse ta certo, Deus que tome conta dela e lá eu não fui mais. [sic] (Idem)

### 3.3 – As Águas de Omin Mafé: etnografia da festividade

Participar da Lavagem do Vale do Cotinguiba foi um momento muito problemático. Estive acompanhando em 2012 essa festividade e, na ocasião, estava doente, com dificuldades para me locomover. Dessa forma, realizar uma caminhada por mais curta que ela fosse, participando atentamente dos momentos presenciados se deu de forma complicada.

Mesmo sem conseguir andar direto, com dores, pois, estava começando a me recuperar de uma infecção renal, quis ir à festa para observar os pontos importantes objetivando aprofundar a observação no ano seguinte. Porém, com o não acontecimento da lavagem no ano posterior me surgiu o receio em estar realizando, de fato, uma etnografia, quando a mesma necessita de inserção continua no campo para o aprofundamento e compreensão da densidade do fenômeno.

Essas questões desnordeantes sobre o objeto festivo, já que me proponho em analisar a festa, impulsionou a estreitar a convivência com o terreiro. Seria está uma forma plausível de superar as lacunas do campo? Uma metodologia diferente da utilizada para a análise da Lavagem em Aracaju.

As implicações me fizeram refletir sobre o projeto em demasia, suas peculiaridades, as semelhanças com o outro evento, o método aplicado para o

desenvolvimento do trabalho de campo que contou com a ajuda de terceiros. Com isso, as insistentes abstrações a respeito da autoridade etnográfica, do “estar lá” (CLIFFORD, 2011; GEERTZ, 2002), me encaminhou a pensar cada vez mais na polifonia dentro daquilo que redigimos. Estamos expressando constantemente, várias vozes nos nossos trabalhos. Chegar à essa conclusão nos remete ao antropólogo Clifford Geertz (2012) e a sua compreensão do que é a “interpretação das culturas”; remete a dinâmica do pensamento pós-moderno antropológico.

Sair da zona de conforto da conjugação em nossos textos dos verbos no plural como uma convenção acadêmica – que de fato não é – para intercalar o “nós” com sujeitos distintos é algo de grande apreensão para uma pesquisadora. Pois, somos “nós”, a pesquisadora que realiza as entrevistas, somos “nós” que corremos para presenciar os instantes perspicazes dos atores sociais, somos “nós” que o fotografamos.

O que devo ressaltar, não somente nessa parte da pesquisa, mas durante toda a sua execução e análise, é que nunca estive sozinha – isso é quase mítico, e não deixa de ser. Conto com a colaboração de muitas e muitos. Contudo, nessa fase que não constava no cronograma, dentre tantas outras, contei com a colaboração de três profissionais: Liliane Santana, mestre em Antropologia Social; Roberto Canuto, profissional de marketing; e Geilson Gomes, jornalista.

Portanto, a observação participativa, realizada na pesquisa de campo da Lavagem da Conceição em Riachuelo/SE, conta com a polifonia que proverá a etnografia desse ritual festivo. Onde esses pesquisadores/colaboradores fotografaram, entrevistaram, observaram e discutiram comigo pontos que lhes chamaram a atenção.

Dessa forma, combinamos de nos encontrar no dia dois de dezembro, na minha residência em Aracaju, por volta do meio dia – preferi esse horário por ter ficado receosa de me deslocar para Riachuelo na parte da manhã e não aguentar permanecer até o final do dia. E seguimos para Riachuelo de carro, após convencer meu tio a nos levar.

Chegamos ao terreiro Omin Mafé por volta das 13:45h e a movimentação dos filhos e filhas de santo dentro da roça era grande, ainda estavam nos preparativos para a festa. Organizando o almoço para aqueles que estavam presentes, limpando a bagunça dos preparativos para receber os visitantes, arrumando as suas vestimentas.

Quase sempre fico abismada com a quantidade de peças de roupas usadas nas ocasiões festivas. Isso porque, ao frequentar outras festas da casa, fico a observar o quão trabalhoso é ficar passando ferro em todas as peças que vão compor a vestimenta do dia. Mesmo as levando já passadas, algumas pessoas, caprichosamente, ainda retornam a esticar o tecido, pois, querem estar bem apresentáveis. De fato, uma das características que mais percebo no povo de santo é a vaidade.

Quando adentramos ao terreiro, pelo portão que dá acesso ao barracão, logo visualizamos as talhas já ornamentadas com as flores, vassouras e grandes recipientes com água para que as demais flores não murchassem. Algumas dessas flores foram despetaladas, para serem lançada nas ruas por onde o cortejo passasse. Segundo Mãe Bequinha, “as pétalas é pedindo a Oxum prosperidade, paz, axé, amor, saúde pra todos e né que a gente tem que agradar de todo jeito e ir fazendo os pedidos né [risos]” [sic] (Ibdem).

**Foto 27: Barracão do Omin Mafé**



**Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.**

Além disso, veremos outras utilizações das flores, como por exemplo, quando elas são depositadas na porta da igreja matriz pelos adeptos do candomblé e outros

participantes as recebem na concentração, quando elas são utilizadas na lavagem das escadarias e quando elas são apanhadas das escadarias e da porta da igreja pelas pessoas que assim desejam levar uma lembrança da festa.

As vassouras são uma retratação imagética e simbólica do sentido de limpeza. Significa o processo contínuo de estar limpando. E, para isso necessita de ferramentas que auxiliem na tarefa, e esse elemento, juntamente com a água, representa essas ferramentas que, fazendo uma analogia ao ritual do *ossé*<sup>67</sup>, levaram a renovação das energias, do axé. Assim, as vassouras são a representação do ato de limpar, e de fato, são utilizadas no momento da lavagem das escadarias.

Atravessando o barracão, há uma porta dando acesso a uma pequena escada que leva aos outros locais do terreiro. Como aponta Barreto (2009, p. 54), “todo terreiro tem seus espaços públicos, abertos a todos, e também seus locais reservados, usados nos rituais de iniciação (camarinhas, *runcó*) e nas cerimônias fechadas em que só participam os integrantes da hierarquia da casa, os iniciados e conhecedores dos fundamentos da religião”.

Realmente, há essa divisão entre os espaços do terreiro, apesar de no decorrer da pesquisa percebi que esses espaços mais reservados têm uma fluida proibição no acesso, dependendo do que acontece neles. A exemplo disso, tenho a minha própria experiência de inserção no terreiro, na qual pude perceber que com as minhas frequentes idas à casa, deixei de sentir receio de estar transgredindo algum espaço. E o mesmo se deu com a postura das pessoas da casa que passaram a me chamar para ir à cozinha, para entrar na casa de Mãe Bequinha, como também, no quarto de santo.

Mas, como coloquei, a possibilidade de circular dependia das circunstâncias do momento. Como estávamos numa ocasião festiva, diversas pessoas adentravam o terreiro para irem ao banheiro, ou até mesmo, irem tomar água. Assim, apesar da apreensão de início, por parte de um dos pesquisadores/colaboradores, nos dirigimos ao interior do terreiro sem acanhamentos.

Descendo as escadas, comecei a cumprimentar o pessoal do terreiro e a apresentar o grupo que estava comigo, dizendo-lhes que eles iriam me ajudar com a

---

<sup>67</sup> “Rito semanal de limpeza e arranjo dos assentamentos do santo que devem ser executado pelo filho daquele orixá” (PRANDI, 2001, p. 250).

pesquisa naquele dia. Eles se mostraram bem compreensivos e ao falar com Mãe Bequinha, ela me indagou se estava melhor, pois, dias antes havia feito uma visita ao terreiro para saber dos preparativos da festa. Conversamos rapidamente e ela como sempre muito solícita, disse para ficarmos à vontade e qualquer necessidade poderia procurá-la ou a alguém do terreiro.

Observei que apesar da movimentação, haviam poucas pessoas, comparado a outros momentos festivos da casa, pois, cheguei a presenciar algumas festas e elas, geralmente, deixavam o ambiente repleto de pessoas. Mas, como não havia horário determinado para o início do cortejo, supus que os participantes estariam a caminho para se concentrarem.

Nesse momento, algumas pessoas estavam organizando o carro que levou a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Uma dessas pessoas era Clécio, ornamentador e filho-de-santo de Mãe Bequinha, que com muito cuidado, arrumava os tecidos e as flores para cobrir o andor da santa. Enquanto isso, algumas pessoas se concentravam na

**Foto 28: Arrumação da Imagem de Nossa Senhora da Conceição**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

calçada em frente ao terreiro, por esse ser o espaço com sombra, consumindo bebidas alcoólicas. Sendo a maioria delas não pertencentes ao terreiro e sim, da residência onde se encontravam.

Enquanto isso, outros organizavam a trinca de atabaques na calçada, como também, alguns instrumentos de percussão, já para esperar o mini trio que estava a caminho e poder, assim, colocá-los em cima, deixando a parte musical do cortejo preparada para o momento.

**Foto 33: Instrumentos de Percussão**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

**Foto 34: Instrumentos de Percussão**



Ficamos alguns instantes na rua, conversando, observando a movimentação, quando avistamos a ex-vereadora de Aracaju, Rosangela Santana (PT), caminhando em nossa direção, em direção ao terreiro, com Florival Souza Filho, ogã da casa. Além de filho-de-santo, Florival é integrante do movimento negro de Sergipe e, na época, era coordenador municipal de igualdade racial em Aracaju.

A proximidade dessa liderança com o poder estatal demonstra possíveis “aberturas” e “negociações” que se apresentam em torno do debate étnico-racial no cenário sergipano (SILVA, 2013). Daí, a presença de algum agente da política local já ser esperada, visto a notória influência dessa instituição religiosa e de seus integrantes. Esses contatos políticos também se reverterem em apoio para a realização da lavagem.

Pois, como uma das funções sociais do ogã, com exceção das religiosas, abriga-se na “ideia de que os ogãs têm no candomblé [...] função honorífica, servindo para aumentar o prestígio da casa e possibilitar a entrada de mais recursos que ajudam a cobrir as despesas com as cerimônias sagradas” (BRAGA, 1999, p. 59).

**Foto 35: Ogã Florival e Ex-vereadora Rosângela Santana**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

Assim, compreendemos o fato de Rosângela, como ex-vereadora da capital sergipana estar presente em Riachuelo, cidade que não é diretamente o curral eleitoral da mesma, o que se dá para além da ligação com o ogã, que faz parte da mesma corrente política dentro do Partido dos Trabalhadores (PT), pela sua proximidade com os adeptos das religiões afro-sergipanas<sup>68</sup> e por estabelecer uma representatividade de outra figura política, a Deputada Estadual Conceição Vieira. Esta deputada vem colaborando com a Lavagem em Riachuelo, à vista disso, no ano de 2005 ela apoiou o seminário realizado dentro da programação da festa.

---

<sup>68</sup> Ver anexo 9 (nove).

Às 14h32m, o mini trio havia chegado e o carro com a santa foi posicionado no meio da rua, mais a frente do terreiro, fechando-a. Começando, então, a organizar a divisão do espaço do cortejo. Logo, o carro deu espaço para o mini trio estacionar e os instrumentos foram postos na parte de cima onde ficariam os ogãs alabê<sup>69</sup>, com o intuito de tocar e cantar durante o percurso do cortejo.

**Foto 36: Carros Bloqueando a Rua em Riachuelo/SE**



**Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.**

Com o passar das horas, os adeptos do candomblé e simpatizantes foram se aglomerando pelas calçadas da rua e os integrantes do terreiro também se faziam presentes, dançando e cantando ao som dos atabaques que estavam sendo testados. Isso, após parar o som eletrônico que vinha tocando músicas das bandas Ilê Aiyê e Muzenza.

Quando começando a cantar para Exu, no sentido de iniciar os cânticos para o cortejo, já era 15h35m e muitas pessoas haviam chegado, como Mãe Tacitaô e o Babalorixá João dos Santos de Aracaju. Da cidade de Riachuelo, identifiquei uma das mães de santo mais conhecidas, Mãe Nega, a quem muitas pessoas cumprimentam e pedem a bênção. “A bênção, além das motivações religiosas que lhe são inerentes, é também um ritual de delicadeza bastante observado no interior dos candomblés [...]. Serve para marcar relações de estima” (BRAGA, 1999, p. 88).

<sup>69</sup> “O tocador dos atabaques, os instrumentos de percussão.” (BRAGA, 1999, p. 95)

A rua, a calçada, o barracão se tornam espaços para a dança, para as reverências, para os reencontros. Num entrar e sair de pessoas como um bailar ensaiado, orquestrado pelas músicas, das quais, algumas foram cantadas pela Ialorixá Cristina. Esse momento aconteceu com grande movimentação dos que ali estavam. Os filhos e filhas de santo já se faziam adornados com seus troços, colares de contas, saíões, e flores, talhas e outros elementos ritualísticos nos braços. As vassouras, que antes estavam no barracão, foram para as mãos de várias senhoras e algumas dançavam com elas, brincando e contagiando a todos com sua alegria.

**Foto 37: Participantes da Lavagem em Frente ao Terreiro Omin Mafé**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

No auge da situação, um ogã que está em cima do mini trio pede para que peguem as quartinhas com as flores, pois, deviam se organizar na rua para saída do cortejo. A movimentação aumenta enquanto o cheiro das flores se espalha pela rua e os indivíduos seguem se organizando e se posicionando à frente do carro com a Nossa Senhora.

Diferentemente da organização do espaço que acontece no cortejo da Lavagem de Aracaju, nesse contexto, os integrantes vão a frente da santa que vai

**Foto 38: Ialorixá Jean Carla e Ednéia**

Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

próximo ao mini trio. Uma composição em que os adeptos e simpatizantes do candomblé e da umbanda conduzem a santa pelas ruas.

Posteriormente, saem do barracão a equede, suspensa pela Iemanjá da Ialaxé Martha Sales, Caroline Guimarães<sup>70</sup>, segurando um pombo branco. A ialorixá Jean Carla<sup>71</sup>, filha consanguínea de Mãe Bequinha, e a filha de santo Edneia, uma das quatro iaôs recém raspadas que carregou o andor na primeira lavagem, segurando alguidares com milho branco “pedindo paz, pedindo proteção a Oxalá, que defenda, que seja um cortejo de paz de de de axé, de união, de amor, ta entendendo. Que nenhuma energia negativa possa atrapalhar aquele cortejo, que nada ruim possa acontecer durante o cortejo, que

seja um cortejo de amor, de união” [sic] (Entrevista cedida pela Ialorixá Bequinha em abril de 2014). E mais quatro filhas de santo portando alguidares com pétalas de flores brancas, amarelas e vermelhas.

**Foto 39: Filhas de Santo com Pétalas de Flores**

Foto: Roberto Canuto. Fonte: Acervo da autora.

<sup>70</sup> A equede Caroline é filha da mãe pequena da casa, Regiane, e conseqüentemente neta de Mãe Bequinha.

<sup>71</sup> Filha de Mãe Bequinha que a pesar de ter o seu terreiro ela participa ativamente das atividades da casa de sua mãe. Como a própria Maria José me falou: ela tem casa, mas brinca lá.

Outra pessoa que saiu do terreiro para se aglomerar na formação do cortejo é a Iyá Bequinha, com o buque extremamente vistoso e grande. Portando, em seus braços, pulseiras, em seus dedos, anéis, além de segurar um frasco de alfazema. Com suas guias de Oxum (amarelo ouro), orixá de cabeça, Ogun (azul marinho), Iemanjá (azul claro) e de Oxalá (branca).

**Foto 40: Mãe Bequinha**



Foto: Roberto Canuto. Fonte: Acervo da autora.

Assim, a distribuição ordenada do cortejo sucede com primeiramente, as seis integrantes do terreiro que estavam portando os alguidares com o milho branco e as flores, pois, simbolizam um pedido de licença, um agô, para a passagem do cortejo. E esses elementos são jogados para o ar e vão ao chão, formando uma espécie de tapete, criando um panorama esteticamente belo.

Logo em seguida, vinha as autoridades afro-religiosas de Riachuelo, Aracaju e outros municípios, formando um cordão em paralelo. Estavam: o Babalorixá João Santos e a Ialorixá Rita Tacitaô, participantes e colaboradores da lavagem em Aracaju; as Ialorixá Bequinha, Cristina, Martha, Naninha, a Equede Caroline, e os Ogans Florival e Clécio, integrantes do Omin Mafé; entre outras pessoas. Eles passam tocando os seus adjás para chamar os orixás a festa, borrifando o caminho com alfazema, no intuito de limpar o ambiente por onde passam, além de, organizarem o cortejo. Os afro-religiosos seguem carregando seus buquês de flores, cantando e dançando fervorosamente os pontos puxados pelos ogãs no mini trio.

**Foto 41: Cortejo da Lavagem de Riachuelo/SE**



Foto: Roberto Canuto. Fonte: Acervo da autora.

Posteriormente, haviam outros adeptos do candomblé e simpatizantes, como filhos de santo, clientes, pagadores de promessa, com as suas flores, torços e roupas, em sua maioria, brancas. Percebemos que era raro a presença de outras cores entre as autoridades. Essas pessoas eram de diferentes terreiros, pois, haviam algumas que não identifiquei como do Omin Mafé.

Tanto nas laterais, como no fundo do cortejo, identificamos outro perfil de participante, que se vestem com diferentes cores, dançam mais despojadamente, consomem bebidas alcoólicas e circulam no espaço lateral e posterior, interagindo com os demais indivíduos através da dança, do diálogo, das risadas.

Essas pessoas se concentram no espaço próximo ao carro com a santa, ficando o mini trio atrás. Uma ação intensamente observada à frente do mini trio é a dança, assim como na lavagem em Aracaju, em que participantes dançam mais próximos ao som, evitando estar no meio do cortejo para não atrapalhar o seu andamento. Isso não implica no fato dos demais indivíduos à sua frente não executem bailados, muito pelo contrário, o ato se dá por todo o ambiente por onde a festa se desenrola.

**Foto 42: Participantes Dançando**



**Foto 43: Final do cortejo da lavagem**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

Mas, no tocante de Riachuelo, como a quantidade de participantes é reduzida, em torno de 150 pessoas, também se visualiza a redução dos aglomerados de pessoas. Sejam nas portas, no cortejo, ou a espera dele na igreja matriz. Por onde passa, as pessoas olham a beleza do momento, percebemos muitas, em suas portas ora aplaudindo, cantando, observando, acenando, juntando-se ao cortejo.

Ao nos aproximarmos da igreja matriz, na Praça Silvio Cezar Leite, mais pessoas iam acompanhando o cortejo desejosos de ver a lavagem das escadarias. À medida que se diminuía a distância, se intensificava a queima de fogos e as batidas nos atabaques. Um dos ogãs, que estava cantando, era o filho de Mãe Bequinha e integrante

do Afoxé Di Preto, Allan d’Xangô, que também tocou na Lavagem de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju/SE.

A chegada na igreja foi por volta das 16:40h e se deu de acordo com a formação das pessoas que estavam a frente do cortejo, pois, como haviam de subir as escadarias, elas continuaram o percurso ordenadamente. Assim, começaram a subir os degraus as filhas de santo que estavam com o milho e as pétalas das flores e, em seguida, as autoridades religiosas, e foram formando uma roda na porta da igreja que estava fechada, sem nenhum representante para recebê-los.

Quando Mãe Bequinha estava subindo os degraus, ela se curvou em reverência ao local, àquele chão, tal como se faz para pedir a benção e licença para os atabaques em dias de festas no terreiro. Enquanto isso, as pessoas ficam esperando o próximo passo da sacerdotisa para saber como agir, para continuarem a subir as escadas ou, até mesmo, para procurarem um lugar em que possa prestigiar o momento de louvação.

Muitas pessoas param para observar a cena e reagem a essa ação. O ogan Clécio e a Iyá Tacitaô borrifam alfazema na mãe de santo, e a equede e o Babalorixá João Santos ficam nas laterais da ialorixá, como se a estivessem protegendo-a, como se aguardassem a incorporação de Oxum. Mas, isso não acontece e ela se ergue para

**Foto 44: Chegada na Igreja Matriz em Riachuelo/SE**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

concluir a subida nas escadarias.

Com o reposicionamento dos participantes, os filhos e filhas de santo realizam uma roda e dançam até a chegada do mini trio e do carro com a imagem de Nossa Senhora, que ficaram estacionados na rua, virados para a igreja. E nesse dançar circularmente, eles estabelecem uma alusão à roda feita no momento do xirê.

Assim, cessando os toques e os cânticos, para que ocorresse o discurso de agradecimento, os ogãs descem com alguns instrumentos e se juntam aos seus pares na porta da igreja. Nesse momento,

também é trazido o microfone sem fio e este é entregue a Ialorixá Cristina, que inicia a fala agradecendo aos presentes por tornar a lavagem cada vez mais um momento de fé e comunhão entre religiões diferentes, e em seguida, continua a sua fala criticando fervorosamente as portas fechadas da igreja. Pois, segundo ela, em pleno século XXI, uma atitude desse tipo, de fechar, a partir do ano de 2011, as

portas, representa a falta de respeito e amor ao próximo, como prega a bíblia. Além disso, ressalta a importância de ter orgulho do candomblé e a lavagem é um exemplo da fé e do orgulho do povo de santo.

**Foto 46: Iyá Regiane Depositando Flores na Porta da Igreja**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

**Foto 45: Participantes em Frente à Igreja Matriz**



Foto: Roberto Canuto. Fonte: Acervo da autora.

Os participantes ficam visivelmente agitados com o discurso proferido e pude escutar falas de indignação para com a igreja, por estar agindo dessa maneira. Com isso, o pronunciamento se encerrou com muitos aplausos e com aclamações de Viva Nossa Senhora da Conceição! Viva Oxum! Ora iêê ô!

Intercalando as saudações, os ogãs e demais adeptos do candomblé, começam a cantar a música Oromimá e Mãe Bequinha caminha em direção à porta da igreja, para, e entrega o buquê de flores que carregava para a mãe pequena do terreiro depositar aos pés da porta. Referenciando, então, a entrega das flores aos pés de Nossa Senhora da Conceição no interior da igreja, pois, era dessa forma que acontecia anteriormente a 2011.

Ao retornar para a escadaria, a Ialorixá anda borrifando alfazema em todas as direções e solicita a quartinha de um dos candomblecistas, retirando e retira as flores, para começar a despejar a água nos degraus da escadaria, dando início a lavagem.

**Foto 47: Mãe Bequinha Lavando as Escadarias da Igreja**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

Em geral, o líquido das quartinhas eram despejados pelas autoridades religiosas e outros participantes. Enquanto isso, senhoras da comunidade esfregavam o chão com as vassouras, as mesmas que saíram com elas do terreiro. Nessa movimentação, de derramar água lavando as escadarias, iam depositando as flores sobre os degraus.

**Foto 48: Flores e Água na Escadaria**



Foto: Liliane Santana. Fonte: Acervo da autora.

Após todas as quartinhas terem a água que reservavam entornada, e todas as flores entregues na escadaria e na porta da igreja, as pessoas voltam a formar a roda e a dançar ao som dos cânticos, não mais entoados pelos ogãs em cima do trio, e sim, por todos aqueles que participavam e sabiam as músicas que eram puxadas por aqueles ogãs

**Foto 49: Roda em Frente à Igreja**



Foto: Roberto Canuto. Fonte: Acervo da autora.

que desceram apressadamente para participar da roda e agradecer aos orixás por mais uma festa.

Assim, às 16h54m, todos param de dançar e o som cessa para que Mãe Bequinha agradecesse a Deus, a Oxum e a Nossa Senhora da Conceição por propiciar aquela festa. Também agradece aos participantes, desejando que Oxalá, Oxum e N. S. da Conceição tragam paz, saúde e prosperidade à todos. E ergue as mãos que segura o pombo branco, soltando-o.

As pessoas aplaudem, erguem as mãos na direção em que o pombo que sai voando. A Iyá Bequinha saúda Oxalá cantando uma oração, que segundo me falaram, seria análoga ao pai nosso do catolicismo. Muitos acompanham cantando e erguendo suas mãos ao céu e as friccionando novamente, repetindo esse gesto algumas vezes, e, ao final, aplaudem.

Posteriormente, os ogãs retornam para o mini trio e Mãe Bequinha chama a todos para retornarem ao terreiro Omin Mafé, para prestigiarem o momento artístico com roda de capoeira e a participação do Afoxé Di Preto. Parte dos presentes segue dançando ao som do mini trio e retornando ao terreiro, outra parte se dispersa em diferentes direções.

Ao passo que a Festa da Lavagem da Conceição em Riachuelo continua para algumas pessoas, como para aquelas envolvidas diretamente na produção da festa, em circunstâncias menos formais que envolvem bebidas alcoólicas, paqueras, danças, ou seja, empregando ações mais lúdicas. Em oposição, acabava para outras que se encaminhavam para as suas casas, levando consigo as lembranças ou flores.

**Foto 50: Participantes Recolhendo Flores Deixadas na Igreja em Riachuelo**



Foto: Roberto Canuto. Fonte: Acervo da autora.

## CONCLUSÃO

No estudo sobre as festas públicas em louvor ao orixá Oxum, procurei dispor acerca de duas festividades produzidas e consumidas pelos adeptos das religiões de matrizes africanas. Para poder compreender a partir da etnografia das Lavagens da Conceição de Aracaju e de Riachuelo, a formação de um circuito de festividades. Esse circuito está demarcado pela característica do louvor, da devoção, da simpatia por Oxum e/ou pela invocação de Nossa Senhora, a Imaculada Conceição.

Mas, também, está envolto nesse fenômeno social a faceta lúdica, pois ela é um aspecto intrínseco ao fenômeno festivo. Não se vai às ruas unicamente prestar homenagens e reverenciar aquilo que se acredita. Existe também, a motivação de ir as ruas para (re)encontrar pessoas, para saber das novidades, para dançar, para consumir bebidas alcoólicas, para comer.

Assim, se vai à festa em busca desses momentos de sociabilidade. Por isso, coloca-se tão evidente o lado profano do fenômeno, que insurge tal como nas festas dentro dos terreiros, que quando se é permitido, após cessar o ritual religioso, alguns dos presentes se reúnem para beber e conversar. No entanto, na rua, no espaço público, essa noção de suspensão do ritual religioso para o início da parte profana não ocorre da mesma forma. Isto é, o profano e o religioso estão imersos no mesmo ambiente.

É justamente a fluidez dessas noções categóricas, religioso oposto do profano, que percebi ser incomoda para parte dos indivíduos católicos. Pois, as lavagens, além de serem realizadas por afro-religiosos, trazem consigo suas características para as ruas, inclusive, para as escadarias das igrejas. Então, esse encontro religioso parcialmente visto como ofensivo, incômodo, para alguns católicos, representantes da igreja e outras pessoas da comunidade. Um encontro onde as práticas desenvolvidas se dão no espaço das escadarias da igreja.

Assim, podemos pensar as escadas, localizadas no espaço da Praça, como um espaço sincrético, considerando as práticas que estão sendo desenvolvidas nela no momento festivo, já que aspectos das religiões envolvidas insurgem num espetáculo representativo, tanto do catolicismo com a benção aos presentes, como da parte dos afro-religiosos com as saudações ao orixá Oxum – Ora ieiê ô – e a lavagem do espaço

de encontro, as escadarias, evidenciando limpeza e sacralização da mesma. Pois, “o espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais [...] está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comanda a prática social” (SANTOS, 1977, p. 92).

Outra questão que percebi no decorrer da pesquisa e que tem uma forte presença na discussão dos cultos afro-brasileiros é o seu aspecto sincrético. A vivência com os atores sociais e o levantamento de dados para compreender o objeto me fizeram visualizar o quanto religiões como o candomblé, a umbanda e outras pertencentes ao universo das religiões de matrizes africanas, relacionam-se com o catolicismo.

Essa relação, discutida por Dantas (1991), se dá pelo determinante temporal, assim como pela crença nos santos católicos e na correlação de alguns destes com os orixás pertencentes ao panteão. Pois, apesar das diferenças territoriais para a correspondência sincrética entre santo católico e orixá, a mesma se dá nas diferentes regiões brasileiras.

Então, questiono-me se sem estabelecer essas relações as religiões afro-brasileiras seriam as mesmas? Dessa forma, pensar o processo de reafirmação seria afastar esse aspecto, implicando na mudança da religião enquanto processo construído historicamente. Assim, as mudanças ocorridas no contexto social, tanto de Sergipe como em outros locais, estariam se transformando na busca da África original dentro desses cultos religiosos.

Por isso, pensar os terreiros como um reduto das particularidades do continente “mãe” seria desconsiderar as relações sociais conflituosas dessas estruturas sociais que se fundiram e se dividiram com grupos e relações específicas, gerando sua própria história, as suas mudanças, tal como são as festas trabalhadas nessa pesquisa (GLUCKMAN, 2010).

Vejo esse sentido de mudança e busca pela visibilidade como motivador e potencializador da festa fora do terreiro, da festa na rua. Funcionando não somente como um norteador temporal, o evento em questão é uma investida para trabalhar na

consciência coletiva, ou seja, na consciência do público e participantes de uma ideia de afro-sergipanidade que busca demarcar a identidade pelo viés racial e territorial.

Mais que isso, a festa impulsiona o circulação de “bens materiais, influência, poder” (GUARINELLO, 2001, p. 973). E pude observar o acionamento desses mecanismos nas produções e execuções das festas, diante do respaldo midiático, da participação e apoio, em alguns momentos, de representantes políticos e do respeito construído, indicado pela abertura do diálogo entre representantes da igreja católica e organizadores das festas. Nesse sentido, entendo que uma das mudanças que se vem promovendo, engloba o respeito para com as religiões de matrizes africanas. Dando-se através do caráter de colocar-se visível na sociedade, assim como declara a Ialorixá Angélica: “não gosto de ser tolerada, mas respeitada”<sup>72</sup>.

Portanto, as histórias multifacetadas aqui abordadas cruzaram o século e vem resistindo anualmente nas ruas, cotidianamente em suas comunidades e tentam acionar meios necessários para não pararem, apesar disso já ter ocorrido com a Lavagem de Nossa Senhora da Conceição em Riachuelo. Na verdade, elas estão resistindo na história local, nas memórias e se disseminando através do surgimento de novas festas, como o Afoxé Omo Oxum, a Lavagem de Nossa Senhora da Conceição em Laranjeiras/SE<sup>73</sup>, e outros eventos nos espaços públicos em louvor aos orixás.

Nesse sentido, observo o quão imprevisível são as mudanças que envolvem este fato social – assim como outros. Desde a promessa dos estudantes em 1982, como Otávio Luiz relatou, não se presumia que culminaria no impulso para um movimento mais vigoroso do terreiro, a instituição, para as ruas. Por isso que parar dói, como sintetiza Mãe Bequinha a respeito da Lavagem em Riachuelo, por isso, que continuar culmina em desgastes políticos e gastos financeiros, vide as duas lavagens.

---

<sup>72</sup> Ver anexo 10 (dez).

<sup>73</sup> Localiza-se a 19 km de Aracaju, na região do Vale do Cotinguiba.

## Referências Bibliográficas

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Palmarinca, 1997.

AGIER, Michel. Exu e o diabo em ruas de carnaval: as identidades negras em questão (Brasil, Colômbia). In: BIRMAN, Patrícia (org). **Religião e espaço público**. São Paulo: ATTAR Editorial, 2003.

AMARAL, Rita. **Xirê! O modo de crer e viver no candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: EDUC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”**. Tese apresentada ao Dep. de Antropologia da FFLCH/USP, 1998.

ANDRADE, Péricles. **Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

APRESENTAÇÃO. **Instituto Dom Luciano Duarte**, Aracaju, s/d. Disponível em: <<http://idld.com.br/index2.php?link=2>>. Acesso em: 17/11/2013

AQUINO, Felipe. **O que é Cardeal, Bispo, Arcebispo, Cônego, Monsenhor?** Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2012/05/06/o-que-e-cardeal-bispo-arcebispo-conego-monsenhor/>> Acesso em: 17/11/2013.

AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.

APOCALIPSE, capítulo 12, versículo 1. In: **A Bíblia Sagrada: tradução na linguagem de hoje**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BARRETO, José de Jesus. **Candomblé da Bahia, resistências e identidade de um povo de fé**. Salvador: Solisluna Design e Editora, 2009.

BEZERRA, Antonio Martins. **Riachuelo passado e riquezas**. 2ª Ed. Aracaju: Textoprnto Editora e Gráfica, 2012.

BISPOS Anteriores, 2º Bispo Metropolitano. **Arquidiocese de Aracaju**, Aracaju, s/d. Disponível em: <[http://www.arquidiocesedearacaju.org/?pg=bispoanterior\\_domluciano](http://www.arquidiocesedearacaju.org/?pg=bispoanterior_domluciano)> Acesso em: 17/11/2013.

BRAGA, Júlio. **A cadeira de Ogã e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, s/d.

CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. 9ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: \_\_\_\_\_. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

COULON, Alain. **A escola de Chicago**. Campinas: Papyrus, 1995.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. 1982. 225 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

\_\_\_\_\_. **Os tempos dos terreiros**. Texto apresentado na II Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste. Recife, 1991. (xerocopiado)

\_\_\_\_\_. Nanã de Aracaju: trajetória de uma mãe plural. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org). **Caminhos da alma: memória afro-brasileira**. São Paulo: Summus, 2002, p. 89-131.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª edição, São Paulo: ATLAS, 2009.

DICIONÁRIO dos rituais afro-brasileiros. Landrina: Edição Eletrônica L P Baçan, 2012.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de J. P. Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mercea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENTREVISTA: Fernando Kasideran, Babalorixá do Ilê Axé Dematá N' Sahara. **Sulanca**, Aracaju, 2007. Disponível em: <<http://www.sulanca.com/pesquisa.asp?pag=41>>. Acesso em: 28 de maio de 2014.

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais**. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

\_\_\_\_\_. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. In: CAROSO, Carlos & BACELAR, Jeferson (org). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999.

FISCHMANN, Roseli. A proposta de concordata com a Santa Sé e o debate na Câmara Federal. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, ago. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302009000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 junho 2014.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. e GASKEL, George (orgs.) **Pesquisa narrativa com textos, imagens e som**. Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zuzulândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 237-364.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Íris (orgs). **Festa: cultura e sociabilidades na América Portuguesa**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 969-975.

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio básico de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

IALORIXÁS e Babalorixás são homenageados em sessão especial. **Câmara Municipal de Aracaju**, Aracaju, 22 de nov. 2010. Disponível em: <<http://www.cmaju.se.gov.br/index.php?view=article&catid=98%3Adestaques&id=2839%3Aialorixas-e-babalorixas-sao-homenageados-em-sessao-especial&tmpl%28%80%A6>>. Acesso em: 18 de novembro de 2013.

JANCSÓ, István & KANTOR, Íris (orgs). Falando de festas. In: \_\_\_\_\_. **Festa: cultura e sociabilidades na América Portuguesa**. São Paulo: Edusp, 2001. p 03-13.

LE GOFF, Jacques. Calendário. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. São Paul: Editora UNICAMP, 1992, p. 485-549.

LEPINE, Claude. **Contribuição ao estudo do sistema de classificação dos tipos psicológicos no candomblé kétu de Salvador**. 1978. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

LODY, Raul. Apresentação e notas. In: CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. 9ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz & QUEIROZ, Renato da Silva (org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.

“NÃO gosto de ser tolerada, mas respeitada”. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 21 de jan. de 2014. Disponível em: <[http://www.jornaldacidade.net/noticia-leitura/69/65173/nao-gosto-de--ser--tolerada,-mas-respeitada.html#.U6\\_fIPldWzE](http://www.jornaldacidade.net/noticia-leitura/69/65173/nao-gosto-de--ser--tolerada,-mas-respeitada.html#.U6_fIPldWzE)>. Acesso em: 10 de junho de 2014.

OLIVEIRA, Agamenon Guimarães de. **Candomblé sergipano**. Aracaju: SEC/CDFB, 1978.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M. (coords.). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés em São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. In: CAROSO, Carlos & BACELAR, Jeferson (orgs). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999.

\_\_\_\_\_. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PREFEITURA de Riachuelo lança programação artística da festa de Nossa Senhora da Conceição. **SE Notícias**, Aracaju, 17 de nov. de 2013. Disponível em: <<http://senoticias.com.br/se/?p=57208>>. Acesso em: 10 de junho de 2014.

PROGRAMAÇÃO Religiosa da Festa de Nossa Senhora da Conceição padroeira de Riachuelo. **Riachuelo News**, Riachuelo, 30 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.riachuelonews.com/2013/11/programacao-religiosa-da-festa-de-nossa.html#.U5cxpvldWzE>>. Acesso em: 10 de junho de 2014.

SANSI, Roger. De imagens negras religiosas a ícones culturais: reflexões sobre as transformações históricas de algumas festas públicas na Bahia. In: BIRMAN, Patrícia (org). **Religião e espaço público**. São Paulo: ATTAR Editorial, 2003.

SANTANA SANTOS, Liliane Maria de. **Dos terreiros para as avenidas: uma análise a partir dos contextos políticos e das lideranças dos afoxés em Sergipe**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SANTANA, Marely C. de. A lavagem da igreja. In: \_\_\_\_\_. **Alma e festa de uma cidade: devoção e construção na Colina do Bonfim**. Salvador: EDUFBA, 2009. p.143-150.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 54, p. 81-99, jun. 1977.

SILVA COSTA, Aline Ferreira da. De militante a “representante do governo”: lideranças negras nos espaços institucionais e suas condições de poder. In: Congresso de La Asociación Latinoamericana de Sociología. 29°. 2013. Santiago. **Anais...** Santiago: FACSO/SOCIORED, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da & AMARAL, Rita de Cássia. Símbolos da herança africana. Por que o candomblé? In: Schwarcz, Lilia M. & REIS, Letícia V. de Souza. **Negras Imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1996.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

ROSA, Maria Cristina (org.). Festar na cultura. In: *Festa, Lazer e Cultura*. São Paulo: Papirus, 2002. p. 11-41. PRANDI, 2001

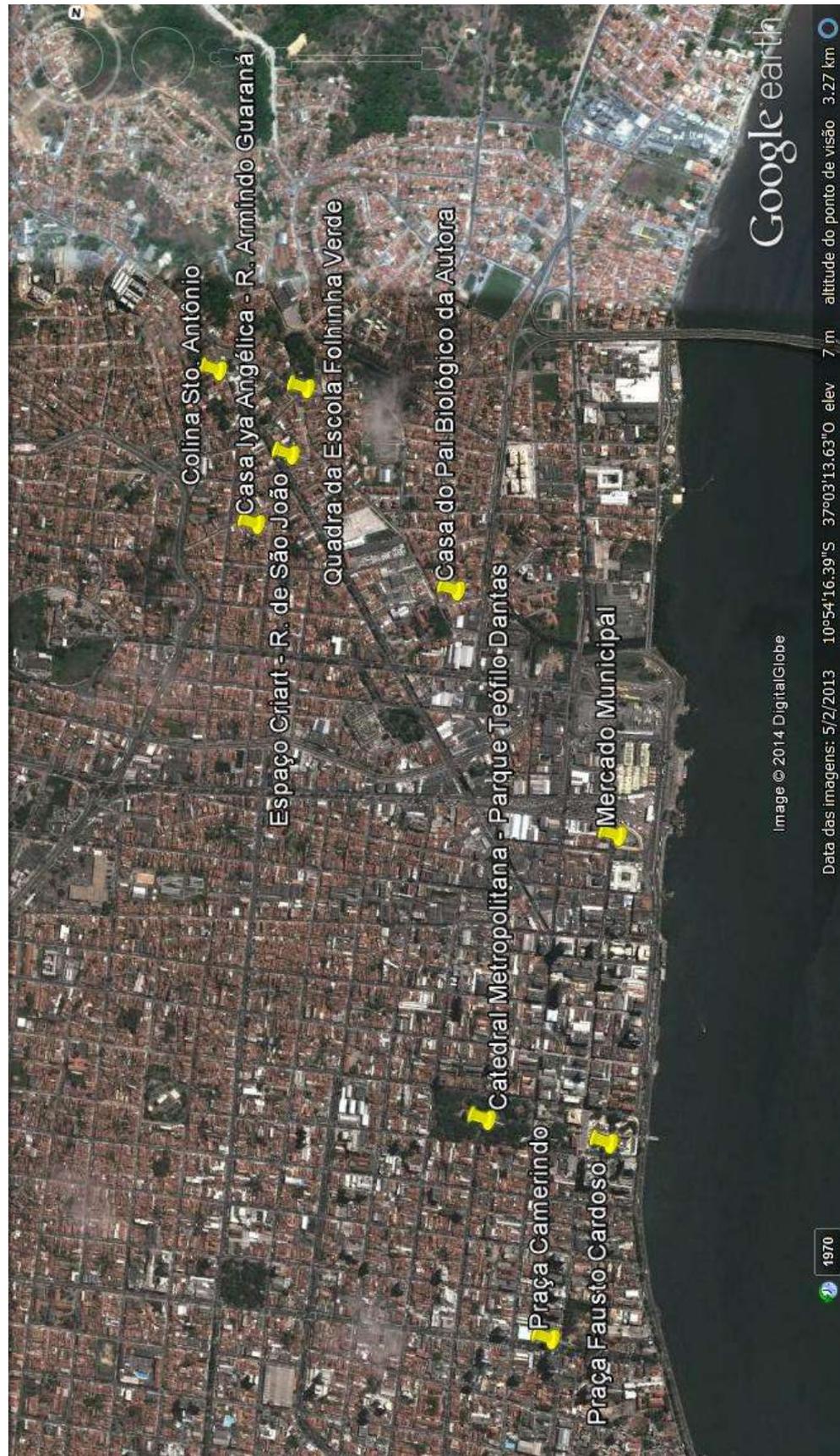
ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (org) **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 107-127.

## ANEXOS

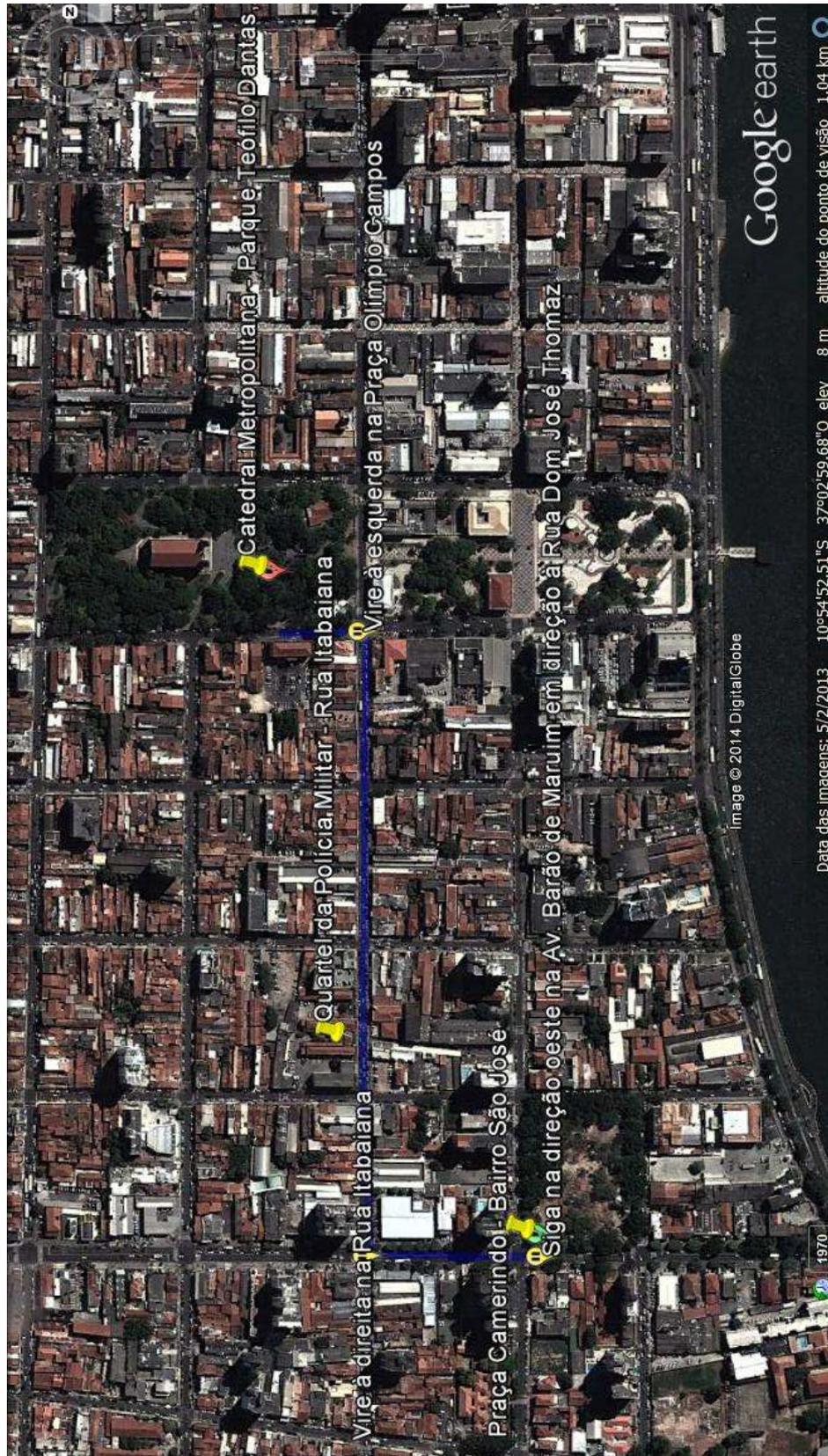
Anexo 1: Mapa Indicando Trajeto do Cortejo da Lavagem em Riachuelo.



Anexo 2: Mapa Indicando Localização de Referências a Lavagem em Aracaju.



Anexo 3: Mapa Indicando Trajeto na Primeira Lavagem em Aracaju.



## Anexo 4



ESTADO DE SERGIPE  
CÂMARA MUNICIPAL DE ARACAJU

**LEI Nº 3.763  
DE 08 DE FEVEREIRO DE 2010**

**Institui o Dia Municipal da Mulher Afrorreligiosa, a ser comemorado no dia 08 de dezembro e dá providências correlatas.**

**O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARACAJU:**

Faço saber que em conformidade com o que dispõe os parágrafos 3º e 6º do art. 109 da Lei Orgânica do Município a Mesa Diretora promulga a seguinte Lei:

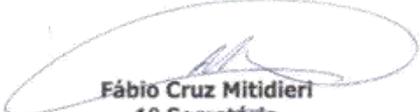
**Art. 1º.** Fica incluído no Calendário Oficial do Município de Aracaju o DIA MUNICIPAL DA MULHER AFRRORRELIGIOSA.

**Art. 2º.** A referida comemoração dar-se-á no dia 08 de dezembro.

**Art. 3º.** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Graccho Cardoso, em Aracaju, 08 de fevereiro de 2010.

  
**Emmanuel da Silva Nascimento**  
Presidente

  
**Fábio Cruz Mitidieri**  
1º Secretário

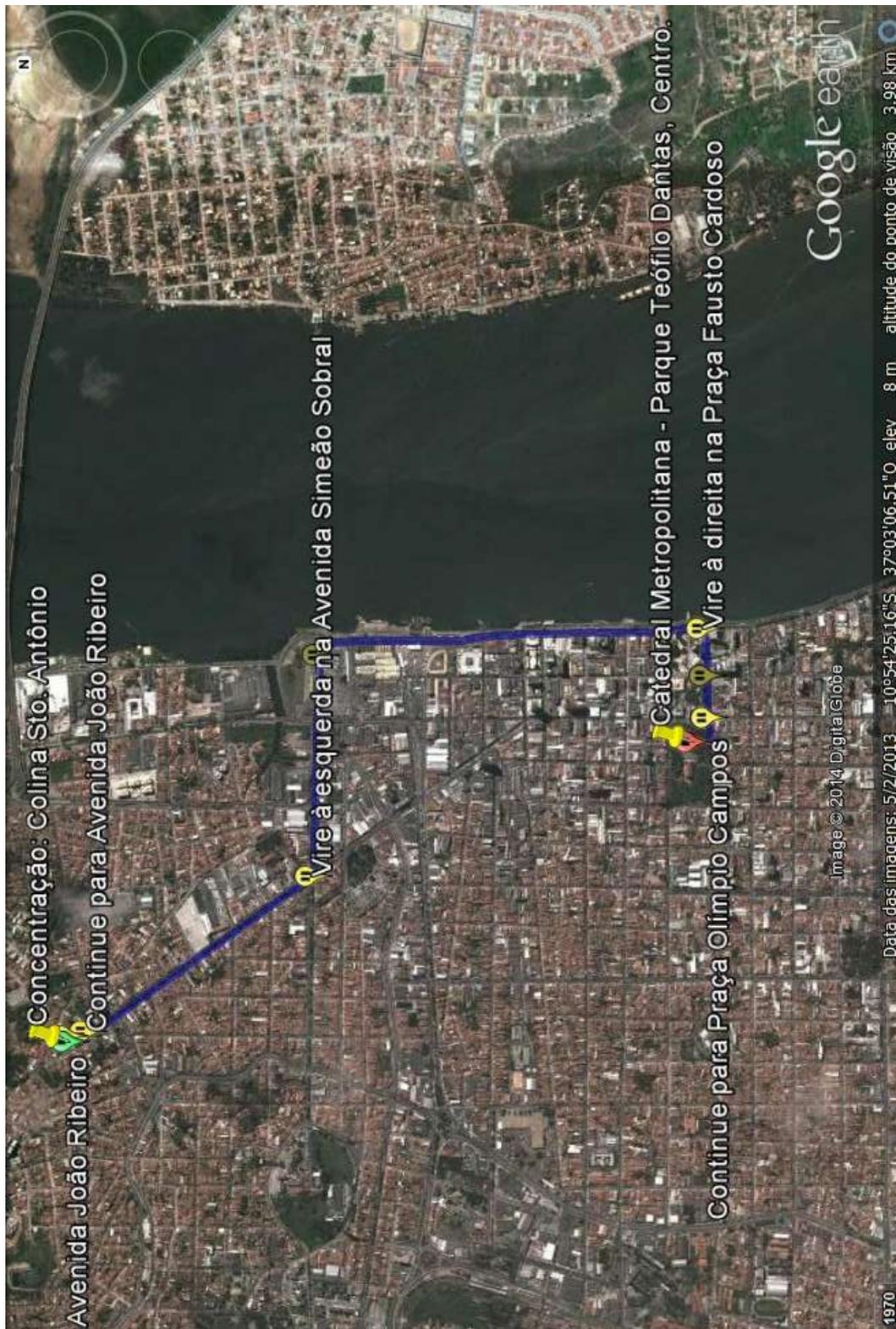
  
**Danilo Dias Sampaio Segundo**  
2º Secretário

Pça: Olímpio Campos, 74 – CENTRO CEP. 49010-010 Fone (079) 2107-4800  
PL Nº 100/2009 - VEREADOR: JOSÉ GONZAGA DE SANTANA

## Anexo 5



Anexo 6: Mapa Indicando Atual Trajeto do Cortejo da Lavagem em Aracaju.



Anexo 7

## Programação Religiosa da Festa de Nossa Senhora da Conceição padroeira de Riachuelo

30 de novembro de 2013 às 14:49



Iniciou-se ontem (29), a programação religiosa da Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Riachuelo, realizada pela paróquia N. Sra. da Conceição. O novenário acontecerá de 29 de novembro a 08 de dezembro 2013, na Igreja Matriz.

"É com muita alegria que convido você, toda sua família e amigos para participarem do novenário alusivo a Excelsa padroeira Nossa Senhora da Conceição. Com a garça de Deus e a proteção da Imaculada Conceição, celebraremos juntos com fé e gratidão mais um ano pelas as inúmeras graças alcançadas em nossas vidas. Venha e participe", convida Pe. Fernando de Jesus, pároco.

### Programação

**29 / 11 / 2013 - Sexta-feira**  
**Celebrante:** Pe. Valdison  
**Patrocinadores:** Escolas particulares, e Coroinhas.  
**Animação:** Grupo Nossa Sra. do Rosário

**30 / 11 / 2013 - Sábado**

*Celebrante:* Pe. Eugênio

*Patrocinadores:* Família Bomfim Barros, Família Zacarias, Família Ana Porto e comunidade Roque Mendes.

*Animação:* Grupo Divino Espírito Santo

**01 / 12 / 2013 - Domingo**

*Celebrante:* Pe. Fernando

*Patrocinadores:* Comerciantes, Fórum, Cartório, Mãe Rainha e Legião de Maria.

*Animação:* Grupo Nossa Sra. do Rosário

**02 / 12 / 2013 - Segunda-feira**

*Celebrante:* Pe. Cássio

*Patrocinadores:* Terço dos Homens, Sisa, Comunidades: Sítio do Meio, Mário Lago, Penha, Fundação e Grupo Ther King.

*Animação:* Terço dos Homens

**03 / 12 / 2013 - Terça-feira**

*Celebrante:* Pe. Raimundo Aguiar

*Patrocinadores:* Pinheiro, Pastoral do Dízimo, Terço das Mulheres, Crisma, Catequese, e Setor II.

*Animação:* Eduardo e Cia

**04 / 12 / 2013 - Quarta-feira**

*Celebrante:* Pe. Flávio Roberto

*Patrocinadores:* Escolas Estaduais e Municipais, Sec.de Educação e Ação Social.

*Animação:* Grupo Divino Espírito Santos

**05 / 12 / 2013 - Quinta-feira**

*Celebrante:* Pe. Claudomiro

*Patrocinadores:* Hospital, Posto de Saúde, Sec. da Saúde pastoral e Família M<sup>a</sup> Domingas.

*Animação:* Eduardo e Cia

**06 / 12 / 2013 - Sexta-feira**

*Celebrante:* Dom Lessa

*Patrocinadores:* Apostolado da Oração e idosos.

*Animação:* Adilma e Cia

**07 / 12 / 2013 - Sábado**

*Celebrante:* Pe. Fabiano

*Patrocinadores:* Prefeitura Municipal, Vereadores, Filhos Ausentes, Motoristas, Motoqueiros e Ciclistas.

*Animação:* Grupo Divino Espírito Santo

**08 / 12 / 2013 - Domingo**

Às 05hs, Alvorada festiva com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Às 06hs, ofício de Nossa Senhora. E as 10hs, Missa solene e primeira Eucaristia, com o Padre Fernando.

Às 13hs, batizados, animação fica por conta do grupo Nossa Sra. do Rosário.

E às 16hs, Procissão, Missa e Bênção do Ssmo. Sacramento, com o padre Jefferson. Animação Corais: Divino e Rosário.

*Por: Redação / Riachuelo News.*

Anexo 8

## Prefeitura de Riachuelo lança programação artística da festa de Nossa Senhora da Conceição



A prefeitura de Riachuelo promove neste fim de semana (sábado e domingo), a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição. Nos dois dias de programação vão subir ao palco bandas reconhecidas em Sergipe e no Brasil, como Valneijós e Calcinha Preta. O público já prepara a animação e a expectativa da administração é receber turistas de todo o Estado.

Para a prefeita Cândia Leite, uma festa grandiosa atrai turistas para a cidade e movimentar a economia local. “Preparamos uma grande festa, que deve atrair turistas de todo o Estado e movimentar a economia local em diversos segmentos. A nossa expectativa é repetir o mesmo sucesso de festas que já promovemos neste primeiro ano de administração”, destacou a prefeita.

### **Confira a programação:**

Festa da Padroeira Nossa da Conceição

21 e 22 de dezembro de 2013

#### **21 de dezembro (Sábado)**

Beba ou Chore

Calcinha Preta

Forrozão Elite

#### **22 de dezembro (Domingo)**

Duas Faces

Banda Valneijós

Diego Costa

**TDantas Comunicação e Marketing/ASCOM PMR.**

Anexo 9

## **lalorixás e Babalorixás são homenageados em Sessão Especial**

Seg, 22 de Novembro de 2010 13:17 Paloma Augusta, Assessoria da Parlamentar



Nesta segunda-feira, 22/11, em Sessão Especial, a vereadora Rosângela Santana (PT) encheu a tribuna da Câmara Municipal de Aracaju de convidados para homenagear, dois dias depois da comemoração oficial da Consciência Negra, os lalorixás e Babalorixás, representantes legítimos das religiões afro-brasileiras de Sergipe.



A vereadora iniciou a sessão falando sobre o Estatuto da Igualdade Racial, instituído pela Lei Nº 12.288 de 20 de julho de 2010, que garante à população negra a igualdade de oportunidades e defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. Para a vereadora essa lei “marca o reconhecimento do poder público com a dívida que tem com o povo negro”.

Compuseram a mesa a antropóloga e lalaxé Profª Martha Salles, Mãe Marizete e Mãe Angélica, lalorixás de terreiros reconhecidos em Sergipe. Estavam presentes também vários Babás e lás sergipanos, bem como filhos de santo e simpatizantes dessas religiões.



Segundo a antropóloga Martha Salles a discriminação às religiões afro-brasileiras vem crescendo no Brasil, culminando numa situação insuportável, onde muitos terreiros vem tendo suas portas fechadas. “Nunca imaginei que na minha geração, que é uma geração mais recente, ainda continuaria presenciando ações de intolerância religiosa cotidianamente.” Afirma.

Diante das acusações de culto ao diabo, Martha não hesitou em afirmar que as religiões afro-brasileiras nada tem a ver com



a figura do diabo cristão e pediu respeito aos que se referem a eles associando-os a coisas negativas. “Nós não precisamos ser tolerados, precisamos ser reconhecidos e respeitados.”

A lalorixá Mãe Angélica agradeceu à Rosangela pela iniciativa e cobrou dos vereadores ações concretas dentro das comunidades. Cobrou ainda a aprovação de um projeto sugerido por ela em 2009 que busca priorizar a educação daqueles jovens periféricos. Apelou, por fim, pela saúde de seus companheiros. “Nossos irmãos afro-descendentes estão morrendo de anemia falciforme”, afirmou.

A presença de mestres e doutores dentro dos terreiros foi ressaltada pela lalorixá. Estes enfrentam a cotidiana situação de descrédito e discriminação, por isso, preferem esconder suas opções religiosas. Mãe Angélica pediu aos filhos de santo que se pronunciem e que não aceitem tamanho desaforo. “Sejam embaixadores do povo Santo dentro da cidade de Aracaju!”



Os vereadores Dr. Gonzaga (PMDB), Miriam Ribeiro (PSDB), Fábio Mitidieri (PDT), Emmanuel Nascimento (PT), Dr. Emerson (PT), Magal da Pastoral (PT) e Elber Batalha (PSB) parabenizaram a iniciativa de Rosangela e aderiram a ela o poder de levar para a tribuna representantes legítimos do povo. “A vereadora Rosangela desempenha e cumpre seu papel de vereadora da comunidade”, afirmou Emmanuel Nascimento demonstrando o grande respeito que tem pela colega.

A sessão foi finalizada com uma saudação feita, por Mãe Marizete, a Oxalá e acompanhada, de pé, por todos presentes na sessão.

*Foto: Alberto Dutra*

Última atualização ( Ter, 23 de Novembro de 2010 09:20 )

## Anexo 10

21/01/2014 ÀS 10H10 - CIDADES

**“Não gosto de ser tolerada, mas respeitada”**

Declaração é da Yalorixá Angélica ao falar sobre o dia de combate à Intolerância Religiosa, neste 21 de janeiro.

Por: Gabriele Frades/ Equipe JC

“É preciso respeito entre as pessoas e as religiões, uma vez que a intolerância religiosa nada mais é que o desconhecimento daquilo que não é comum a si. É a falta de respeito à individualidade de cada ser. Por isso, eu não gosto de ser tolerada, eu quero é ser respeitada. Respeitada naquilo que eu sou, no que eu tenho capacidade de fazer e na religião que eu escolhi seguir”, declarou a yalorixá Maria Angélica de Oliveira. A declaração destaca a importância do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, comemorado hoje, terça-feira, 21, data em que se celebra também o Dia Mundial da Religião.

Durante todo o ano de 2013, vários casos de intolerância religiosa foram denunciados à Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania (Sedhuc). Ainda de acordo com dados da Secretaria, a maior parte deles foi praticado contra religiões de matriz africana, sobretudo a umbanda, o candomblé e a jurema. Mas não foram apenas eles, cada representante religioso, seja de que seguimento for, relata já ter vivenciado várias situações onde a sua escolha religiosa e filosófica foi alvo de olhares tortos e duvidosos. Olhares de preconceito ou mesmo de medo por parte de pessoas de outras religiões ou crenças.



Foto: André Moreira/ Equipe JC

Mãe Angélica

O ex-presidente da Federação Espírita do Estado de Sergipe, Rosevaldo Santos, é um deles. Seguindo os ensinamentos do espiritismo há mais de 30 anos, ele conta que no início não foi fácil suportar os insultos e os olhares atravessados daqueles que não conhecem a doutrina espírita.

“Passei por muitas situações logo quando aceitei a doutrina espírita, nessa época quando eu falava da minha religião, as pessoas só faltavam se acabar de espanto. Certa vez, quando ainda morava em Belém do Pará, saindo do centro, passamos por certa igreja e umas das pessoas, que também saíam com um grupo de lá, caiu e começou a se debater no chão e a espumar pela boca. Os que estavam com ele gritavam que era satanás agindo nele. Nós imediatamente fomos ajudar e constatamos que era um ataque epilético, que podia ser orgânico ou espiritual, começamos a orar por ele e detectamos que o ataque dele foi provocado pela presença de um espírito. Continuamos orando e ele foi deixado, cessando o ataque. Quando acabamos, mesmo tendo ajudado, eles olharam e nos julgaram como se fôssemos demônios também”, lembra Rosevaldo.



Foto: André Moreira/ Equipe JC

Rosevaldo Santos

Hoje a situação é contada de forma cômica, mas Rosevaldo garante que para chegar até aqui foi preciso muito estudo e muita compreensão para com os outros. “O projeto da doutrina espírita é a manutenção ou instalação da paz e para isso trabalhamos com alguns projetos de combate à intolerância, dentro de nós mesmos e esclarecendo aos outros também. O único preconceito que a doutrina espírita tem é o de não ter preconceito, por compreender que todos estamos num processo evolutivo, no qual viemos para aprender e sabemos que, assim sendo, as pessoas erram por ignorância, por não conhecerem o outro. No começo, lidar com todas essas diferenças é difícil sim, mas com o tempo ganhamos maturidade. A religião deve ser uma bússola para a felicidade. Mas enquanto estivermos presos aos grilhões de conceitos prévios, não conseguiremos atingi-la”, afirma.

A yalorixá Maria Angélica também não escapou dessas situações, e relata que muitas vezes as pessoas chegam a passar se “benzendo” ao seu lado. “Já encontrei pessoas que se benzeram ao passar por mim ou mesmo aquelas que vêm a minha casa dizer que Jesus me ama e que ainda há salvação para mim, mas eu sempre respondo que se Jesus me ama, Oxalá também ama ele, porque ambos são o mesmo. Santos e orixás são iguais. Trabalhamos com a natureza, não estamos criando deuses. Cada pessoa, a partir da criação e das vivências que teve, carrega seus conceitos sobre o certo e o errado dentro da religião que escolheu e da vida. Mas isso não lhes dá o direito de tirar o valor do outro, tem que se estudar e conhecer”, acredita.

### **Desconhecimento gera intolerância**

Para Maria Angélica, toda intolerância religiosa seria resolvida simplesmente com o conhecimento. “Pois nenhuma criança nasce odiando nada. Ela é ensinada a não gostar ou odiar, mas ela também pode desenvolver o poder de amar e o de respeitar as opções e escolhas do outro, uma vez que Olodumare ou Deus nos deu o livre arbítrio. Se formos olhar por questões filosóficas, nós podemos perceber que a intolerância nasce a partir do momento em que o cidadão se incomoda até com a prática de estudo do outro, de evolução, de destaque naquilo que faz. Quantas vezes não vemos isso até mesmo dentro da própria religião? Uma competição entre irmão e não uma busca de evolução conjunta. Acredito que é na religião que se deve aprender o respeito e o amor ao próximo”, declara.

Já para o padre Paulo Lima, a intolerância religiosa não é um ato de fé, portanto não deveria existir no meio religioso. “Hoje, nossa igreja - a partir do Papa Francisco - nos propõe uma cultura do encontro, da comunhão, do perdão mútuo e que procuremos banir a intolerância procurando nos aproximarmos uns dos outros respeitando a fé do irmão, sendo assim contra toda e qualquer forma de intolerância”.

Paulo acredita ainda que há muita coisa que precisa melhorar, mas que com os apelos do papa Francisco estamos um pouco mais perto de uma verdadeira escola de comunhão, de unidade e compreensão. “Para melhor viver a nossa fé, é preciso respeitar a fé do outro, sem motivo nenhum para qualquer tipo de desunião, afinal, Jesus nos convida a que todos sejam um. Se ainda existe intolerância entre religiões, é porque falta conversão nos corações humanos e se nós deixarmos guiar pelo Cristo Senhor de todos, logo este quadro mudará para melhor”, afirma.

O padre alega nunca ter enfrentado uma situação constrangedora por conta de sua fé, mas alega que é preciso ter um olhar mais amplo e se solidarizar com as pessoas que diariamente enfrentam essas situações. “Graças a Deus nunca enfrentei qualquer tipo de intolerância, mas devemos ter um olhar bem mais amplo e nos solidarizar com os irmãos e irmãs que em qualquer parte do mundo são alvo de qualquer tipo de intolerância. O melhor caminho para acabar com a intolerância está no respeito ao próximo e nos nossos corações. Precisamos todos de uma verdadeira conversão, de abertura de coração para aqueles que são diferentes de nós, tanto no que vivem como no que celebram, pois o caminho é o do mesmo Deus. Espero que desde já possamos unir forças para por um fim nesse mal e que as religiões procurem se respeitar e buscar um amor recíproco”.

### **Preconceito ainda é um mal**

Para o secretário da Sedhuc, Luiz Eduardo Oliva, a data serve não apenas para comemorar a fé de cada um, mas principalmente para chamar a atenção da população para um problema que infelizmente ainda ocorre nos dias atuais. “Não se pode conceber que as pessoas não possam manifestar livremente suas crenças, que é algo de foro íntimo, uma transcendência do ser com um ser, uma entidade superior. Em tempos remotos as pessoas eram até queimadas vivas por professar uma religião diferente da oficial. O Brasil é um país democrático em que as pessoas possuem plena liberdade de manifestação. Nós temos atuado, através da Ouvidoria Estadual dos Direitos Humanos, para coibir essas ações, mas ainda é muito complicado. Às vezes as pessoas, por ignorância, não entendem as práticas

específicas de cada culto, e quem mais tem sofrido este tipo de preconceito tem sido as religiões de matriz africana”, relata.

Um dos avanços da constituição de 1988 foi liberdade de culto e de religião. O inciso VI do Art. 5º da Constituição Federal que trata dos Direitos e Garantias Individuais assegura que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”. Aliás, este artigo acompanha o Artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, declaração esta que completou 65 anos em dezembro passado, mas que lamentavelmente muitos dos seus artigos ainda são sistematicamente desrespeitados.

Luiz Eduardo ressalta ainda a importância de denunciar os fatos como forma de repreender aqueles que insistem em ofender os praticantes de qualquer religião. “As pessoas que se sentirem ameaçadas porque praticam uma dada religião devem denunciar aquele que comete este crime de preconceito. Pode também ser feita uma denúncia à Ouvidoria Estadual dos Direitos Humanos que funciona em nossa Secretaria. Também podem buscar respaldo no Ministério Público Estadual e até mesmo entrar com ação na Justiça através de advogado. Outra forma é conscientizando a população, com ações de esclarecimento, com datas como a do dia 21, com seminários, com a existência de organizações que tratam deste assunto como é o caso do Fórum de Religiosidade de Matriz Africana”, finaliza.